GRUPO PROMOTOR DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Curso Básico de Espiritismo

ÍNDICE

Introdução 03

Curso Básico de Espiritismo 05

Breve histórico: Clube dos Jornalistas Espíritas / Grupo Promotor de Estudos Espíritas 137

INTRODUÇÃO

Em uma segunda-feira do mês de agosto de 2008, durante uma reunião realizada no Centro Espírita Gethsemani, chegou-me às mãos um material datilografado denominado "Curso de Espiritismo por Correspondência", que me foi cedido pelo Sr. Miguel Jacintho Filho.

Há cerca de 40 anos o Sr. Miguel, sua esposa Dona Nelly e, mais recentemente, sua filha Suely dirigem o Centro Espírita Gethsemani, localizado no Bairro Saúde, São Paulo, SP.

O Sr. Miguel esclareceu que esse material foi elaborado em meados dos anos 1960 e tinha, como principal objetivo, a divulgação do Espiritismo pelo Grupo Promotor de Estudos Espíritas, formado por integrantes do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo.

Segundo me informou o Sr. Miguel, o texto das aulas do "Curso de Espiritismo por Correspondência" é de autoria do ilustre autor e divulgador da Doutrina Espírita, Sr. José Herculano Pires. Conforme me foi relatado, o Sr. José Herculano Pires produzia o texto das aulas e o Sr. Miguel, de início, e o Sr. Paulo Urbini, posteriormente, se encarregavam da datilografia/geração de cópias ("mimeografadas", na época) e remessa postal para os interessados, tudo às suas expensas, sem nenhum ônus para os participantes do curso.

A leitura desse material me deu a percepção da preciosidade que tinha nas mãos e que, no decorrer do tempo, por várias circustâncias, praticamente havia caído no esquecimento. Fiquei entusiasmado com a qualidade do texto e lamentei que ele não estivesse acessível ao público.

Ocorreu-me, então, a idéia de novamente tornar disponível aos interessados o "Curso de Espiritismo por Correspondência", agora não mais divulgado através dos correios, mas por meio eletrônico, pela Internet. Tendo a aprovação do Sr. Miguel, passei a digitar o texto no computador, trabalho concluído em janeiro de 2009.

O texto original do "Curso de Espiritismo por Correspondência" era subdividido em duas séries, A e B, cada uma contendo 30 aulas. Os temas que compunham as aulas da série A concentravam-se nos aspectos relacionados à existência dos Espíritos e do mundo espiritual, enquanto que os temas da série B remetiam ao conhecimento da história do Espiritismo e dos conceitos básicos da Doutrina Espírita. Deduzi que, na época, a subdivisão do curso em aulas foi elaborada de forma a facilitar a remessa por correspondência. Em alguns casos, por exemplo, um mesmo tema foi dividido em mais de uma aula, visando manter um balanceamento de, em média, três páginas por aula.

Considerando que, daqui por diante, o texto do curso estaria disponível na forma eletrônica, pareceu-me mais apropriado transformar os temas em capítulos, dispensando a divisão por aulas. Desta forma, duas ou mais aulas do texto original, que tratavam do mesmo tema, seriam transformadas em um único capítulo, no texto atual. Para manter a adequação à nova estrutura, as séries A e B passariam a ser denominadas Parte 1 e Parte 2, respectivamente. Além disso, o meio eletrônico permite maior agilidade e rapidez no acesso às informações, tornando mais atrativo o contato imediato com o texto completo do curso, ao invés da segmentação e disponibilização gradativa. Nesse sentido, dentro da realidade

atual, considerei mais adequado reformular o título do curso para "Curso Básico de Espiritismo". Submetidas ao Sr. Miguel, obtive a sua aprovação para essas alterações.

Portanto, à exceção das alterações acima citadas e salvo pequenas correções ortográficas e de construções gramaticais, o texto do "Curso Básico de Espiritismo", que a seguir será apresentado, corresponde exatamente à criação original do Sr. José Herculano Pires. Assim, a partir da divulgação deste livro, as obras do inesquecível J. Herculano Pires se completam, com o "Curso Básico de Espiritismo" e com o "Curso Dinâmico de Espiritismo", este último já amplamente divulgado e conhecido.

Por outro lado, a realização deste trabalho despertou-me a curiosidade de conhecer um pouco da história do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, do Grupo Promotor de Estudos Espíritas, dos seus integrantes e das suas contribuições para a divulgação da Doutrina Espírita. Talvez em decorrência da situação política vigente na época, as poucas informações escritas que eu pude recolher estavam fragmentadas e dispersas. Recorri, inclusive, à memória do Sr. Miguel Jacintho Filho mas, devido ao tempo decorrido, não foi possível um posicionamento preciso das datas e dos fatos.

Em que pesem tais dificuldades, as informações pesquisadas sobre a história do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, do Grupo Promotor de Estudos Espíritas, de seus integrantes e da criação do "Curso de Espiritismo por Correspondência", encontram-se reunidas no capítulo final deste trabalho, numa justa homenagem a todos aqueles que tanto trabalharam para a divulgação da Doutrina Espírita e para que pudéssemos dispor de conhecimentos capazes de contribuir para a nossa elevação espiritual.

São Paulo, fevereiro de 2009.

Agricio Sgarbi Junior

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO

Autor: José Herculano Pires

ÍNDICE – PARTE 1

01	Há Espíritos e eles sobrevivem à morte do corpo	09
02	A possibilidade dos Espíritos se comunicarem com os homens ...	11
03	O Perispírito	12
04	Da Encarnação dos Espíritos – Objetivo da Encarnação	16
05	Da volta do Espírito à vida corporal	19
06	Reencarnação – Esquecimento do passado	21
07	Reencarnação – Providências para a reencarnação	22
08	Reencarnação – Preparação para o reencarnante	25
09	Reencarnação – Encontro prévio com os pais	27
10	Reencarnação – Ligação do Espírito ao óvulo – nascimento	29
11	Desencarnação – A separação da alma, do corpo	30
12	Desencarnação – Um caso como exemplo	36
13	Sensações e sofrimentos dos Espíritos	43
14	Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos	45
15	Dois casos como exemplos: influência para o mal e influência para o bem	48
16	Obsessão e suas causas	51
17	As origens das obsessões	52
18	Obsessão – exemplos de causas de obsessões	54
19	Obsessão – Fascinação	58
20	Obsessão – Subjugação (possessão)	59
21	Obsessão – O despertar da consciência	61
22	Obsessão – Sintomas iniciais de obsessão	63
23	Obsessão – Tratamento de obsessões	65
24	A Fé transporta montanhas	67

ÍNDICE – PARTE 2

01	Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – perseverança e serenidade no estudo	70
02	Allan Kardec – O Codificador do Espiritismo	72
03	A crença nos Espíritos e na possibilidade de comunicação com os homens	74
04	A história do Espiritismo – As mesas girantes	77
05	O Livro dos Espíritos	79
06	A Codificação Espírita	82
07	Espiritismo e Espiritualismo	85
08	Identidade dos Espíritos – Análise das comunicações	88
09	Linguagem dos Espíritos – Contradições	90
10	As questões de ortografia	91
11	A linguagem do pensamento	93
12	A loucura e o suicídio	95
13	Do maravilhoso e do sobrenatural	97
14	Os milagres no sentido teológico – O Espiritismo não faz milagres	100
15	Religião Espírita	102
16	Deus	106
17	Jesus	107
18	Céu e Inferno	110
19	Anjos e Demônios	113
20	Quanto à criação dos Espíritos	116
21	União do princípio espiritual à matéria	121
22	Formação dos seres vivos – povoamento da Terra	123
23	Hipótese sobre a origem do corpo humano	125
24	Conceito de mediunidade	126
25	Suicídio	131
26	Aborto	133
27	O Evangelho, segundo o Espiritismo	135

PARTE 1

Capítulo 01 – Parte 1

Há Espíritos e eles sobrevivem à morte do corpo

A dúvida quanto à existência dos Espíritos tem, como causa primária, a ignorância a cerca da verdadeira natureza deles.

Muitas pessoas, mais ou menos como os que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentados quando crianças.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam.

Mas, seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. A crença nos Espíritos é incompatível com a negação absoluta deste princípio.

Tomamos então, como ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma. Existência, sobrevivência e individualidade, que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a sua demonstração positiva.

Desde que se admita a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é, também, que se admita:

1º Que a natureza da alma difere da natureza do corpo visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo;

2º Que a alma goza de consciência de si mesma, pois pode sentir alegria ou sofrer.

Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai? Segundo a crença vulgar, vai para o céu ou para o inferno. Mas onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se, outrora, que o céu era em cima e o inferno em baixo. Mas o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra e o movimento dos astros, que faz com que, aquilo que em dado instante está no “alto”, doze horas depois esteja em “baixo”?

Muitas pessoas admitem a existência da alma ou Espírito, mas negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão – dizem – de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria.

É que supõem serem os Espíritos seres irreais, vagos e abstratos, o que não é verdade.

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois é o ser que pensa, ama ou odeia e sobrevive à morte do corpo. O corpo não passa de um acessório seu, um invólucro, uma espécie de vestimenta, que ele deixa quando está muito usada.

Além desse invólucro material (o corpo), tem o Espírito um segundo invólucro, semi-material, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se do corpo mas não deste outro invólucro, o semi-material, a que damos o nome de perispírito.

Esse invólucro semi-material, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas propriedades da matéria.

O Espírito não é, pois, uma coisa vaga, abstrata. É um ser humano, transitoriamente sem o corpo carnal, mas que pode atuar sobre a matéria e comunicar-se com os homens (que são Espíritos encarnados) valendo-se do seu perispírito ou da transmissão do pensamento.

A existência da alma ou Espírito, e de Deus, constituindo a base de todo o edifício doutrinário, leva-nos a indagar do nosso interlocutor:

1º Credes em Deus?

2º Credes que tendes uma alma?

3º Credes na sobrevivência da alma após a morte?

Se a resposta do nosso interlocutor for: “Não sei, desejava que assim fosse, mas não tenho certeza disso”, expressão esta que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o que ele chama de preconceitos respeitáveis, seria tão inútil continuarmos com a apresentação destes temas, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a sua existência.

Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

Referência bibliográfica: Livro dos Médiuns – Capítulo 1.

Capítulo 02 – Parte 1

A possibilidade dos Espíritos se comunicarem com os homens

Resta, agora, a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com ele trocar idéias.

Porque não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Porque não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre se comunica com o encarcerado?

Desde que seja admitida a sobrevivência da alma, ou Espírito, será racional não admitir-se a sobrevivência dos afetos? E podendo os Espíritos, libertos do corpo, irem a toda parte, não será natural acreditarmos que a alma de um ente que nos amou durante a vida, se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha?

Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria do seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Porque razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo para exprimir seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreender?

Aos que, acreditando na existência de Deus, na existência da alma e na sobrevivência desta alma após a morte do corpo, mas não aceitando a possibilidade da alma poder se comunicar com os homens, Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, fez um convite: - O de provarem, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º Que o ser pensante que existe em nós, durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2º Que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3º Que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4º Que, podendo estar em toda parte, não pode estar do nosso lado;

5º Que, podendo estar do nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º Que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7º Que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º Que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9º Que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas nem lhe transmitir seus pensamentos.

Referência bibliográfica: Livro dos Médiuns – Capítulo 1.

Capítulo 03 – Parte 1

O Perispírito

No Evangelho, os apóstolos Mateus, Marcos e Lucas registram que Jesus subiu ao Monte Tabor para orar, levando consigo os apóstolos Pedro, João e Tiago e estes viram que, enquanto Jesus orava, seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram.

Apareceram, então, dois Espíritos que conversaram com Jesus e os apóstolos reconheceram serem eles Moisés e Elias.

Moisés havia desencarnado há, aproximadamente, 1.400 anos daquela época e Elias desencarnara há uns 600 anos e foram reconhecidos porque estavam sendo vistos pelos apóstolos com um corpo espiritual, ou perispírito, de aparência idêntica ao corpo físico que tinham quando estavam vivendo na Terra.

É a esse corpo espiritual, fluídico, que o Espiritismo denomina de Perispírito.

Este corpo espiritual foi mencionado, também, pelo apóstolo Paulo, em sua epístola I Coríntios, cap. 15, v. 44: "semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural há, também, corpo espiritual".

Quando uma pessoa morre, ou desencarna, do corpo morto afasta-se o Espírito, que se desliga daquele corpo e passa a viver, desde então, no chamado "mundo espiritual".

Se esse Espírito for visto por médiuns videntes ou, então, se ele tornar-se visível às pessoas que o conheceram quando vivia na Terra, essas pessoas o reconhecerão, porque o Espírito continuará tendo a mesma aparência física que tinha quando estava vivo ou encarnado.

É evidente que esse Espírito não estará sendo visto com o seu antigo corpo físico ou carnal, que já foi sepultado, mas estará sendo visto e reconhecido por usar um corpo espiritual que será, na aparência, idêntico ao seu antigo corpo físico.

Esse Espírito estará sendo visto com o seu corpo espiritual ou perispírito.

N.B.: O perispírito é somente um corpo fluídico, de matéria quintessenciada que o Espírito usa: <u>O Perispírito não é o Espírito</u>.

O Espírito propriamente dito, sendo imaterial, é totalmente inapreensível ao nosso entendimento, quanto a que forma, aparência, etc ... possa ter, isto pelo menos enquanto estivermos vivendo na Terra.

Se um Espírito for visto por nós, o veremos sempre com o seu corpo espiritual ou perispírito. Se fosse possível a esse Espírito tirar de si o seu corpo espiritual, não o veríamos mais e nem mesmo poderíamos imaginar, repetimos, que forma, aparência, etc ... ele passaria a ter.

O Espírito conserva o seu perispírito sempre, esteja vivendo no mundo espiritual ou encarnado na Terra.

Durante a encarnação na Terra conserva seu perispírito, sendo-lhe o corpo físico apenas um segundo envoltório, mais grosseiro, mais resistente, apropriado às tarefas que tenha a executar e do qual se despojará por ocasião da morte.

Enquanto estiver vivendo na Terra, o perispírito serve de intermediário entre o Espírito e o corpo, pois é o órgão de todas as sensações.

Relativamente às sensações que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe as impressões e, através do perispírito, estas são transmitidas ao Espírito que, sendo o ser sensível e inteligente, as recebe.

Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.

O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera, que o pensamento e a vontade podem dilatar mais ou menos.

Essa espécie de atmosfera é também, comumente, denominada “aura”.

É por isso que há pessoas que, sem estarem em contacto corporal, podem estar em contacto pelos seus perispíritos, permutando automaticamente impressões de simpatia ou antipatia.

Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos.

Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. A sua natureza etérea não é que impediria isto, pois se sabe que os mais poderosos motores são acionados pelos fluídos mais rarefeitos e mais imponderáveis.

Não há, pois, motivo de espanto quando, usando o perispírito como se fosse uma “alavanca”, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos.

Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos, pela transmissão de pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Ou seja, por todos os meios que sirvam para pô-los em comunicação com os homens.

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma imensidade de fluídos que sabemos existirem, mas que nunca vimos.

O perispírito pode, também, como alguns fluídos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na sua disposição molecular.

Ele pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retornar instantaneamente ao seu estado etéreo e invisível.

É possível fazer-se idéia desse efeito de materialização e desmaterialização do perispírito, pelo que acontece com o vapor, que passa do estado de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido e, em seguida, ao sólido. E que pode retornar, depois, aos estados líquido, brumoso e de invisibilidade.

Mas esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os gases.

Quando um Espírito aparece para alguém, isso acontece porque ele põe seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Entretanto, nem sempre basta a sua vontade para fazê-lo visível. É preciso, para que se opere a modificação do seu perispírito, o concurso de umas tantas circunstâncias, que independem dele.

É preciso, também, que ao Espírito seja permitido fazer-se visível a tal pessoa, permissão que nem sempre lhe é concedida, ou somente o é em determinadas circustâncias (vide Livro dos Médiuns, pág. 132).

Outra peculiaridade do perispírito é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculos.

Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto fechado. Eles visitam o preso, no cárcere, tão facilmente como visitam uma pessoa que está trabalhando no campo.

A natureza do perispírito está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os inferiores não podem mudar ou modificar a condensação do seu envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro.

Existem Espíritos cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável quando comparado com a matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual.

Nessa categoria incluem-se aqueles cujo perispírito é tão grosseiro que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos.

Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros, embora sejam um pouco mais desmaterializados, não o são, contudo, suficientemente para se elevarem acima das regiões terrestres.

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Tiram, então, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação de um envoltório fluídico apropriado ao meio em que se encontram.

Fazem como o nobre, que despe temporariamente suas vestes, para envergar trajes plebeus, sem deixar, por isso de ser nobre. É assim que os Espíritos de categoria mais

elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra, ou aqui encarnar, em missão de sacrifício, por amor universal.

No desempenho dessas missões esses Espíritos, cujos perispíritos são levíssimos em resultado do seu grau de evolução, não podem manter seus perispíritos nessas condições. Para suportarem os ambientes grosseiros onde vão nascer, fazem um esforço, para eles desagradável, para que seus perispíritos se tornem densos e pesados, apropriados às condições do mundo onde vão encarnar.

Quando encarnam na Terra, sujeitos às leis naturais das reencarnações, esquecem temporariamente o seu passado, mas conservam por intuição a lembrança das regiões de onde vieram e que, em pensamento, vêem. São como videntes no meio de cegos.

Repetimos, os Espíritos retiram do mundo onde vão nascer os elementos com que são plasmados ou modificados seus perispíritos e, no caso da Terra, atraem automaticamente para si, por afinidade, as moléculas materiais quintessenciadas existentes na atmosfera espiritual da Terra.

A atração das moléculas se processa automaticamente, por afinidade, na razão direta da elevação do próprio Espírito. Um Espírito superior atrairá as moléculas elementares mais puras e, um inferior, atrairá as menos puras.

As camadas de fluídos espirituais que cercam a Terra não são homogêneas no seu todo. São o resultado de uma mistura de moléculas elementares que lhe formam a base, mas que estão mais ou menos alteradas por diversas circustâncias, uma das quais são os pensamentos coletivos dos homens.

Os efeitos que esses fluídos produzem estão sempre na razão das partes puras que eles encerram.

Para comparação: A camada de fluídos espirituais que cerca a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera física, que são mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores.

E também não são homogêneos estes fluídos. São uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. E os efeitos que esses fluídos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram.

Tal, por comparação, o álcool retificado, ou misturado, em diferentes proporções, com a água ou outra substância: seu peso específico aumenta, por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que sua força e sua inflamabilidade diminuem, embora no todo continue a haver álcool puro.

Referências bibliográficas:
A Gênese – Capítulo XIV
Obras Póstumas – Primeira Parte I

Capítulo 04 – Parte 1

Da encarnação dos Espíritos

Objetivo da Encarnação

Para facilitar a compreensão do tema, transcrevemos de "O Livro dos Espíritos" algumas perguntas que Kardec fez aos Espíritos, sobre o assunto, e as respostas que recebeu.

P - Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

R – "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal, nisso é que está a expiação".

Visa, ainda, outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação.

Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

Observação de Kardec: "A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação, eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário, na Natureza".

Mas, continuemos transcrevendo as perguntas e respostas.

P – Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

R – "Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito".

P – Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?

R – "Chegam mais depressa ao fim. Demais, as aflições da vida são, muitas vezes, a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos".

N.B.: Para melhor entendimento do assunto transcrevemos, agora, alguns ítens do livro "A Gênese", sobre o mesmo tema e, para os estudantes que desejarem se aprofundar no assunto, recomendamos a leitura do livro "O Céu e o Inferno", capítulo III, ítens 8 e seguintes.

"O princípio da reencarnação é uma consequência da lei do progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie?

Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras.

Porque, então, as almas de hoje haveriam de ser mais bem dotadas por Deus, do que aquelas que as precederam? Porque tem aquelas melhor compreensão? Porque possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Porque têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido?

Duvidamos que alguém saia desses dilemas, a menos que admita que Deus crie almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma justiça soberana".

"A obrigação que tem o Espírito encarnado, de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las.

Útil, portanto, ao seu adiantamento, é a sua união com a matéria.

Daí constituir uma necessidade, a reencarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso do globo, que lhe serve de habitação.

É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente".

"Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua, é transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro.

Durante mais ou menos considerável lapso de tempo, vive da vida espiritual, que é a sua vida normal, de tal sorte que insignificante vem a ser o tempo que lhe duram as encarnações, se comparada ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal.

Examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta guiar-se em nova existência, com a idéia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo para frente, no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação".

"Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio dele progredir.

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, com o subtrair-se à influência da matéria. Sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam, sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado.

Entretanto, como atua em virtude de seu livre arbítrio, pode ele, por negligência ou má vontade, retardar o seu avanço. Prolonga, consequentemente, a duração de suas encarnações materiais que, então, se lhe tornam uma punição pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa.

Depende, pois, do Espírito, abreviar, pelo trabalho de depuração, executado sobre si mesmo, a extensão do período das encarnações".

Referências bibliográficas:
"O Livro dos Espíritos"- parte segunda – capítulo II.
"A Gênese" – capítulo XI – ítens 33, depois 24, 25 e 26.
"O Céu e o Inferno"- capítulo III – ítem 8 e seguintes.

Capítulo 05 – Parte 1

Da volta do Espírito à vida corporal

P – Sabem os Espíritos em que época reencarnarão?

R – "Pressentem-na, com sucede ao cego que se aproxima do fogo. Sabem que têm de retornar a um corpo, como sabeis que tendes de morrer um dia, mas ignoram quando isso se dará".

P – Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

R – "Muitos há que em tal coisa não pensam, que nem sequer a compreendem. Depende de estarem mais ou menos adiantados. Para alguns, a incerteza em que se acham do futuro que os aguarda, constitui punição".

P – Pode o Espírito apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

R – "Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente; pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há os covardes e indiferentes. Nenhum, porém, assim procede impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo".

P – No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos seus amigos, que vêm assistir à sua partida do mundo incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

R – "Depende da esfera a que pertença. Se já está na esfera em que reina a afeição, os Espíritos que lhe querem o acompanham até o último momento. Animam e mesmo lhe seguem, muitas vezes, os passos pela vida afora".

P – Em que momento a alma se une ao corpo?

R – "A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando, até o instante em que a criança vê a luz. O grito que o recém-nascido solta anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus".

P – Quando falha, por qualquer causa, a encarnação de um Espírito, ela é suprida imediatamente por outra existência?

R – "Nem sempre o é imediatamente. Faz-se mister dar ao Espírito tempo para proceder à nova escolha, a menos que a reencarnação imediata corresponda a anterior determinação".

P – No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, goza o Espírito de todas as suas faculdades?

R – "Mais ou menos, conforme o ponto em que se acha dessa fase, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo, até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado, durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco, ao retornar ao estado de Espírito".

O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação:

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico o qual, de certo modo, faz parte integrante dele.

É semi-material esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea.

Como toda matéria, ele é extraído do fluído cósmico universal que, nessas circunstâncias, sofre uma modificação especial.

Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluídos imponderáveis que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao germe que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção.

À medida que o germe se desenvolve o laço se encurta e, sob a influência do princípio vito-material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação.

Daí o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse germe, como uma planta na Terra.

Quando o germe chega ao seu pleno desenvolvimento completa é a ligação, nascendo, então, o ser para a vida exterior.

Referências bibliográficas:
"O Livro dos Espíritos"- parte segunda – capítulo VII.
"A Gênese" – capítulo XI – ítens 17, 18 e 19.

Capítulo 06 – Parte 1

Reencarnação – Esquecimento do passado

P – Porque perde o Espírito encarnado a lembrança do passado?

R – "Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer, em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas ficaria ofuscado como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido do seu passado, ele é mais senhor de si".

P – Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu? Concebe-se que as tribulações da existência lhe servissem de lição, se recordasse do que as tenha podido ocasionar. Desde, porém, que disso não se recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira e eis que, então, está sempre a recomeçar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

R – "Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito, se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espiritual), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece, então, justa a situação em que se acha e busca uma existência capaz de reparar a que vem de transcorrer. Escolhe provas análogas às de que não soube aproveitar, ou as lutas que considera apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empresa que sobre si toma, ciente de que o Espírito que lhe for dado por guia nessa outra existência, se esforçará para o levar a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das em que incorreu. Tendes essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis atribuindo, as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Na nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles".

<u>Observação de Kardec</u>: "Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências. Mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, nos concita à resistência àqueles pendores".

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Espíritos"- parte segunda – capítulo VII.

Capítulo 07 – Parte 1

Reencarnação – Providências para a reencarnação

Ninguém nasce por acaso. Todos os nascimentos são planejados no mundo espiritual, tanto para o Espírito que deva viver na Terra por 100 anos, como para aquele que precisa desligar-se do corpo físico quando este ainda estiver no ventre materno, não tendo propriamente nascido para a vida. Nesta última hipótese está, evidentemente, excluído qualquer esforço dos pais provocando o aborto.

Quando um Espírito vai reencarnar, Espíritos especializados no assunto estudam o passado do candidato à reencarnação e fazem um mapa de suas necessidades mais urgentes, para que esse reencarnante se harmonize com as leis divinas.

Feito esse estudo, traçam um programa de tarefas edificantes para serem cumpridas por ele, na Terra, e os guias da reencarnação fixam uma cota de valores espirituais que ele terá a possibilidade de conseguir, durante a existência terrena.

Mas, adquirir essa cota de valores eternos, dependerá do seu esforço e, também, do seu livre arbítrio, pois o reencarnante poderá conseguir até ultrapassar a cota, ou não conseguir nada e, até mesmo, agravar o seu destino, praticando o mal e não o bem, aumentando, com isso, o seu débito para com a lei divina.

Notemos que o programa de realizações é traçado para o bem do Espírito reencarnante, mas isto não significa que seja o seu destino, pois que não existindo determinismo ou fatalismo, o destino será feito por ele mesmo que, com as ações do presente, irá delineando o futuro, em consequência de leis naturais de ação e reação.

O processo de cada reencarnação tem particularidades próprias diferindo, em cada caso, quanto aos detalhes, mas tendo como regra básica geral, a de ser indispensável para todos os Espíritos e a de oferecer ao reencarnante possibilidades de progresso.

Quanto às particularidades, elas decorrem de existirem, no mundo espiritual, Espíritos em diferentes condições quanto ao conhecimento da situação em que se encontram e sobre o mundo em que vivem.

Há Espíritos que não sabem que morreram, pensam que ainda continuam vivendo na Terra e, para estes, muitas vezes, os guias de reencarnação providenciam para que renasçam e, adormecendo no mundo dos Espíritos, acordem na Terra, encarnados num corpo de criança, sem tomarem conhecimento do que lhes aconteceu.

Existem outros Espíritos que sabem que morreram, mas são tão ignorantes e indiferentes a tudo que os cerca no mundo espiritual, que também reencarnam sem entenderem o que está acontecendo.

Porém, muitos Espíritos, embora medianamente evoluídos, estão conscientes da própria situação e, quando chega a hora de reencarnarem, colaboram nos planejamentos que a eles digam respeito.

Para o nosso estudo, tomaremos como exemplo o caso de um desses Espíritos, consciente da situação. Em linhas gerais, acontecerá mais ou menos o seguinte:

Depois de ter desencarnado, o Espírito passa a viver no mundo espiritual e, assim que se liberta do atordoamento e perturbação dos sentidos, próprios do fenômeno da morte física, começa a se recordar do que fez durante a última existência terrena.

Passam pela sua mente as recordações das ações que praticou e as considera importantes, em razão das consequências que tiveram sobre ele, como Espírito, e sobre as pessoas com as quais se relacionou durante a vida na Terra.

Fica contente com o bem que tenha feito e triste com o mal praticado.

Esse exercício de recordação pode ampliar-se fazendo-o relembrar, também, fatos ocorridos durante reencarnações anteriores à última que teve, o que lhe dá uma visão clara da necessidade de fazer alguma coisa para reparar as faltas que tenha cometido contra os seus semelhantes.

Mas, notemos que a lei divina não lhe permite recordar-se, de repente, de atos que tenha praticado em reencarnações passadas, se a lembrança do que fez puder lançá-lo em desequilíbrio das emoções, prejudicando-o no seu nobre propósito de emendar-se.

Futuramente, ele irá relembrando todo o seu passado milenário, mas isto acontecerá na medida em que for evoluindo. Pode-se dizer que conseguirá ver para trás, no passado, na proporção em que caminhar evolutivamente para frente.

Ele conseguirá fazer o retrocesso da memória somente quando a lembrança do passado representar para ele, de alguma forma, uma lição construtiva para o seu aprimoramento.

Há leis da Natureza que funcionam por sistemas inapreensíveis ao entendimento do homem comum que impedem, automaticamente e de maneira absoluta, que determinados conhecimentos sejam revelados, para os homens ou para os Espíritos, enquanto não chegar a hora apropriada.

Pela análise do seu passado, o Espírito conclui que o melhor para ele, no momento, será uma nova reencarnação, que lhe permitirá encontrar-se na Terra com antigos desafetos, e todos, beneficiados com o esquecimento temporário que o nascimento proporciona, reconciliarem-se, quebrando os laços de ódio ou antipatia que os aprisiona e lhes atormenta a mente.

Pode acontecer, também, que o Espírito, ao relembrar o seu passado, verifique ter participado de empreendimentos nobres, em favor de seus semelhantes e, então, desejar renascer para dar prosseguimento às tarefas que tenham sido interrompidas pela morte do corpo.

Em qualquer dos casos, dirige-se aos mentores espirituais encarregados dos processos de reencarnação e solicita-lhes que permitam sua volta à Terra.

Se a solicitação for aceita o Espírito, agora já considerado como reencarnante, tem seu passado cuidadosamente estudado por técnicos no assunto e estes, como já citamos

anteriormente, fazem um mapa de suas necessidades e programação do que deverá realizar, quando reencarnado, para conseguir o fim desejado, o de rearmonizar-se com adversários ou concluir os empreendimentos dignos que havia iniciado na Terra.

Capítulo 08 – Parte 1

Reencarnação – Preparação para o reencarnante

Para que o reencarnante possa conquistar valores espirituais na nova existência terrena, os guias de reencarnação tomam inúmeras providências, entre elas a de planejarem o corpo físico que ele deverá usar, se feio, bonito, forte, fraco, etc ..., dentro da concepção humana, quanto a estes valores.

Prevêem, também, quais as principais enfermidades que, em caráter de resgate, deverá suportar, considerando-as como válvulas de contenção para o reencarnante.

E, dentro da programação geral, estabelecem que essas enfermidades surgirão na vida terrena do Espírito, nas épocas mais apropriadas para, de alguma forma, lhes serem úteis à evolução espiritual.

E estas enfermidades, como válvulas de contenção, resultando em limitações físicas, muitas vezes impedem que o Espírito, quando reencarnado, reincida em erros que cometera em vidas anteriores.

Determinam, também, quanto tempo deverá viver na Terra, em condições normais de existência, correndo por conta do reencarnante a responsabilidade de abreviar a vida, pelo uso inadequado do aparelho físico.

Estabelecem qual o grau de inteligência de que poderá fazer uso, limitando a sua capacidade intelectual durante a existência, por providências aplicadas sobre o aparelho cerebral que o reencarnante usará, quando encarnado na Terra.

E, com o mesmo objetivo, de fazer que o reencarnante não possa utilizar-se de seus meios de comunicação para prejudicar seus semelhantes, como talvez tenha feito em existências anteriores, estabelecem limites para o uso da palavra, da gesticulação, etc ...

E, também, quanto ao que na Terra chamamos de magnetismo pessoal, que torna as pessoas atraentes, se necessário providenciam restrições, facilitando ao reencarnante manter-se dentro do programa de realizações espirituais planejadas para ele.

Depois decidem no seio de que raça, se branca, negra ou amarela, deverá renascer. Em que nível social e situação econômica e, também, quanto à possibilidade de elevar-se com o esforço próprio, ou por “sorte”, do meio em que for colocado.

Planejam, também, quanto às facilidades ou dificuldades que deverá encontrar para frequentar escolas que lhe aprimorem o intelecto ou se, em seu próprio benefício, deverá permanecer dentro de limites mais rígidos, no que concerne a qualquer conquista considerada material.

Os guias da reencarnação providenciam, também, quanto às vocações profissionais que ele deverá sentir com mais intensidade e, posteriormente, lhe proporcionam a oportunidade de exercê-las para que, no exercício dessas profissões, tenha a possibilidade de reencontrar-se com antigos companheiros de existências anteriores.

O exercício de uma determinada profissão, para a qual tenha se encaminhado por "acaso" (e o acaso não existe na criação divina) servirá, também, para moldar ou burilar a personalidade e o caráter do reencarnante.

Finalmente, considerando que o lar, na Terra, é um santuário, um cadinho remodelador das almas submetidas ao fogo das provações terrenas; um refúgio e um oásis, mas também, às vezes, uma prisão, os guias responsáveis pelo planejamento daquela reencarnação estudam, com particular interesse, quais os outros Espíritos que, reencarnando juntos, deverão constituir aquela futura família na Terra.

Estudam, então, quem deverão ser os futuros pais do reencarnante, seus irmãos, filhos, esposa e demais parentes consanguíneos, levando em consideração a sua necessidade mais urgente de rearmonizar-se com determinados Espíritos.

Adotam, como regra geral, que os parentes mais próximos do reencarnante devem ser aqueles aos quais esteja mais ligado por compromissos do passado.

Atendidas as principais necessidades do reencarnante, programam o seu treinamento, para que renasça preparado para ser bem sucedido e possa, finda a existência terrena, retornar ao mundo espiritual na situação de completista, ou seja, de Espírito que cumpriu com êxito todo o programa.

Ele é, então, encaminhado às escolas no mundo espiritual, onde recebe lições teóricas de evangelização e de técnica de comportamento cristão, para quando se encontrar diante de situações difíceis na Terra.

Terminado o curso teórico, para que possa praticar o que aprendeu teoricamente, é registrado como membro auxiliar de equipes de socorro, com as quais desce à Terra em tarefas de amparo aos homens quando estes, em prece, pedem o auxílio de Deus e a presença dos emissários divinos.

E então o reencarnante, como um dos emissários divinos, participando da equipe de socorro, colabora para o atendimento à prece que fora feita, dentro dos limites permissíveis para cada caso.

Este seu trabalho, como membro de equipes socorristas, tem dupla finalidade. A primeira é permitir-lhe trabalhar como servo de Jesus, em sua seara, com o que vai conquistando bens espirituais e a amizade de outros Espíritos bons. A segunda finalidade, e não menos importante, é a de solidificar em seu próprio íntimo a fé, a confiança absoluta na bondade divina e a certeza de sua proteção permanente.

Assim, quando reencarnado na Terra, esquecido temporariamente do passado, mas conservando como lembrança intuitiva todo o acervo de conhecimentos conquistados, for visitado pela adversidade e, em desespero, elevar seu coração em preces ao Criador, terá a confiança absoluta, a fé inabalável, de que o socorro virá.

Talvez não possa conseguir entender, conscientemente, o porque dessa confiança absoluta na vinda do socorro divino, mas terá sempre a certeza de que, por maiores que sejam os problemas nos quais esteja envolvido, algo acontecerá em seu favor e tudo terminará bem.

Capítulo 09 – Parte 1

Reencarnação – Encontro prévio com os pais

Enquanto o reencarnante se prepara, os guias da reencarnação escolhem quem devem ser os seus futuros pais na Terra.

Se todos estiverem ligados por laços de simpatia ou, pelo menos, de neutralidade de sentimentos, não haverá grande problemas a serem resolvidos e tudo será fácil quanto ao nascimento do Espírito, na Terra.

Mas, se o reencarnante e os futuros pais tiverem problemas de antipatia ou ódio, resultantes de desentendimentos anteriores, em outras vidas, torna-se necessário uma série de providências, entre as quais a de promover encontros, entre eles, de reconciliação, até chegar-se a um nível de entendimento - senão de reconciliação total, pelo menos de arrefecimento do ódio, que lhes permitam aceitar-se mutuamente, como membros de uma futura família na Terra.

Estas reuniões de reconciliação são realizadas no plano espiritual, sob a supervisão dos responsáveis por aquele processo de reencarnação e os futuros pais comparecem, em espírito, enquanto seus corpos estão adormecidos na Terra e, ao despertarem do sono, normalmente não se recordam de nada do que ocorreu com eles, enquanto seus corpos dormiam.

Se os futuros pais já viverem na Terra mas, jovens, ainda não se conhecerem, os guias espirituais providenciam para que venham a se conhecer ("por acaso"), simpatizem e decidam-se pelo casamento.

Porém, muitas vezes, estes jovens são, sem o saberem conscientemente, desafetos de vidas anteriores e, para evitar que ao se encontrarem, venham a sentir uma antipatia instintiva e mútua, o que os distanciaria da idéia de casamento, os guias espirituais os magnetizam, para que não possam sentir o antagonismo existente.

Nesse clima ameno, de romance, resultante dos eflúvios magnéticos, passam o período do noivado e casam.

Normalmente, nesses casos, os noivos não escutam as opiniões dos parentes que, por não estarem sob a mesma influência magnética, vêem a situação de outro ângulo e acham que aquele casamento não pode dar certo, isto segundo o critério de sucesso ou de insucesso adotado pelos homens.

Pode acontecer que o planejamento de uma reencarnação seja feito com bastante antecedência, enquanto os que irão constituir aquele futuro núcleo familiar ainda estejam vivendo no mundo espiritual.

Os guias da reencarnação providenciam, neste caso, para que primeiro renasçam os que vão receber, na Terra, a missão de paternidade para que, no devido tempo, o reencarnante inicie a sua existência terrena como seu filho.

Chega, finalmente, a época em que o reencarnante vai renascer na Terra.

Assim, como nos despedimos de nossos amigos, ao transferirmos residência para outra cidade ou encetarmos uma viagem demorada, ele também, que vai partir para a viagem da reencarnação na Terra, despede-se dos Espíritos cuja amizade conquistou.

E, consciente da responsabilidade que vai assumir por receber um corpo físico, que deverá usar com muito cuidado, pede que, enquanto estiver na Terra, o auxiliem constantemente, fazendo-o recordar-se, embora imprecisamente, pelos canais da intuição, do mundo espiritual de onde vai partir.

Os Espíritos amigos o encorajam e prometem velar por ele e, conforme o grau de amizade que os une, às vezes realizam até reuniões de confraternização, com a presença de todos os amigos do reencarnante.

É a festa de despedida para o que vai iniciar uma peregrinação pela escola terrena.

Chegando o dia do início da reencarnação propriamente dita, quando o Espírito deverá ser ligado ao ventre de sua futura mãe, na Terra, ele, cujo corpo perispiritual apresenta a forma e tamanho de uma pessoa adulta, é conduzido pelos guias da reencarnação, ao seu futuro lar na Terra, onde irá renascer como criança.

Capítulo 10 – Parte 1

Reencarnação – Ligação do Espírito ao óvulo - Nascimento

Desde algumas semanas, os guias da reencarnação haviam iniciado um trabalho de aproximação perispiritual entre o reencarnante e sua futura mãe e, na véspera do dia previsto para a ligação inicial ao ventre materno, esta aproximação foi intensificada.

Desde o início do trabalho de aproximação, o reencarnante foi perdendo pontos de contacto com o mundo espiritual ao qual pertencia e, na proporção que foi perdendo esse contacto, foi entrando num estado de perturbação dos sentidos iniciando-se, também, a perda da memória.

Essa aproximação é feita para que o perispírito do reencarnante possa retomar a plasticidade que lhe é característica, facilitando-lhe a adoção de novas formas, atendendo ao comando da mente do próprio Espírito.

O reencarnante apresenta o perispírito com a mesma forma que trouxe da Terra ao desencarnar da última vez mas, em virtude da alimentação recebida no mundo espiritual e de hábitos mentais que adquiriu durante o tempo em que permaneceu nesse mundo, incorporou ao seu perispírito elementos próprios desse mundo espiritual e, para reencarnar, deve alijar de sua veste fluídica esses elementos, a fim de ligar-se intimamente às células físicas que vão constituir o seu futuro corpo carnal.

Decidido que o dia da ligação inicial seria aquele mesmo os guias magnetizaram o reencarnante pedindo-lhe, e ao mesmo tempo secundando-o no esforço, para que fosse mentalizando que estava se transformando, perispiritualmente, numa forma de criança recém-nascida.

À medida que se processava o auxílio magnético ao reencarnante e que ele fazia um esforço mental para modificar a forma do seu perispírito, este foi aos poucos diminuindo de tamanho, até tomar a forma e a aparência de um recém-nascido.

Como o ato sexual já fora realizado há algumas horas, os guias da reencarnação, com poderes que são próprios dos Espíritos dessa categoria, começaram a observar o interior da organização genital da futura mãe onde, através dos condutos naturais, correm os espermatozóides em busca do óvulo, para fecundá-lo.

Distinguiram qual o espermatozóide e o óvulo que, unindo-se, resultariam num corpo físico apropriado, em todos os sentidos, às necessidades do reencarnante, para a sua existência na Terra.

Capítulo 11 – Parte 1

Desencarnação – A separação da alma, do corpo

Para estudarmos o problema da desencarnação, ou morte do corpo físico, primeiro transcreveremos o que consta do "Livro dos Espíritos", sobre o assunto, sob o título "separação da alma e do corpo".

A seguir, nesta ou nas aulas seguintes sobre o mesmo tema, registraremos o que Kardec escreveu no livro "O Céu e o Inferno" e, também, o que consta no livro "Obreiros da Vida Eterna", escrito pelo Espírito André Luiz, pela psicografia do médium Francisco Cândido Xavier.

Allan Kardec, ao escrever o "Livro dos Espíritos", registrou as perguntas que fez quanto ao problema e as respostas que recebeu dos Espíritos:

P – É dolorosa a separação da alma, do corpo?

R – "Não, o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte. A alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio".

P – Como se opera a separação da alma e do corpo?

R – "Rotos os laços que a retinham, ela se desprende".

P – A separação se dá instantaneamente, por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

R – "Não, a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo, a quem se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram".

<u>Comentário de Allan Kardec</u>: "Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semi-material ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa a vida orgânica".

A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente. Que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos.

Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido durando, algumas vezes, dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito.

P – O Espírito se encontra imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

R – "Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo espiritual e o ajudam a desligar-se das faixas da matéria. Encontra-se, também, com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar".

P – Em caso de morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram em consequência da idade ou das moléstias, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

R – "Geralmente assim é mas, em todos os casos, muito breve é o instante que medeia entre uma e outra".

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Espíritos"- parte segunda – capítulo III.

A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte em si, mas o momento da transição.

Sofremos ou não nessa passagem?

Por isso se inquietam e, com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos dessa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la.

Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros pode-se, previamente, julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas.

Quem poderá, no entanto, esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo, quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos da vida material.

O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo.

O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos.

A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma que, por esse motivo, recebe uma impressão mais ou menos dolorosa.

É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que instrumento da dor: aquela é o paciente.

Após a morte, separado da alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá. A alma, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica.

A alma tem sensações próprias, cuja fonte não reside na matéria tangível.

O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes e nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade e nem mesmo se pode conceber uma sem o outro.

Durante a vida, o fluído perispirítico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluído perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais restar um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo.

A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contacto existentes entre o corpo e o perispírito e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.

Não é preciso, portanto, dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circustâncias é que nos cumpre examinar.

Estabelecemos, em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas, dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes:

1º Se, no momento em que extingue a vida orgânica, o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria, absolutamente;

2º Se, nesse momento, a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura, que reage dolorosamente sobre a alma;

3º Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo;

4º Se, após a cessação completa da vida orgânica, existirem ainda numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça. Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito, que tudo o que puder atenuar essa força e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa e, finalmente, que se o desprendimento se operar sem dificuldades, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.

Na transição da vida corporal para a espiritualidade produz-se, ainda, outro fenômeno de importância capital – a perturbação.

Nesse instante, a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro.

Dizemos quase nunca, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos.

A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos.

À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparada à de um homem que desperta de profundo sono. As idéias são confusas, vagas, incertas. A vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma.

Bem diverso é, contudo, esse despertar. Calmo, para uns, acorda-lhe sensações deliciosas. Tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.

O último alento quase nunca é doloroso uma vez que, ordinariamente, ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes a desagregação da matéria nos estertores da agonia e, depois, as angústias da perturbação.

Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre o corpo e o perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se.

Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente. É como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.

A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E, desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, depende somente de nós tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.

Por isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes. E é o que faremos na próxima aula.

Em se tratando de morte natural, resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente. Para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por “elo” frágil que se rompe com a última batida do coração.

Nesta contingência, o Espírito pode já ter recuperado a lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para este, a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura.

No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente, também demanda contínuos esforços.

As convulsões de agonia são indícios da luta do Espírito que, às vezes, procura romper os elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebata com violência, molécula por molécula.

Quanto menos vê o Espírito, além da vida corporal, tanto mais se lhe apega e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la. Em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e, pode mesmo, prolongar a luta por dias, semanas ou meses inteiros.

Certo, nesse momento, o Espírito não possui a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte. Mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias.

Dá-se, por fim, a morte e, nem por isso, está tudo terminado. A perturbação continua, ele sente que vive, mas não define se material, se espiritualmente. Luta e luta, ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido.

A morte pôs termo à moléstia efetiva. Porém, não lhe sustou as consequências e, enquanto existirem pontos de contacto do perispírito com o corpo, o Espírito ressente-se e sofre com as suas impressões.

Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente.

Depois, a confiança no futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção, e as suas consequências como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento.

Após a morte, rotos os laços, nem uma só reação dolorosa que o afete. O despertar é lépido, desembaraçado. Por sensações únicas, o alívio, a alegria!

Na morte violenta, as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começando previamente a separação do perispírito. A vida orgânica, em plena exuberância de força, é subitamente aniquilada.

Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte do corpo e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado.

Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica.

Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades, que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito.

Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz apressar. Outros há para os quais a situação se prolonga por anos inteiros.

Essa é uma situação muito frequente, até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados.

No suicida, principalmente, excede a todas as expectativas. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes.

O estado do Espírito, por ocasião da morte, pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito. A presteza desse desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito. Para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

Referência bibliográfica:
"O Céu e o Inferno"- segunda parte – capítulo I.

Capítulo 12 – Parte 1

Desencarnação – Um caso como exemplo

Para facilitar a compreensão dos fenômenos de morte física, relataremos o que consta no livro "Obreiros da Vida Eterna" – capítulo XIII, sob o título: "Companheiro Libertado".

No capítulo, André Luiz, um Espírito, descreve as providências tomadas no plano espiritual para o amparo fraterno a um homem, Dimas, que estava prestes a sofrer a morte física para voltar ao mundo dos Espíritos.

É importante observarmos que o caso apresentado como exemplo é o de um homem comum que, sendo médium espírita, dedicou-se a socorrer os necessitados, colaborando com uma Instituição Espírita e, com isto, conquistou a amizade de muitos Espíritos bons.

Dimas, renascendo na Terra com a tarefa da mediunidade, sentiu-se atraído para o Espiritismo.

Mas, se tivesse nascido sem tarefa mediúnica; se, ao invés de se tornar espírita, tivesse seu pensamento orientado por qualquer outra religião, mas praticasse o bem em favor de seu próximo, o seu mérito pela prática do bem seria o mesmo e conquistaria a amizade de Espíritos bons.

Aos estudarmos esta aula, tenhamos também em mente não existirem dois casos de reencarnação ou desencarnação idênticos em suas particularidades, pois estas particularidades dependem do bom ou mau uso que tenha sido feito pelo Espírito, quando no mundo espiritual, ou pelo homem, quando na Terra, das oportunidades que recebeu da Lei Divina, para evoluir.

No caso de Dimas, nesta existência ele nascera em ambiente pobre e, desde criança, lutou muito para viver. Não tendo oportunidades de frequentar escolas, não conseguiu uma profissão que lhe garantisse um bom salário mensal.

Ao atingir a mocidade, constituiu família, à qual se afeiçoou profundamente e, desde então, sentindo dentro de si o desejo de auxiliar o próximo, sendo médium passou a colaborar com um Centro Espírita.

Sacrificando as horas que poderia dedicar ao seu próprio descanso ou divertimento, encontrou tempo para as tarefas de socorro aos necessitados e assim viveu, durante muitos anos, cumprindo rigorosamente seus deveres profissionais e familiares, ao mesmo tempo em que trabalhava em favor de seus semelhantes.

Com isto conquistou amigos no mundo espiritual, entre os quais se contavam os Espíritos aos quais serviu de medianeiro nas tarefas do Centro Espírita.

Quando estes Espíritos perceberam que chegara a hora de Dimas, que estava gravemente enfermo, morrer na Terra para voltar ao mundo espiritual, cercaram-no de atenções, como nós também fazemos aqui na Terra, aos amigos que estimamos realmente.

Esses Espíritos, orientados por Jerônimo, entidade incumbida de dirigir o processo da desencarnação de Dimas, encaminharam-se para a sua residência, onde o encontraram prostrado no leito, rodeado pelos seus familiares.

Conta-nos, então, o Espírito André Luiz:

"... o transe era, sem dúvida, melindroso. A esposa do médium, ao pé dele, não obstante prolongadas vigílias e sacrifícios estafantes, que a expressão fisionômica denunciava, mantinha-se firme a seu lado, olhos vermelhos de chorar, emitindo forças de retenção amorosa que prendiam o moribundo em vasto emaranhado de fios cinzentos, dando-nos a impressão de peixe encarcerado em rede caprichosa.

O assistente Jerônimo apontou-a, bondoso, e explicou:

Nossa pobre amiga é o primeiro empecilho a remover. Improvisemos temporária melhora para o agonizante, a fim de sossegar-lhe a mente aflita.

Somente depois de semelhante medida conseguiremos retirá-lo, sem maior impedimento. As correntes de força, exteriorizadas por ela, infundem vida aparente aos centros de energia vital, já em adiantado processo de desintegração.

O assistente recomendou que dois Espíritos, Luciana e Hipólito, se mantivessem ao lado da senhora, modificando-lhe as vibrações mentais e instruindo-me para coadjuvar-lhe a influenciação, como se fazia mistér.

Enquanto mantinha as mãos coladas ao cérebro de Dimas, propiciando-lhe a renovação das forças gerais, Jerônimo aplicava-lhe passes longitudinais, desfazendo os fios magnéticos que se entrecruzavam sobre o corpo abatido.

Reparei que o moribundo já se encontrava em dolorosas condições. Plenamente desorganizado, o fígado começava definitivamente a paralisar as suas funções e o estômago, o pâncreas e o duodeno, apresentavam anomalias estranhas.

Os rins pareciam mortos. Os glomérulos prendiam-se aos ramos arteriais como pequeninos botões arroxeados. Os tubos coletores, enrijecidos, prenunciavam o fim do corpo. Sintomas de gangrena pesavam em toda a atmosfera orgânica.

O que mais impressionava, porém, era a movimentação da fauna microscópica. Corpúsculos das mais variadas espécies nadavam nos líquidos acumulados no ventre, concentrando-se particularmente no ângulo hepático, como a buscarem alguma coisa, com avidez, nas vizinhanças da vesícula.

O coração trabalhava com dificuldade. Enfim, o enfraquecimento atingira o auge.

Precisamos oferecer-lhe as melhoras fictícias – asseverou o assistente de nossas atividades - tranquilizando-lhe os parentes aflitos. A câmara está repleta de substâncias mentais torturantes.

O assistente passou, então, a exercer intensivamente a sua influência.

Dimas, de raciocínio obscurecido pela dor, não divisava a nossa presença. Os atritos celulares, pelo rápido desenvolvimento dos vírus portadores do coma, impediam-lhe percepções claras. As proveitosas faculdades mediúnicas que ele possuía haviam caído em temporário eclipse, ante os choques do sofrimento. Era, porém, extremamente sensível à atuação magnética.

Pouco a pouco, com a interferência de Jerônimo, o amigo acalmou-se, respirou em rítmo quase normal, abriu os olhos fundos e exclamou reconfortado:

- Graças a Deus! Louvado seja Deus!

Um dos filhos, a contemplá-lo, de olhos súplices, seguiu-lhe as palavras, ansioso, indagando num gesto de alívio:

- Melhorou, papai?

- Oh! Sim, meu filho, agora respiro mais livremente ...

- Sente os amigos espirituais a seu lado? – tornou o rapaz, cheio de fé.

O enfermo sorriu, algo triste, e retrucou:

- Não. Quero crer que o sofrimento físico cerrou a porta que me comunicava com a esfera invisível. Mesmo assim, estou confiante, Jesus não nos desampara.

Fixou a companheira, em lágrimas, e aduziu:

Todos nós experimentaremos a solidão nos grandes momentos de aferir valores espirituais. Estou convencido de que os nossos Guias do Plano Superior não me olvidarão as necessidades ... entretanto ... não devo esperar que tomem cuidado permanente comigo ...

Falava em voz quase imperceptível, em virtude do abatimento, entrecortando as palavras na respiração opressa.

A senhora, vacilante, estava inteiramente amparada por Luciana, que a abraçava afetuosa. Viam-se-lhe os sinais de angustioso cansaço. Lágrimas espessas corriam-lhe dos olhos congestionados.

Jerônimo, agora, pousava a destra na fronte do moribundo, proporcionando-lhe força, inspiração e idéias favoráveis ao desdobramento de nossos serviços. Dimas mostrou novo brilho no olhar, encarou a companheira, esforçando-se por parecer tranquilo e rogou:

- Querida, vá descansar!... Peço-lhe... Tantas noites a fio, de sentinela, acabarão por aniquilá-la. Que será de mim, doente e exausto, se o desânimo surpreender-nos a todos?

Fez mais longo intervalo e prosseguiu:

- Repouse a meu pedido. Ficaria tão satisfeito se a visse mais forte... Não se retarde. Sinto-me muito melhor e sei que o dia será de calma e reconforto.

Cedendo às insistências do esposo e docemente constrangida pela influência de Luciana e Hipólito, a matrona recolheu-se ao quarto.

Em vista das melhoras obtidas, houve expansão de júbilo familiar.

O médico foi chamado. Radiante, o clínico asseverou que os prognósticos contrariavam suposições anteriores. Renovou as indicações, dispensou os anestésicos e recomendou ao pessoal doméstico que entregasse o doente ao repouso absoluto. Dimas acusava melhoras surpreendentes. Era razoável, portanto, que a câmara fosse deixada em silêncio, para que ele tivesse um sono reparador.

O esculápio atendia-nos o desejo.

Em breves minutos, o compartimento ficou solitário, facilitando-nos o serviço.

O assistente distribuiu trabalho a todos nós.

Hipólito e Luciana, depois de tecerem uma rede fluídica de defesa em torno do leito, para que as vibrações mentais inferiores fossem absorvidas, permaneceram em prece ao lado, enquanto eu mantinha a destra sobre o plexo solar do agonizante.

Iniciaremos, agora, as operações decisivas – declarou-nos Jerônimo, resoluto. Antes, porém, forneçamos ao amigo a oportunidade da oração final.

O assistente tocou-o, demoradamente, na parte posterior do cérebro. Vimos que o agonizante passou a emitir pensamentos luminosos e belos. Não nos via nem nos ouvia, de maneira direta, mas conservava a intuição clara e ativa. Sob o controle de Jerônimo, experimentou imperiosa necessidade de orar e, embora os lábios cansados prosseguissem imóveis, assinalamos a rogativa mental que endereçava ao Divino Mestre.

Divino Mestre:

Meu Senhor Jesus Cristo, creio que atingi o fim de meu corpo, do corpo que me deste, por algum tempo, como dádiva preciosa e bendita. Eu não sei, Senhor, quantas vezes feri a máquina fisiológica que me confiaste. Inconscientemente, quebrei-lhe as peças com o meu descaso, menosprezando patrimônios sagrados, cujo valor estou reconhecendo em mais de doze meses de sofrimento carnal incessante. Não te posso implorar a benção da morte pacífica, porque nada fiz de bom ou de útil por merecê-la. Mas, se é possível, Amado Médico, socorre-me com o teu compassivo e desvelado amor! Curastes paralíticos, cegos e leprosos ... Porque não te compadecerás de mim, miserável peregrino da Terra?

Seus olhos deixaram escapar lágrimas abundantes.

Após breves minutos, observamos que o agonizante recordava a meninice distante. Na tela miraculosa da memória, revia o colo materno e sentia sede do carinho da mãe. Oh! Se pudesse contar com o socorro da abençoada velhinha, que a morte arrebatara há tantos anos, refletia.

Premido pelas doces reminiscências, modificou o quadro da súplica, lembrou a cena da crucificação de Jesus, insistiu mentalmente por vislumbrar o vulto sublime de Maria e, sentindo-se de joelhos, diante dela, implorou:

- Mãe dos céus, mãe das mães humanas, refúgio dos órfãos da Terra, sou agora, também, o menino frágil com fome do afeto maternal nesta hora suprema! Oh! Senhora Divina, mãe de meu Mestre e de meu Senhor, digna-te abençoar-me! Lembra que teu filho divino pôde ver-te no derradeiro instante e intercede por mim, mísero servo, para que eu tenha minha santa mãe ao meu lado no minuto de partir! Socorre-me! Não me abandone, anjo tutelar da humanidade, bendita entre as mulheres!

Oh! Providência maravilhosa do Céu! Convertera-se o coração do moribundo em foco radioso e a porta de acesso deu entrada a venerável anciã, coroada de luz, semelhando neve luminosa. Ela se aproximou de Jerônimo e informou, após desejar-nos a paz divina:

- Sou a mãe dele.

O assistente comentou a urgência da tarefa que nos aguardava e confiou-lhe o depósito querido.

Em breves instantes tínhamos, perante os olhos, inolvidável quadro afetivo. Sentara-se a velhinha no leito, depondo a cabeça do moribundo no regaço acolhedor, afagando-a com as mãos cariciosas.

Em virtude do reforço valioso no setor da colaboração, Hipólito e Luciana, atendendo ao nosso dirigente, foram velar pelo sono da esposa, para que suas emissões mentais não nos alterassem o esforço.

No recinto, permanecemos os três apenas.

Dimas, experimentando indefinível bem-estar no regaço materno, parecia esquecer, agora, todas as mágoas, sentindo-se amparado como criança semi-inconsciente, quase feliz.

Ordenou Jerônimo que me conservasse vigilante, de mãos coladas à fronte do enfermo, passando, logo após, ao serviço complexo e silencioso de magnetização.

Em primeiro lugar, insensibilizou inteiramente o vago, para facilitar o desligamento nas vísceras. A seguir, utilizando passes longitudinais, isolou todo o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, as fibras inibidoras do cérebro. Descansando alguns segundos, asseverou:
- Noutro tempo, André, os antigos acreditavam que entidades mitológicas cortavam os fios da vida humana. Nós somos Parcas autênticas, efetuando semelhante operação ...

E porque eu indagasse, tímido, por onde iríamos começar, explicou-me o orientador:

Segundo você sabe, há três regiões orgânicas fundamentais que demandam extremo cuidado nos serviços de liberação da alma: o centro vegetativo, ligado ao ventre, como sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax; e o centro mental, mais importante por excelência, situado no cérebro.

Minha curiosidade intelectual era enorme. Entendendo, porém, que a hora não comportava longos esclarecimentos, abstive-me de indagações.

Jerônimo, todavia, gentil como sempre, percebeu-me o propósito de pesquisa e acrescentou:

Noutro ensejo, André, você estudará o problema transcendente das várias zonas vitais da individualidade.

Aconselhando-me cautela na ministração de energia à mente do moribundo, começou a operar sobre o plexo solar, desatando laços que localizavam forças físicas. Com espanto, notei que certa porção de substância leitosa extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticaram-se os membros inferiores, com sintomas de resfriamento.

Dimas gemeu, em voz alta, semi-inconsciente.

Acorreram amigos, assustados. Sacos de água quente foram-lhe apostos nos pés. Mas, antes que os familiares entrassem em cena, Jerônimo, com passes concentrados sobre o tórax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular do centro emotivo, operando determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprendeu-se do corpo, do epigastro à garganta, mas reparei que todos os músculos trabalhavam fortemente contra a partida da alma, opondo-se à libertação das forças motrizes, em esforços desesperados, ocasionando angustiosa aflição ao paciente. O campo físico oferecia-nos resistência, insistindo pela retenção do senhor espiritual.

Com a fuga do pulso foram chamados os parentes e o médico, que acorreram pressurosos. No regaço maternal, todavia, e sob nossa influenciação direta, Dimas não conseguiu articular palavras ou concatenar raciocínios.

Alcançáramos o coma, em boas condições.

O assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas voltou a intervir no cérebro. Era a última etapa. Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias, e brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada.

Quis fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fixá-la com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as forças em exame eram dotadas de movimento plasticizante.

A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço.

E, à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espraiando-se, em seguida, através de todos os escaninhos do

organismo perispirítico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, das novas dimensões vibratórias.

Capítulo 13 – Parte 1

Sensações e sofrimentos dos Espíritos

Uma das dificuldades que a maioria dos estudantes do Espiritismo encontra, é o de entenderem como é possível a um Espírito, depois da morte física, não perceber que não tem mais o corpo carnal e dizer que sente frio, fome, sede, dor, etc ... Enfim, julgar que continua vivendo normalmente. E, mesmo algum tempo depois do Espírito ter reconhecido não pertencer mais ao mundo terreno, mas estar vivendo no mundo espiritual, continuar sentindo essas mesmas sensações, de fome, frio, dor, etc.

Para a nossa compreensão do problema, vamos transcrever o que consta sobre o assunto, no "Livro dos Espíritos".

P – Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?

R – "Eles os conhecem, porque os sofreram, não os experimentam, porém, materialmente, como vós outros; são Espíritos".

P – E a fadiga, a necessidade de repouso, experimentam-nas?

R – "Não podem sentir a fadiga, como a entendeis. Consequentemente, não precisam de descanso corporal como vós, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas".

O Espírito, entretanto, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso.

Quer isto dizer que momentos há em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objetivo determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo.

A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão repousar".

P – Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?

R – "Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que todos os sofrimentos físicos".

P – Com é, então, que alguns Espíritos se têm queixado de sofrer frio ou calor?

R – "É reminiscência do que padecem durante a vida, reminiscência não raro aflitiva quanto à realidade. Muitas vezes, no que eles assim dizem, apenas há uma comparação mediante a qual, em falta de coisa melhor, procuram exprimir a situação em que se acham. Quando se lembram do corpo que revestiram, têm a impressão semelhante à de uma pessoa que, havendo tirado o manto que a envolvia, julga, passado algum tempo, que ainda o traz sobre os ombros".

Observações:

É comum, em reuniões espirituais, onde se realiza o intercâmbio com o plano espiritual através de médiuns, comparecerem Espíritos que, ao se comunicarem, não tenham a menor noção de estarem "mortos".

Julgam-se perfeitamente vivos e, quando lhes perguntam como é que compareceram àquela reunião, dizem ter vindo em companhia de alguns dos demais assistentes.

Acontece, também, comumente, informarem que foram convidados por uma pessoa, a quem não conheciam antes. E, neste último caso, vem-se a saber que aquela pessoa é um dos guias espirituais da reunião que, conhecendo a necessidade do Espírito receber orientação quanto ao estado espiritual em que se encontra, o convidou e não foi reconhecido por ele como sendo um Espírito, por parecer-lhe estar sendo convidado, simplesmente, por outro homem.

Nova observação:

Para mais subsídios esclarecedores do problema, transcreveremos mais um trecho do "Livro dos Espíritos":

"O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor; essa percepção é o efeito.

A lembrança que a alma conserva da dor pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor, são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se.

Não vemos, todos os dias, a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se fosse real? Não as vemos até causar a morte?

Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro, costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede ou sequer o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito, após a morte".

Referência bibliográfica:
"Livro dos Espíritos"- segunda parte – capítulo I.

Capítulo 14 – Parte 1

Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

P – Influem os Espíritos em nossos pensamentos e atos?

R – "Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem".

P – De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?

R – "Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura com vossos, os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem".

P – Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

R – "Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-lo. Não o fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se decidiu-se pelo bem, é voluntariamente que o pratica. Se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade".

P – É sempre de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas idéias?

R – "Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito. Porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação".

<u>Observação de Kardec</u>: "Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferenciarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém que assim aconteça".

P – Diz-se, comumente, ser sempre bom o primeiro impulso. É exato?

R – "Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende as boas inspirações".

P – Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?

R – "Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir".

P – Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

R – “Para que sofrais como eles sofrem”.

P – E isso lhes diminui os sofrimentos?

R – “Não, mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes”.

P – De que natureza é o sofrimento que procuram infringir aos outros?

R – “Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus”.

P – Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?

R – “Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal. Os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal podem eles ajudar-te na prática do mal. Se fores propenso ao assassínio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem, no íntimo, esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos”.

P – Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

R – “Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem”.

P – Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele?

R – Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato”.

P – Por que meios podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

R – “Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: ‘Senhor! não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal’”.

P – Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la, unicamente, a uma disposição física?

R – "É, quase sempre, efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos ou da que com eles tivestes durante o sono".

P – Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circustâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

R – "Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-nos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para alí. Mas eles podem inspirar ao homem a idéia de tomar aquela direção e sugerir-lhe, depois, a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações".

Observação:

Para compreendermos quanto os Espíritos podem nos influenciar, para o bem ou para o mal, cabendo-nos, porém, sempre, a responsabilidade pelos atos que praticarmos, transcreveremos no próximo capítulo, o de nº 15, o que consta do livro "Nos Domínios da Mediunidade" onde, no capítulo XV, o Espírito André Luiz relata o que pode observar quando, em companhia do Espírito Áulus, a quem acompanhava para instruir-se quanto à maneira dos Espíritos influenciarem os homens, numa noite, aqui na Terra, entraram num restaurante de baixa categoria.

Tomaram conhecimento de um caso de influenciação para a prática do mal. Viram um Espírito influenciando um jovem escritor, já por si mesmo mal intencionado, para que escrevesse artigos para um jornal, denegrindo o caráter de uma senhora. O Espírito queria vingar-se da senhora e utilizava-se do moço irresponsável, como médium, sem que o moço percebesse estar servindo de instrumento.

Referência bibliográfica:
"Livro dos Espíritos"- segunda parte – capítulo IX.

Capítulo 15 – Parte 1

Dois casos como exemplo: influência para o mal e influência para o bem

O Espírito André Luiz e o Assistente Áulus, em missão de socorro e estudo tinham, durante a noite, aqui na Terra, chegado à porta de um restaurante de baixa categoria.

Conta André Luiz:

Transpusemos a entrada.

As emanações do ambiente produziam em nós indefinível mal-estar. Junto de fumantes inveterados, criaturas desencarnadas, de triste feição, se demoravam expectantes. Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento. Outras aspiravam ao hálito de alcoólatras impenitentes ...

Em mesa lautamente servida com fino conhaque um rapaz, fumando com volúpia e sob o domínio de uma entidade digna de compaixão, pelo aspecto repelente em que se mostrava, escrevia, escrevia, escrevia ...

- Estudemos – recomendou o orientador.

O cérebro do moço embebia-se em substância escura e pastosa, que escorria das mãos do triste companheiro que o enlaçava. Via-se-lhes a absoluta associação na autoria dos caracteres escritos.

A dupla em trabalho não nos registrou a presença.

- Nesse instante, anunciou Áulus, atencioso, o nosso irmão desconhecido é hábil médium psicógrafo. Tem as células do pensamento integralmente controladas pelo infeliz cultivador de crueldade sob a nossa vista. Imanta-se-lhe à imaginação e lhe assimila as idéias, atendendo-lhe aos propósitos escusos, através dos princípios da indução magnética, de vez que o rapaz, desejando produzir páginas escabrosas, encontrou quem lhe fortaleça a mente e o ajude nesse mistér.

Imprimindo à voz significativa expressão, ajuntou:

- Encontramos, sempre, o que procuramos ser.

Finda a breve pausa, André Luiz perguntou:

- Todavia, será ele um médium na acepção real do termo? Será peça ativa em agrupamento espírita comum?

- Não, não está sob qualquer disciplina espiritualizante. É um moço de inteligência vivaz, sem maior experiência da vida, manejado por entidades perturbadoras.

Após inclinar-se alguns momentos sobre os dois, o instrutor elucidou com benevolência:

- Entre as excitações do álcool e do fumo, que saboreiam juntos, pretendem provocar uma reportagem perniciosa, envolvendo uma família em duras aflições.

Houve um homicídio, a cuja margem aparece a influência de certa jovem senhora, aliada a múltiplas causas em que se formou o deplorável acontecimento. O rapaz que observamos, amigo de operoso lidador da imprensa, é de si mesmo dado à malícia e, com a antena mental ligada para os ângulos mais desagradáveis do problema, ao atender um pedido de colaboração do cronista que lhe é companheiro encontrou, no caso de que hoje se encarrega, o concurso de ferrenho e viciado perseguidor da senhora em foco, interessado em exagerar-lhe a participação na ocorrência, com o fim de martelar-lhe a mente apreensiva e arrojá-la aos abusos da mocidade ...

- Mas como?

- O jornalista, de posse do comentário calunioso, será o veículo de informações tendenciosas ao público. A moça ver-se-á, de um instante para outro, exposta às mais desapiedadas apreciações e, decerto, se perturbará sobremaneira, de vez que não se acumpliciou com o mal, na forma em que se lhe define a colaboração no crime. O obsessor, usando calculadamente o rapaz com quem se afina, pretende alcançar o noticiário de sensação, para deprimir a vida moral dela e, com isso, amolecer-lhe o caráter trazendo-a, se possível, ao charco vicioso em que ele jaz.

- E conseguirá?

- Quem sabe?

E, algo triste, o orientador acrescentou:

- Naturalmente a jovem senhora teria escolhido o gênero de provações que atravessa, dispondo-se a lutar, com valor, contra as tentações.

- E se não puder combater com a força precisa?

- Será mais justo dizer: “se não quiser”, porque a Lei não nos confia problemas de trabalho superiores à nossa capacidade de solução.

<u>Observação</u>: Exposto o exemplo de influenciação para o mal, passaremos a relatar o exemplo de influência para o bem.

Conta André Luiz:

Retomamos a via pública e, mal recomeçávamos a andar, quando passou por nós uma ambulância, em marcha vagarosa, sirenando forte para abrir caminho.

À frente, ao lado do condutor, sentava-se um homem de cabelos grisalhos a lhe emoldurar a fisionomia simpática e preocupada. Junto dele, porém, abraçando-o com naturalidade e doçura, uma entidade em roupagem lirial lhe envolvia a cabeça em suaves e calmantes irradiações de prateada luz.

- Oh! Inquiriu André Luiz, curioso – quem será aquele homem tão bem acompanhado?

Áulus sorriu e esclareceu:

- Nem tudo é energia viciada no caminho comum. Deve ser um médico em alguma tarefa salvacionista.

- Mas, é espírita?

- Com todo respeito que devemos ao Espiritismo, é imperioso lembrar que a benção do Senhor pode descer sobre qualquer expressão religiosa, afirmou o orientador, com expressivo olhar de tolerância. Deve ser, antes de tudo, um profissional humanitário e generoso que, por seus hábitos de ajudar ao próximo, se fez credor do auxílio que recebe. Não lhe bastariam os títulos de espírita e de médico para reter a influência benéfica de que se faz acompanhar.

Para acomodar-se tão harmoniosamente com a entidade que o assiste, precisa possuir uma boa consciência e um coração que irradie paz e fraternidade.

Contudo, podemos qualificá-lo como médium?

Como não? Respondeu Áulus, convicto. É médium de abençoados valores humanos, mormente no socorro aos enfermos, no qual incorpora as correntes mentais dos gênios do bem, consagrados ao amor pelos sofredores da Terra.

- E, com significativa inflexão de voz, acrescentou:

Como vemos, influências do bem e do mal, na esfera evolutiva em que nos achamos, se estendem por todos os lados e, por todos os lados, registramos a presença de faculdades medianímicas que as assimilam, segundo direção feliz ou infeliz, correta ou indígna em que cada mente se localiza. Assim, estudando a mediunidade, nos santuários do Espiritismo, com Jesus, observamos uma força realmente peculiar a todos os seres, de utilidade geral, se sob orientação capaz de discipliná-la e conduzí-la para o máximo aproveitamento no bem. Recordemos a eletricidade que, pouco a pouco, vai transformando a face do mundo. Não basta ser dono de poderosa cachoeira, com o potencial de milhões de cavalos-vapor. É preciso instalar, junto dela, a inteligência da usina para controlar-lhe os recursos, dinamizá-los e distribuí-los, conforme as necessidades de cada um.

Sem isso, a queda d'água será sempre um quadro vivo de beleza fenomênica, com irremediável desperdício.

Referência bibliográfica:
"Nos Domínios da Mediunidade" – capítulo XV.

Capítulo 16 – Parte 1

Obsessão e suas causas

Quanto ao fato de existirem pessoas que vêm perigo em tudo, estudaremos neste tema algumas das principais causas da obsessão:

"Diante do perigo da obsessão, ocorre perguntar se não é lastimável o ser-se médium.

Não é a faculdade mediúnica que a provoca? Numa palavra, não constitui isso uma prova de inconveniência das comunicações espíritas?

Fácil se nos apresenta a resposta e pedimos que meditem cuidadosamente.

Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos. Ao contrário, foram os Espíritos que fizeram haja espíritas e médiuns.

Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens. Por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade.

A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem.

Em falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas.

Seria, pois, erro, crer-se que só por meio das comunicações escritas ou verbais exercem os Espíritos sua influência. Esta influência é de todos os instantes e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos, ou até não crêem neles, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalançarem.

A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido. Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Pode-se, pois, dizer-se que a mediunidade permite se veja o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade ele age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e faz realmente muito mal.

A quantos atos não é o homem impelido, para desgraça sua e a que teria evitado, se dispusesse de um meio de esclarecer-se. Os incrédulos não imaginam enunciar uma verdade, quando dizem de um homem que se transvia obstinadamente: "é o seu mau gênio que o impele à própria perda".

Assim, o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo e quando de achar propagado, destruir esse predomínio, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões deles. Aquele que então sucumbir, só de si terá que se queixar".

Referência bibliográfica:
"Livro dos Médiuns" – segunda parte – capítulo XXIII – ítem 244.

Capítulo 17 – Parte 1

As origens das obsessões

A palavra obsessão é um termo genérico pelo qual se indica que uma pessoa está sendo influenciada por um Espírito mau. A intensidade dessa influenciação varia de caso para caso, fazendo com que o fenômeno possa ser classificado em três fases principais: obsessão simples, fascinação e subjugação.

N.B.: A subjugação é também, impropriamente, denominada possessão.

A obsessão se manifesta sobre uma pessoa sempre em consequência de sua imperfeição moral, com a qual atrai para perto de si Espíritos do mesmo nível de moral e que cultuam os mesmos sentimentos e pensamentos.

É a lei de afinidade exercendo seu efeito e fazendo com que Espíritos que se afinem com uma pessoa se aproximem e permaneçam ao seu lado enquanto ela alimentar seu cérebro e coração com os pensamentos e sentimentos que os atraíram.

Evidencia-se que, se a pessoa modificar para melhor ou pior o teor de seus pensamentos e sentimentos, modificará também seu ambiente espiritual, atraindo outros Espíritos, sempre de acordo com a lei de afinidade.

Em aulas anteriores estudamos que os Espíritos constituem a Humanidade desencarnada e que influenciam tanto os homens que, na verdade, pode-se dizer que são os Espíritos que dirigem os homens.

Por isso é importante a pessoa selecionar seus companheiros espirituais, o que consegue atraindo bons Espíritos, conquistando-lhes a simpatia por manter a mente ocupada com pensamentos bons e esforçar-se por progredir moralmente. Nestes casos, qualquer pessoa sempre será amparada e orientada por Espíritos bons.

Mas quando, também pela própria vontade, atrair para perto de si Espíritos maus, será influenciada por eles, candidatando-se a ser obsediada. E permanecerá ligada a esses Espíritos maus até decidir-se a iniciar a sua reforma moral, modificando seu ambiente espiritual, afastando os Espíritos maus e atraindo os bons.

Porém, não imaginemos que bastará ao obsediado pensar em progredir moralmente para ficar imediatamente livre dos obsessores, só por efeito da sua própria força de vontade.

Os Espíritos classificáveis como obsessores têm como objetivo, quase sempre, vingar-se do obsediado e, também, usarem-no como a um instrumento para levarem a cabo empreitadas às vezes sinistras contra alguém que não estão conseguindo atingir pessoalmente, pelo lado espiritual, porque essa pessoa tem defesas naturais, resultantes do seu procedimento correto e higiene mental.

Os obsessores também são seres humanos, inteligentes e com vontade própria. Conhecem profundamente o obsediado e sabem quais são os pontos fracos do seu caráter e o atacam, incentivando-lhe o desejo de satisfazer suas tendências menos dignas providenciando,

inclusive, para que surjam as oportunidades de satisfazê-las. Visam, com isto, levá-lo a desistir da idéia de reformar-se moralmente.

E mais ainda, ao perceberem que o obsediado insiste no esforço de higienizar a mente, pensando somente coisas boas e que procura aproximar-se de pessoas ou templos religiosos que podem auxiliá-lo em seu propósito, ao sentirem que o obsediado está fugindo da sua influência passam a atacar, também, a todos que poderiam socorrê-lo.

É por isso que, no início do tratamento a um obsediado, para que se liberte da obsessão, é comum ele sentir que, ao iniciar o esforço de higienizar seus pensamentos, seus problemas aumentaram, ao invés de diminuírem.

O aparente aumento dos problemas é normal, no início, porque o obsediado precisa de algum tempo para conseguir sintonizar-se com os Espíritos bons que vierem socorrê-lo e que são os mesmos que o acompanham desde quando reencarnou na existência atual.

A libertação entre obsediados e obsessores sempre será conseguida, a curto, médio ou longo prazo e serão socorridos os dois – obsediado e obsessor, para que possam, livres dos elos de ódio, caminharem, por vontade própria, em direção a Deus.

Os problemas resultantes dos fenômenos da obsessão são complexos. Uma pessoa pode ser muito bem intencionada e afirmar a um obsediado que a sua obsessão terminará rapidamente. É confortador para o obsediado receber essa informação.

Mas, na verdade, dificilmente consegue-se, aqui na Terra, conhecer-se a verdadeira origem dos processos obsessivos, que podem ter se iniciado em reencarnações anteriores, num passado distante.

É também muito difícil, quase impossível, julgar, aqui na Terra, e determinar com justiça quem, num drama de obsessão, é vítima ou verdugo.

Para melhor entendimento do fenômeno da obsessão, apresentaremos nas próximas aulas alguns exemplos de causas que podem dar origem a obsessões.

Capítulo 18 – Parte 1

Obsessão – Exemplos de causas de obsessões

1º exemplo

A pessoa costuma alimentar continuamente pensamentos menos dignos, obscenos, pessimistas, etc. Usa a palavra para o deboche, a mentira, a maledicência. Os olhos e ouvidos para registrarem somente os aspectos negativos dos acontecimentos.

Com isto ficará ligada a Espíritos que também pensam e agem assim, e que a incentivarão a prosseguir nesse mesmo clima mental doentio. Inicia-se então um processo obsessivo, de prazo indeterminado, que cessará quando o obsediado modificar o teor de seus pensamentos.

2º exemplo

A pessoa é mal intencionada, pretendendo prejudicar seus semelhantes, ou planeja cometer algum crime, estando decidida mesmo, se necessário, a matar ou roubar. Com a mente neste clima de desequilíbrio e maldade, terá continuamente ao seu redor Espíritos maus, Espíritos que, quando viveram aqui na Terra, como homens ou mulheres, foram ladrões ou assassinos, e aos quais a morte física ainda não conduziu à regeneração moral. Esses Espíritos a influenciarão para que execute o que planeja.

N.B.: Perante a Lei Divina, somos responsáveis não só pelo mal que tivermos praticado, mas pelo mal que tivemos a intenção de praticar e que somente não praticamos por não ter se apresentado ocasião propícia. E, ainda, somos responsáveis pelo bem que deixarmos de praticar.

3º exemplo

Durante esta existência ou em anteriores, prejudicamos alguém, que sofreu por causa de nossa maldade. Essa pessoa ficou magoada mas, por sua própria bondade natural, nos perdoou espontaneamente.

Parecerá que o fato da pessoa a quem prejudicamos não ter ficado com ódio de nós, nos isentará da responsabilidade do mal praticado, mas não é o que acontece, porque a responsabilidade existe e permanecerá até que resgatemos o mal que fizemos.

Praticando o mal, sintonizamos com Espíritos cujos pensamentos e sentimentos são semelhantes aos nossos e os atraímos para junto de nós.

Esses Espíritos, por estarem habituados a praticar o mal, não conseguem admitir a idéia de que exista alguém que, ao ser prejudicado, não revide, pagando o mal com o mal.

Aproximam-se, então, de nós, e também da pessoa a quem prejudicamos e a influenciam para que se vingue do que lhe fizemos. Como a pessoa nos perdoou realmente, não atenderá às sugestões mentais que receber e, porque costuma pensar em coisas mais elevadas, mais dignas, não será atingida pela influenciação, ficando livre dos Espíritos maus.

Mas nós, que praticamos o mal conscientemente, ficaremos ligados àqueles Espíritos e seremos obsediados por eles para que prejudiquemos outras pessoas, e a continuidade da influenciação vai nos ocasionar sofrimentos de intensidade igual ao que provocamos nos outros, inclusive ao que provocamos na pessoa que nos perdoou.

Essa perturbação espiritual, pelo fato dos Espíritos maus se ligarem a nós, perispírito a perispírito, pode resultar também em doenças físicas, somente curáveis quando houver a nossa reforma moral e o consequente desligamento dos Espíritos maus.

Mas, notemos que sempre é tempo de se refazer o destino e o resgate dos erros praticados pode ser suavizado, compensado, modificado mesmo, pelo bem que fizermos aos nossos semelhantes.

A Lei Divina não estabelece que recebamos um castigo pelo mal que praticarmos, para sofrermos também. A dor que resultar para nós, em consequência do erro cometido, terá o caráter não de castigo, mas de alerta, para voltarmos ao caminho do bem.

<u>4º exemplo</u>

A pessoa a quem prejudicamos, nesta ou em existências anteriores, tinha bons sentimentos, mas a nossa maldade a prejudicou tanto que ficou descontrolada e o desespero fez surgir, em sua mente, o ódio por nós e o desejo de vingar-se.

Neste caso, quando os Espíritos maus que nós atraímos para a nossa própria companhia se aproximarem também dela, para a influenciarem, a pessoa poderá dar ouvidos às sugestões mentais que receber deles, para que leve a cabo os planos de vingança que até então se esboçavam em sua mente.

A nossa vítima, ficando aberta à influenciação desses Espíritos maus, se transformará num obsediado desses Espíritos, porque estará sintonizada em íntima afinidade com eles.

N.B.: Se o prejuízo que causamos a essa pessoa foi numa existência anterior, se ambos desencarnarmos e, posteriormente, nós reencarnamos, mas ele continuou no plano espiritual, ou se prejudicamos essa pessoa durante a atual existência e ela desencarnou, levando em seu coração o ódio por nós, que continuamos vivendo na Terra, enfim, se quem nos odeia é um Espírito e nos odeia porque o prejudicamos, e ele nos atacar transformando-se em nosso obsessor, mas ao mesmo tempo ele também estiver sendo influenciado por Espíritos maus que o incentivam a prosseguir na vingança ... (prestemos atenção nos detalhes da lição) ...

... Se formos a um Centro Espírita e o médium a quem pedirmos orientação disser que percebe ao nosso lado um Espírito que nos odeia, em que posição, conscientemente, poderemos nos colocar?

Somos vítimas ou verdugos?

Não fomos nós que lançamos aquele Espírito ao desequilíbrio?

É verdade que, por estarmos reencarnados, não nos lembramos de nosso passado, esquecido temporariamente ao retornarmos à Terra.

Mas Deus não é infinitamente bom e justo?

Deus permitiria que sofrêssemos o assédio de um Espírito mau, se também não tivéssemos agido mal, se não tivéssemos alguma culpa, mesmo que não lembremos qual seja?

Devemos repelir aquele Espírito ou pedir-lhe perdão pelo mal que porventura lhe tenhamos feito, embora, repetimos, não nos recordemos do passado?

Devemos procurar afastá-lo de nós, de qualquer maneira, ou nos reformarmos moralmente para que ele, mirando-se em nosso exemplo de regeneração, também seja induzido a proceder da mesma maneira?

Mas, lembremos de uma coisa, que é importante quando nos dirigimos aos Espíritos: eles lêem os nossos pensamentos. O nosso pedido de perdão não pode ser de simples palavras, mas do desejo sincero de procedermos de acordo com o que estivermos falando.

Nos parágrafos acima dissemos ser difícil, quase impossível, sabermos, aqui na Terra, quem é vítima ou verdugo, nos dramas de obsessão que surgem constantemente.

E pedimos que meditassem bastante no 4º exemplo, apresentado como uma das causas que podem dar origem à obsessão. Vamos prosseguir, apresentando outros exemplos.

5º exemplo

A pessoa a quem prejudicamos, nesta existência ou em anteriores, já era má e, quando lhe causamos sofrimentos, a sua reação natural, normal para ela, foi a de nos incluir na lista de seus inimigos e providenciar vingança.

Essa pessoa já tinha ao seu redor Espíritos também maus, que a secundavam em seus propósitos maléficos, e a estes Espíritos viriam juntar-se outros, aqueles que, por qualquer motivo, já eram nossos inimigos pessoais.

Num caso desses seríamos atacados por esses Espíritos e, quase infalivelmente, atingidos, porque seríamos classificáveis como moralmente imperfeitos e responsáveis pelo desencadeamento daquele processo de vingança. O fenômeno da obsessão estaria se manifestando mais uma vez.

Agora imaginemos o que poderá acontecer se tivermos nos acumpliciado com o mal, de qualquer maneira, numa existência anterior, que pode ter sido há 100 anos ou há 1.000 anos.

Nossos inimigos e também nossos cúmplices, poderão ficar nos perseguindo continuamente durante as reencarnações que tivermos e também enquanto permanecermos como Espíritos, no plano espiritual, durante os intervalos das reencarnações.

Podemos, também, ao invés de perdoar ou ser perdoados, ter ficado revidando ataque por ataque, golpe por golpe, pagando o mal com o mal, enrodilhando-nos como que num círculo vicioso.

Depois de tanto atacar e ser atacados, ainda que nos recordássemos de todos os detalhes dos acontecimentos, desde o seu início, poderíamos dizer, em sã consciência, que somos vítimas e não verdugos?

6º exemplo

Outra causa que pode resultar em obsessão é quando a mulher pratica o aborto, repelindo o Espírito que renasceria como seu filho. Este Espírito pode ficar revoltado e atacar aquela que o impediu de renascer na Terra, estendendo o seu ódio, também, a todos que tenham contribuído, de qualquer maneira, para que o aborto fosse praticado.

Obs.: O problema das consequências espirituais do aborto, entre as quais se inclui a obsessão, como mencionado acima, será estudado numa aula específica sobre o assunto.

Capítulo 19 – Parte 1

Obsessão – Fascinação

Dissemos, no primeiro capítulo sobre este tema, que a obsessão pode também manifestar-se como fascinação, que estudaremos agora.

A fascinação é uma ilusão produzida pela ação direta de um Espírito mau sobre a mente de uma pessoa com o que, de certa maneira, lhe controla o raciocínio.

Essa influência sobre o pensamento da pessoa pode ser total ou somente parcial, controlando o raciocínio quanto às coisas em que queira influenciá-la.

O fascinado não percebe que está sendo manobrado por um Espírito, porque este providencia para mantê-lo afastado de qualquer pessoa que possa esclarecê-lo e, principalmente, ajudá-lo a libertar-se do fascinador.

Em virtude da ilusão mental em que o Espírito mau mantém o fascinado, ele o conduz como a um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade.

E, ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. Quando a fascinação é exercida sobre um médium, este não acredita que o estejam enganando, porque o Espírito fascinador tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que fala ou escreve, ainda que esse absurdo salte aos olhos de toda a gente.

A ilusão pode, mesmo, ir até o ponto de fazê-lo achar sublime a linguagem mais ridícula. O Espírito fascinador é sempre mau, ardiloso e, principalmente, profundamente hipócrita, porque quando o influenciado é um médium, para ser acolhido e inspirar confiança cega, apresenta-se como visto pela vidência do médium fascinado, com uma máscara plasmada com matéria fluídica, a qual lhe dá um falso aspecto de bondade e de virtude.

Os grandes termos: Caridade – Humildade – Amor a Deus, etc, lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber.

Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme, são as pessoas que vêem claro. Daí consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao médium o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos.

Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter sempre razão.

Obs.: Recordemos, mais uma vez: a obsessão, em seus vários aspectos, surge sempre em consequência da imperfeição moral do obsediado e, no caso supra, do fascinado.

Capítulo 20 – Parte 1

Obsessão – Subjugação (possessão)

A subjugação, também conhecida impropriamente como possessão, é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro jugo do Espírito mau.

A subjugação pode ser moral ou corporal ou, então, simultânea.

Na subjugação moral o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas. É como que uma fascinação.

Na subjugação corporal o subjugado é constrangido a tomar posturas físicas, ajoelhar-se por exemplo, mesmo que não o deseje.

Na subjugação simultânea, moral-corporal, mais completa, portanto, o Espírito mau, além de agir sobre a mente, atua também sobre os órgãos materiais do subjugado e lhe provoca movimentos involuntários.

No "Livro dos Médiuns", Kardec explica que, quando o subjugado é médium escrevente, a subjugação se manifesta fazendo o médium sentir uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos menos oportunos.

Kardec disse ter visto médiuns que, não tendo lápis, simulavam escrever com o dedo onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Kardec diz, também, ter conhecido casos em que a subjugação de Espíritos maus sobre homens foi mais longe, como o de um homem que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma subjugação, se via constrangido, por uma força irresistível, a se por de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento.

Outras vezes, aquele homem sentia nas costas e nos joelhos uma pressão enérgica que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão.

Kardec diz que aquele homem tinha plena consciência do papel ridículo que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente. Mas era considerado como um louco pelas pessoas de suas relações.

<u>Observações</u>

Transcreveremos, do "Livro dos Médiuns", segunda parte, capítulo XXIII, ítem 241, explicando porque não é adotado para o fenômeno da subjugação o termo possessão, que vulgarmente é hoje também usado, embora impropriamente:

"Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, o sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo:

1º - porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente voltados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se.

2º - Porque implica igualmente a idéia de apropriação de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento.

A palavra subjugação exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente obsediados, subjugados e fascinados".

Para compreender-se melhor, se ainda houver dúvidas, o que acima foi transcrito do "Livro dos Médiuns", quanto a não haver propriamente possessão, mas sim subjugação, recapitulemos as lições anteriores deste curso, nas quais foi exposto o mecanismo da reencarnação do Espírito, quando este vai ligar-se ao ventre materno, para ser iniciada a formação do corpo que irá usar para viver na Terra.

Veremos que o perispírito do reencarnante é ligado célula a célula no corpo em formação; é como se o perispírito do reencarnante se enraizasse em cada célula.

Depois, na aula em que falamos sobre a desencarnação ou morte física, explicamos que, no fenômeno da morte física, o perispírito desliga-se do corpo carnal, célula por célula e que, quando ocorre este desligamento de uma célula, ela imediatamente entra em processo de decomposição ou putrefação.

Assim, um Espírito não poderia expulsar outro, do corpo em que tenha nascido, para tomar o corpo para si, porque no afastamento do Espírito "dono" do corpo, ocorreria a decomposição ou putrefação do corpo.

Capítulo 21 – Parte 1

Obsessão – O despertar da consciência

Vimos que praticando o mal, prejudicando o nosso próximo ou a nós mesmos, por nos viciarmos em bebidas, tóxicos, jogos, etc, atraímos Espíritos maus e viciados, aos quais ficamos ligados por afinidade de pensamentos e de sentimentos.

O fato desses Espíritos permanecerem ao nosso lado, influenciando-nos negativamente, não significa, necessariamente, que vamos nos sentir mal ou incomodados com a presença deles.

Pode até acontecer de nos sentirmos muito bem com eles por perto, embora os percebamos, porque deles, através das sugestões mentais, não receberemos nenhuma crítica e até, pelo contrário, seremos incentivados a continuar prejudicando os nossos semelhantes e chafurdando cada vez mais nos vícios em que nos comprazemos.

Diante do exposto, poderíamos chegar à conclusão de que, dependendo somente de nossa vontade, podemos ficar praticando o mal eternamente, como homens, quando encarnados, ou como Espíritos, quando desencarnados.

Podemos, de fato, permanecer nesse clima durante muito tempo, séculos e até milênios, mas não eternamente, porque a cada ação que praticarmos desencadearemos uma reação, correspondente em força e em intensidade à ação praticada.

Praticando o mal, causando sofrimento, receberemos, de retorno, sofrimentos de intensidade igual. É a lei de ação e reação.

E, mesmo que o mal praticado seja somente contra nós mesmos, quando pela satisfação de vícios atrofiamos nosso corpo carnal, abreviando nossa existência na Terra, sofreremos as consequências, pois seremos classificados perante a Lei Divina como suicidas.

Quando, por muito endurecidos, suportarmos os choques de retorno por tempo prolongado, sofrendo, mas sem nos dispormos à regeneração, os nossos guias espirituais, para que deixemos de sofrer, providenciam para que possamos reencarnar, independente de querermos ou não renascer na Terra. São as chamadas reencarnações compulsórias.

Planejam a reencarnação visando o nosso bem e seremos beneficiados, realmente, se cumprirmos a programação que foi feita. E os nossos guias providenciam também para que reencarne, no círculo de nossas relações terrenas, um Espírito ao qual dediquemos uma afeição sincera.

Esse Espírito poderá ter sido até mesmo um cúmplice de nossos atos menos dignos, que recebe a oportunidade de renascer na Terra para refazer o próprio destino.

Mas poderá ser, também, um Espírito razoavelmente bom, que não esteja acumpliciado com os nossos erros e que aceite renascer para nos auxiliar.

Passamos, então, a viver na Terra, esquecidos do passado e ainda protegidos, temporariamente, da influência dos Espíritos maus aos quais estávamos ligados.

Conforme tenha sido programado no mundo espiritual, chega a época em que poderemos, aqui na Terra, participar de tarefas construtivas em benefício de nossos semelhantes e encetarmos a nossa reforma íntima e, para isso, nossos guias providenciam para que as oportunidades de trabalho surjam, como se fosse por acaso.

Pode acontecer de, até essa época, estarmos vivendo com equilíbrio, sem fazermos o bem mas não fazendo mal a ninguém, isto segundo o conceito dos homens (mas já aprendemos que somos responsáveis não somente pelo mal que praticarmos, como também pelo bem que deixarmos de fazer).

Surgindo a oportunidade de colaborar para o bem do próximo, sentimo-nos atraídos para atender o convite, mas depois hesitamos e, a seguir, desistimos da tarefa enobrecedora.

Recusando-nos a fazer o bem, pretendemos acomodar-nos à situação anterior: não fazer bem nem mal.

Mas isso, para nós, não é mais possível, porque pode-se dizer que, para aquela reencarnação, fomos "programados" para fazer o bem. Teremos todas as oportunidades e somente a decisão final é que será deixada ao nosso arbítrio, para termos o mérito dessa decisão.

Fechando-os à influência do bem, abrimos as portas para recebermos a influenciação negativa e damos oportunidade a que nossos antigos companheiros espirituais, desequilibrados, liguem-se a nós e, pelos canais da transmissão do pensamento, nos influenciem para praticarmos o mal, como antigamente.

Pode acontecer de resistirmos à influenciação e continuarmos, embora atormentados por eles, sem fazer o mal que sugerem, mas também não fazendo o bem que já havíamos recusado.

Lembremos que a reencarnação colocara, aqui na Terra, um Espírito de quem gostamos e que está igualmente lutando pela vida e, de alguma forma, resgatando o passado e refazendo o próprio destino.

Nossos guias espirituais chamam a nossa atenção para o drama que esse Espírito, reencarnado como nosso parente consangüíneo ou simplesmente pertencendo ao círculo de nossas relações, está vivendo. Passamos a sentir o seu problema e a desejar ajudá-lo, mesmo que à custa de nosso sacrifício.

E, então, sentindo que, como em muitos outros casos, a ciência ou a riqueza dos homens são insuficientes para resolver o problema no qual ele está envolvido, pela afeição que dedicamos àquela pessoa, para auxiliá-la, como último recurso dirigimos o nosso pensamento a Deus.

O que o nosso sofrimento pessoal não conseguiu fazer em nosso próprio benefício, o sofrimento da pessoa a quem amamos conseguiu, o de fazer-nos voltar para Deus.

Capítulo 22 – Parte 1

Obsessão – Sintomas iniciais da obsessão

Apresentamos exemplos de algumas das causas que podem dar origem à obsessão e, agora, falaremos dos sintomas que podem surgir quando começamos a ser influenciados por Espíritos mal intencionados e que conseguem nos atingir por termos defeitos morais.

Quando o Espírito começa a projetar seu pensamento sobre a nossa mente, com a intenção de nos influenciar e dominar, é comum:

- Termos crises de angústia, com vontade quase incontrolável de chorar;
- Sentirmos um nervosismo intenso, sem motivo, ou um medo indefinível, sem causa justificável;
- Sentirmos vontade de nos isolar de todos, fugindo ao convívio de pessoas que normalmente estimamos;
- Ao acordar, depois de uma noite mal dormida, repleta de sonhos esquisitos e dos quais nem sempre nos lembramos, termos a impressão nítida de que vai nos acontecer alguma coisa grave, naquele dia;
- Ficarmos com medo de dirigir automóvel porque sentimos, continuamente, a impressão de que vamos sofrer um acidente;
- Termos o pressentimento, renovado dia a dia, de que alguém que estimamos vai morrer;
- Termos o pressentimento de que uma criança, de nossa família, vai desaparecer e que não será mais encontrada, etc

Com isto, com essa influenciação, o obsessor descontrolará o nosso sistema nervoso e, por vivermos angustiados, aturdidos, e sentir que existe um turbilhão de problemas sufocando-nos, passamos a dedicar toda a nossa atenção a esses problemas íntimos.

Vamos, então, progressivamente nos introvertendo, como que voltando-nos para dentro de nós mesmos, isolando-nos voluntariamente de tudo e de todos que nos cercam.

Por exemplo, podemos chegar ao ponto de fazer uma viagem de ônibus e, de tão engolfados em nossos próprios pensamentos, não vermos nada durante o trajeto. Andarmos pelas ruas, quase como autômatos, olhando sem ver nada do que existe em nosso caminho.

É exatamente isso que o obsessor deseja: isolar-nos mentalmente para poder exercer o seu domínio sobre a nossa mente. Nessa fase da influenciação, dificilmente conseguiremos fazer preces, porque o nosso pensamento é continuamente entrecortado pelos pensamentos do obsessor.

Afetado o domínio de nossas emoções, em qualquer incidente comum, sem nenhuma importância, que aconteça entre nós e nossos familiares ou amigos, ficamos inteiramente à mercê do obsessor, que irá nos influenciar para criarmos uma antipatia profunda, entre nós e aqueles que eventualmente poderiam nos auxiliar a nos libertarmos dele, o obsessor.

Surgindo um pequeno incidente, que pode ter sido, inclusive, criado pelo próprio obsessor, ele nos envolve em vigorosas vibrações mentais de irritação e, como já estamos abalados emocionalmente, somos levados a discutir violentamente com aquelas pessoas.

Durante a discussão essas pessoas, irritadas, vibram contra nós e, com isto, ficamos mais sujeitos à influenciação do obsessor.

Se, para felicidade nossa, conseguirmos, depois de passada aquela crise e serenados os ânimos, fazer uma análise dos acontecimentos, veremos que, ao surgir o incidente comum, que normalmente seria contornado e esquecido, parece que "alguma coisa" nos alertou mentalmente para tomarmos cuidado com o que poderia acontecer.

Mas, ao mesmo tempo, parece que uma onda de calor estranho nos envolvia, dominava o nosso raciocínio, atordoava-nos e nos subjugava. Dava a impressão que estávamos somente observando alguma coisa que ia acontecer e da qual participaríamos. E, quando começamos a falar, com violência, contra nossos familiares ou amigos, tínhamos a impressão de que não éramos nós somente que falávamos, porque permanecia a sensação de estarmos presenciando um acontecimento.

Mas notemos bem: terminado aquele incidente, acalmados os ânimos, o obsessor continuará nos influenciando para não esquecermos as sensações desagradáveis que sentimos quando, durante a discussão, alguém nos ofendeu.

O obsessor martelará a nossa mente com as palavras ofensivas que tenham sido pronunciadas e, mesmo que façamos força para esquecer, ele continuará insistindo.

Esse fenômeno é muito interessante de ser observado, porque a pessoa visada pelo obsessor vai notar que não consegue pensar no que deseja porque um pensamento estranho interfere e penetra em sua mente.

O obsessor, para atingir seus objetivos, poderá usar ainda outras técnicas, como a de nos estudar, descobrir quais os vícios ou defeitos morais que trazemos como que adormecidos em nosso íntimo e, por exemplo, se descobrir que nesta ou em existências anteriores, tivemos o vício do jogo ou da bebida, ou qualquer outro, procurará os influenciar fortemente para reincidirmos nos erros que já tivermos cometido.

Em resumo, o obsessor fará tudo que lhe for possível e permitido para nos prejudicar e, se perceber que sozinho não consegue nos atingir, irá procurar outros Espíritos maus para que o auxiliem na tarefa maligna.

Capítulo 23 – Parte 1

Obsessão – Tratamento de obsessões

Uma pessoa é obsediada por ter imperfeições morais e, se percebemos que estamos sendo atacados por um Espírito mal intencionado e tomamos providências apropriadas, podemos não só evitar sermos atingidos pelo Espírito, como auxiliar o infeliz a regenerar-se.

Notemos que existe uma diferença entre ser atacado e ser atingido pelo Espírito.

Podemos ser atacados, mas se tivermos a mente higienizada e um proceder correto, se estivermos firmemente decididos a pautar todos os atos de nossa vida para que possamos progredir moralmente, este nosso proceder correto nos livrará de sermos atingidos pelo Espírito obsessor porque, instintivamente, repeliremos qualquer sugestão para a prática do mal que ele nos transmitir através de pensamentos.

Sentindo que um Espírito infeliz nos assedia, podemos fazer preces em seu favor. Não pedindo que Deus o afaste de nós para que não nos prejudique, mas pedindo que Espíritos bons possam socorrê-lo, conduzindo-o a hospitais do mundo espiritual, onde lhe proporcionem um tratamento adequado para que sua mente e coração despertem para o destino que o Criador reservou para todos nós.

Podemos, também, recorrer ao socorro dos passes espirituais, indo a um Centro Espírita bem orientado, o que se reconhece quando é dirigido e frequentado por pessoas que estudam metodicamente a doutrina espírita e dediquem uma parte do tempo ao trabalho de socorro aos necessitados.

Ao recebermos um passe espiritual, ocorrerá o seguinte: um médium, depois de ter feito preces, pedindo a presença de um Espírito bom, que possa vir nos socorrer em nome de Deus, ao sentir a presença do Espírito bom, estenderá a sua mão sobre a nossa cabeça.

O Espírito bom projetará fluídos apropriados para o caso, sobre o médium. Estes fluídos espirituais misturar-se-ão aos fluídos magnéticos do próprio médium e, em seguida, serão projetados sobre nós.

Quando esses fluídos jorrarem sobre nós, por serem fluídos finos, quintessenciados, porque doados por amor fraterno, como que se introduzirão em nosso próprio perispírito.

E, à medida que esses fluídos finos penetrarem em nosso perispírito, irão desalojando os fluídos pesados que o obsessor também havia projetado sobre nós.

Na proporção que os fluídos do obsessor forem sendo desligados de nós, ele irá perdendo os pontos de contacto conosco e diminuindo a possibilidade de nos influenciar.

Com o obsessor também ocorrerá um fenômeno muito interessante. Ele, recebendo a projeção de fluídos leves, doados por amor fraterno, sentirá que seu coração está se acalmando e que sua mente, atordoada pelo ódio, se desanuvia pouco a pouco. Em inúmeros casos de tratamento espiritual, nesta fase o obsessor já poderá rever o seu próprio passado, quando reconhecerá que nós não somos tão culpados quanto nos julgava.

Nessa pausa do ódio, o obsessor será socorrido pelos seus próprios guias espirituais, que o auxiliarão a recordar-se do tempo em que, por não viver atordoado pelo ódio, vivia feliz.

Ele se lembrará das pessoas a quem amou e que também o amaram, e verá que esse amor ainda existe, mas que estava esquecido em resultado do desespero que envolvera o seu coração.

Observemos um detalhe: O maior trabalho de socorro, a maior quantidade de fluídos finos, a maior atenção dos Espíritos bons que vieram nos dar o passe, não é dedicada a nós, mas àquele Espírito infeliz que estamos chamando de nosso obsessor.

Se, terminado o socorro do passe espiritual, o nosso obsessor decidir-se por nos perdoar daquilo que nos julgava devedor e regenerar-se, e se nós também nos decidirmos pela nossa reforma íntima, o problema desse caso de obsessão estará resolvido.

Mas, geralmente, não se resolvem com tanta facilidade porque, terminado o passe espiritual, tanto nós quanto o obsessor reabrimos o problema de influenciação.

N.B.: Dizemos, reabrimos o problema, porque às vezes o obsessor quer se regenerar, porém nós continuamos a manter a nossa mente presa ao problema e o atraímos, contra a sua vontade, para perto de nós.

Porém, sempre chega um dia em que é posto um ponto final naquele caso de obsessão.

Mas esse dia, às vezes acontece depois de várias semanas, meses, anos, ou somente depois de várias reencarnações.

Por isso, repetimos o que dissemos nas primeiras aulas sobre obsessões: Uma pessoa poderá ser muito bem intencionada ao afirmar a um obsediado que sua obsessão terminará rapidamente. É confortador para o obsediado ouvir isso. Mas o problema da obsessão é complexo e, aqui na Terra, dificilmente consegue-se saber quem, num drama de obsessão, é vítima ou verdugo.

Capítulo 24 – Parte 1

A Fé transporta montanhas

"Quando ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar. Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino. E, tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino que, no mesmo instante, ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus, em particular, e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível (Mateus, cap. XVII, vv. 14 a 20)".

No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si.

Aqui, porém, unicamente no sentido moral, se deve entender essas palavras.

As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara de parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas.

Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade.

A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, como nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se tem de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez, que permite que se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado.

A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

Cumpre não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si mesmo por saber que,

simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio.

A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infringidos.

O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluído, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão, por assim dizer, irresistível.

Daí decorre que, aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade, dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural.

Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tendes fé.

Referência bibliográfica:
"Evangelho Segundo o Espiritismo" – capítulo XIX – ítens 1 a 5.

PARTE 2

Capítulo 01 – Parte 2

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – perseverança e serenidade no estudo

O estudo de uma doutrina, como a Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão novas e grandes, não pode ser feito proveitosamente senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado.

Não podemos classificar assim aos que julgam a priori, levianamente, sem terem visto tudo, que não imprimem aos seus estudos nem a continuidade, nem a regularidade e o recolhimento necessários.

E, menos ainda, aos que, para não diminuírem a sua reputação de homens de espírito, esforçam-se para encontrar um lado burlesco nas coisas sérias e verdadeiras, ou assim consideradas por pessoas cujo saber, caráter e convicções, merecem a consideração dos que se prezam de urbanidade.

Que se abstenham, portanto, os que não julgam os fatos espíritas dignos de sua atenção; ninguém pretende violentar-lhes a crença, mas que eles também saibam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade. Devemos admirar-nos de não obter respostas sensatas a perguntas naturalmente sérias, quando as fazemos ao acaso e de maneira brusca, em meio a perguntas ridículas?

Uma questão complexa requer, para ser esclarecida, perguntas preliminares ou complementares.

Quem quer adquirir uma ciência deve estudá-la de maneira metódica, começando pelo começo e seguindo o seu encadeamento de idéias.

Aquele que propõe a um sábio, ao acaso, uma questão sobre ciência de que ignora os rudimentos, obterá algum proveito? O próprio sábio poderá, com a maior boa vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória.

Acontece o mesmo em nossas relações com os Espíritos. Se desejamos aprender com eles, temos que seguir-lhes o curso mas, como entre nós, é necessário escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, àquelas, sobretudo em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de bons sentimentos.

A leviandade e as perguntas ociosas os afastam, como entre os homens afastam as criaturas ponderadas. O campo fica, então, livre à turba de Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de oportunidades para zombarem de nós e se divertirem às nossas custas.

Em que se transformaria uma pergunta séria, numa reunião dessas?

Teria resposta? De quem? Seria o mesmo que lançarmos, numa reunião de gaiatos, estas perguntas: O que é a alma? O que é a morte? E outras coisas assim "divertidas".

Se quereis respostas sérias, sede sérios vós mesmos, em toda a extensão do termo e mantendo-vos nas condições necessárias. Somente então obtereis grandes coisas.

Sede, além disso, laboriosos e perseverantes em vossos estudos, para que os Espíritos superiores não vos abandonem, como faz um professor com os alunos negligentes.

Referência bibliográfica:
"Livro dos Espíritos" – Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – ítem VIII.

Capítulo 02 – Parte 2

Allan Kardec – O Codificador do Espiritismo

Como, durante este Curso de Espiritismo, faremos referências a Allan Kardec, citando-o como sendo o Codificador do Espiritismo, consideramos ser necessário sabermos alguma coisa sobre ele e, por isso, apresentamos aqui um rápido esboço de sua biografia.

Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) nasceu em Lyon, França, a 03 de outubro de 1804. Filho de uma antiga família que se distinguia na magistratura e na advocacia, não seguiu essas carreiras por sentir-se, desde a primeira juventude, inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor, cujo sistema de educação exerceu grande influência na reforma do ensino na França e na Alemanha.

Concluindo seus estudos em Yverdun, voltou para a França e, conhecendo profundamente a língua alemã, traduzia para a Alemanha obras de educação e de moral, inclusive as obras de Fénelon, que o seduziam de modo particular.

Em 1824 publicou seu primeiro livro didático, seguido de muitos outros. Preocupado com os problemas da educação pública, propôs ao governo a criação de uma escola teórica e prática de pedagogia, nos moldes das escolas de Direito e de Medicina.

Ali se estudaria, escreve ele, tudo o que diz respeito à arte de formar o homem. Interessava-se, particularmente, pela educação moral da juventude, “a única capaz de transformar a criança de hoje em um cidadão justo e homem caridoso”.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras.

Em 1832 casou-se com Amélie Boudet, professora.

De 1835 a 1840 fundou, em sua casa, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia Comparada, Astronomia, etc.

Em 1854 começou a assistir sessões Espíritas, tomando nota das comunicações dos Espíritos, para sua instrução pessoal mas, ao perceber quanto o conhecimento do mundo dos Espíritos beneficiaria a Humanidade e a importância que teria para levar o homem a proceder à sua própria reforma moral, começou a pensar em transformar as anotações em um livro.

Decidiu-se de vez ao receber uma comuncação de seu guia espiritual, que atendia pelo nome de Espírito Verdade, informando a ele, Hippolyte Léon Denizard Rivail, que sobre seus ombros fora colocada a tarefa de difundir aqueles conhecimentos, que assumiriam projeção tal que ele, Rivail, estava longe de suspeitar.

O Espírito Verdade informou-o, também, que lhe daria toda a assistência e orientação que se fizesse necessária para a boa desincumbência daquela tarefa.

Rivail, então, adotou o pseudônimo “Allan Kardec”, como é mais conhecido no meio espírita, para todos os seus trabalhos relacionados com a Doutrina Espírita. Esse nome, Allan Kardec, já o usara quando, em encarnação anterior, vivera na Terra, no tempo dos Druídas.

Por receber assistência e orientação permanentes do Espírito Verdade, para escrever os livros básicos da Codificação, Kardec declara que o Livro dos Espíritos não é obra sua, mas dos Espíritos aos quais ele, Kardec, prestou sua colaboração, quase como se fosse um simples secretário.

Os livros que constituem a Codificação do Espiritismo são os seguintes:

1 – O “Livro dos Espíritos”, editado em 18 de abril de 1857;
2 – O “Livro dos Médiuns”, editado em 15 de janeiro de 1861;
3 – O “Evangelho Segundo o Espiritismo”, editado em abril de 1864;
4 – “O Céu e o Inferno”, editado em 1865, e
5 – “A Gênese, os Milagres e as Predições”, editado em 1868.

A 1º de janeiro de 1858, Kardec lançou a Revista Espírita e, em abril de 1858, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Em 1859 editou os livros introdutórios ao estudo do Espiritismo: “O Principiante Espírita” e, depois, o livro “O que é o Espiritismo”.

Allan Kardec desencarnou em 31 de março de 1869, na cidade de Paris.

Em 1890, depois do desencarne de Kardec, foi editado o livro “Obras Póstumas”, utilíssimo para os estudiosos do Espiritismo.

Allan Kardec adotou para o Espiritismo a divisa: “Fora da Caridade não há salvação”.

E, em o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, escreveu: “Não há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade”.

À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer.

Para crer não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender.

A fé cega já não é para este século.

É precisamente ao dogma da fé cega que se deve ter, hoje, tão grande o número de incrédulos, porque ela quer se impor e exige a abolição de duas das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio.

Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, desencarnou em 31 de março de 1869.

Capítulo 03 – Parte 2

A crença nos Espíritos e na possibilidade de comunicação com os homens

A história registra inúmeros fatos que comprovam terem os homens sempre acreditado na existência dos Espíritos e na possibilidade deles poderem se comunicar com os homens.

Para conhecimento dos alunos deste Curso de Espiritismo citaremos alguns destes fatos, indicando as fontes onde os colhemos para que, com a indicação bibliográfica, aqueles que assim desejarem poderão se aprofundar nessas pesquisas.

1º fato

Bíblia – Antigo Testamento – Deuteronômio, capítulo 18, versículos 9 a 11:

- Moísés, preservando o uso da mediunidade para que fosse utilizada somente para fins elevados, proíbe que se consulte os mortos, através de adivinhos e feiticeiros:

“Quando entrares na Terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos; não se achará, entre vós, quem faça passar pelo fogo o seu filho ou sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos.”

2º fato

Posteriormente Moisés, mesmo aprovando o uso da mediunidade para fins elevados, elogia médiuns e afirma: Oxalá todo o povo de Israel fosse profeta.

Bíblia – Antigo Testamento – Números, capítulo 11, versículos 26 a 29:

“No arraial ficaram dois homens; um se chamava Eldade e outro Medade. Repousou sobre eles o Espírito e profetizavam no arraial.

E, então, correu um moço para Moisés e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial.

Porém Moisés lhe disse: Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!”

3º fato

Bíblia – Antigo Testamento – Samuel I, cap. 28, v. 1 a 25

Saul, que fora sagrado pelo profeta Samuel, como primeiro rei de Israel, estava acostumado a aconselhar-se com o profeta, sempre que surgiam situações difíceis.

Quando os israelitas foram atacados pelos filisteus, Saul sentiu necessidade dos conselhos de Samuel e, como este já havia falecido, recorreu a uma médium, residente em En-Dor para, através de sua mediunidade, falar com o Espírito de Samuel.

Mas Saul, o rei, havia também proibido consultas a mortos e, inclusive, expulsara daquelas regiões todos os médiuns conhecidos.

Portanto disfarçou-se, vestindo roupas diferentes e, durante a noite, foi à procura da médium e lhe disse: Peço-te que me adivinhes, pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser. E, quando a mulher disse ter medo, porque consultas a mortos haviam sido proibidas pelo Rei, Saul, que não fora reconhecido, garantiu que nada lhe aconteceria.

Confiando na promessa, a mulher pergunta com que ele desejava falar e evoca, então, o Espírito de Samuel.

Quando Samuel se manifesta, através da vidência, a médium reconhece, também, que o visitante que pedira para falar com Samuel era Saul, o rei de Israel, que a tranquiliza, garantindo que nada de mal lhe aconteceria, por estar evocando os mortos.

N.B.: Transcreveremos o diálogo do Rei com a médium e com o Espírito, diálogo feito também através da médium.

Saul pergunta: O que vês?

"Vejo um Deus que sobe da terra".

- Como é a sua figura?

"Vem subindo um ancião e está envolto numa capa". Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e se prostou.

Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir?

Responde Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim.

Resumindo: Saul é repreendido pelo Espírito Samuel e advertido que perderia não somente a próxima batalha em que se empenhasse contra os filisteus, mas que também morreria durante o combate e isso veio a acontecer.

<u>4º fato</u>

História do Espiritismo – Arthur Conan Doyle – capítulo I

Emmanuel Swedenborg é considerado como um dos modernos precursores do Espiritismo. Provou a existência e comunicação dos Espíritos.

Engenheiro de minas e autoridade em metalurgia, física, astronomia, foi zoologista e anatomista, financista e político, autor de importantes trabalhos sobre as marés e a determinação de latitude. Finalmente, era um profundo conhecedor da Bíblia.

Seu desenvolvimento psíquico ocorreu quando tinha 25 anos de idade, em 1744 e perduraram durante 27 anos, até o dia de sua morte.

Durante todo esse período teve visão permanente do mundo espiritual, que descrevia com clareza, tanto quanto os melhores médiuns da atualidade podem fazer.

Eis como ele descreve o desabrochar de sua mediunidade:

"O mundo dos Espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente para mim e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente, o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos.

Capítulo 04 – Parte 2

A história do Espiritismo – As mesas girantes

É impossível fixar uma data para as primeiras manifestações de uma força inteligente exterior, influindo nas relações humanas.

Os Espíritos tomaram oficialmente a data de 31 de março de 1848 como o começo das manifestações psíquicas, porque o movimento foi iniciado naquela data.

Nessa data, a família Fox vivia em Hydesville, no Estado de Nova Iorque, USA, numa casa que o povo considerava assombrada, porque era comum ouvir-se nela ruídos inexplicáveis, tais como estalidos, barulho de móveis sendo arrastados, etc.

Nessa noite, como o barulho aumentou de intensidade, uma das filhas do casal Fox, criança ainda, ao ouvir que batiam na parede do aposento em que estava, por brincadeira pediu que o barulho fosse repetido na parede da frente. E assustou-se ao ser obedecida.

Daí originou-se uma comunicação com a "causa" que produzia os ruídos e que, depois, identificou-se como sendo o Espírito de um homem, assassinado naquela casa, por seus antigos moradores.

Posteriormente descobriram-se, enterrados na adega, o esqueleto e objetos do assassinado, que comprovaram a informação.

A comunicação foi conseguida ao terem a idéia de irem falando, em voz alta, o alfabeto, convidando a "causa" a fazer um ruído ao serem pronunciadas as letras que quisesse usar e que, reunidas, formariam as palavras e estas as frases que desejasse para a comunicação. Acabava de ser descoberta a "telegrafia espiritual".

O fato foi divulgado e muitas pessoas, dos mais diferentes lugares, começaram a manter contacto com os Espíritos, pois estes providenciaram para que o ocorrido em Hydesville acontecesse simultaneamente em inúmeros lugares, não somente nos Estados Unidos, mas em todas as partes da Terra.

O fenômeno transformou-se no passatempo da moda, mas não por parte dos Espíritos, que não viam os acontecimentos como brincadeira, tanto que, já em 1850, fizeram uma pergunta a um Espírito:

- O que têm em vista os Espíritos, manifestando-se a nós?

Resposta: "Unir a família humana e convencer os cépticos, de uma outra vida".

Os Espíritos indicaram, em fins de 1850, uma nova maneira de comunicação. Bastava às pessoas ficarem ao redor de uma mesa, colocando as mãos espalmadas sobre ela. Quando alguém falasse o alfabeto a mesa, levantando um dos pés, daria uma pancada ao ser pronunciada a letra desejada para a formação da palavra que responderia à pergunta que tivesse sido feita.

As mesas, ao responderem por sinais às perguntas, além de baterem com um dos pés, giravam sob os dedos dos experimentadores e até mesmo se elevavam no ar, sem que os presentes entendessem como o fenômeno se processava.

Foram, então, popularmente chamadas de “mesas girantes” e, pela esquisitice do fenômeno, este chamou a atenção de todas as classes sociais e os Espíritos facilitavam a produção do fenômeno pois, como foi descoberto posteriormente, ele somente ocorria quando uma ou mais das pessoas que colocavam as mãos sobre a mesa fosse dotada de mediunidade de efeitos físicos.

Nos Estados Unidos, em 08 de maio de 1852, foi fundado o primeiro jornal espírita do mundo, o “Spiritual Telegraph”, fundado exclusivamente para noticiar fatos relacionados com as mesas girantes e falantes.

A seguir, as notícias e os fenômenos chegaram ao norte da Escócia, depois a Londres e, em menos de um ano, toda a Inglaterra se entusiasmava pelas experiências das mesas girantes.

Ainda em 1852 o fenômeno alcançou a Alemanha e simultaneamente a França, Rússia, Itália, Portugal e, posteriormente, mas com menor intensidade, a América do Sul, inclusive o Brasil.

Depois, em muitos lugares simultaneamente, os Espíritos informaram quanto a um sistema mais fácil de entrarem em contacto com eles, e eis em que termos deram essa instrução em Paris, a 10 de junho de 1853, a um experimentador:

- Vai buscar, no aposento ao lado, a cestinha; amarra-lhe um lápis; coloca-o sobre o papel; põe-lhe teus dedos sobre a borda.

A cesta começou a mover-se e a ponta do lápis, colocada no papel, escreveu.

Mais tarde veio nova instrução: bastaria que o médium pegasse o lápis normalmente com a mão e colocasse a ponta sobre o papel, e os Espíritos escreveriam.

Capítulo 05 – Parte 2

O Livro dos Espíritos

Na França, em 1854, as pessoas cultas interessavam-se pelo estudo das propriedades do magnetismo, existindo mesmo muitas que reuníam-se para procederem a experiências quanto aos seus efeitos.

Ao surgirem os primeiros fenômenos das "mesas girantes" o mesmo foi atribuído às propriedades não bem definidas do próprio magnetismo e, somente algum tempo depois, é que descobriu-se que a verdadeira causa que fazia as mesas girarem estava na atuação dos Espíritos sobre elas.

Foi nessa época que Allan Kardec ouviu falar, pela primeira vez, sobre as mesas girantes, por alguém que já tivera a oportunidade de observar pessoalmente o fenômeno.

Isto aconteceu ao encontrar-se com um amigo, magnetizador, que o informou terem descoberto uma singular propriedade no magnetismo pois que, magnetizando mesas, podiam fazer com que elas girassem e fizessem movimentos, obedecendo a vontade do magnetizador.

Kardec opinou que o fato não era totalmente impossível, pois sendo o fluído magnético uma espécie de eletricidade, poderia mesmo atuar sobre corpos inertes, fazendo com que se movessem.

Algum tempo depois, encontraram-se novamente e o magnetizador informou a Kardec terem descoberto que as mesas, quando magnetizadas, não somente se movimentavam mas podiam fazer sinais, através dos quais respondiam as perguntas que lhes dirigiam. A isto Kardec respondeu, simplesmente, que não acreditava.

Em 1855 Kardec encontrou-se com outro amigo, também estudioso do magnetismo e que o informou terem descoberto serem Espíritos que faziam as mesas se movimentar e, então, diz Kardec: "Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, me aumentou as dúvidas".

Finalmente, em maio de 1855, Kardec presenciou pela primeira vez o fenômeno das mesas que giravam. E, em condições tais, que não deixaram dúvidas.

Assistiu também a ensaios de escrita mediúnica, com um lápis preso a uma cesta de vime, sobre cujas bordas os médiuns apoiavam os dedos para manterem a cesta equilibrada.

Diz Kardec, em "Obras Póstumas": "Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que, necessariamente, decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daquele fenômeno, qualquer coisa de sério, como a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo".

"Bem depressa, continua Kardec, se me ofereceu a ocasião de observar mais atentamente os fatos, como ainda não o fizera".

“Numa das reuniões travei conhecimento com o Sr. Baudim e fui convidado a assistir às sessões que se realizavam em sua casa e às quais me tornei logo assíduo.

Os médiuns eram as duas senhoritas Baudim, que escreviam numa ardósia, com o auxílio de uma cesta chamada carrapeta (que se encontra descrita no “Livro dos Médiuns”).

Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda a possibilidade de intromissão das idéias do médium. Aí tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas formuladas, algumas vezes até a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha”.

Em “Obras Póstumas” Kardec comenta, também, que os assuntos tratados nessas reuniões com os Espíritos eram frívolos e que comunicava-se um Espírito chamado Zéfiro, que era bondoso mas muito brincalhão.

“Mas, diz, Kardec, foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações.

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental.

Nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente; comparava, deduzia consequências dos efeitos; procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos.

Não admitia por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão.

Foi assim que procedi, sempre, em meus trabalhos anteriores, desde a idade dos 15 aos 16 anos.

Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida.

Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspecção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não se deixar iludir.

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau de adiantamento que haviam alcançado e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal.

Reconhecida desde o início, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.

O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos, até então inexplicados.

O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecesse o estado desse mundo, seus costumes, se assim podemos nos exprimir.

Vi logo que cada Espírito, em virtude de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando seus habitantes de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo.

Compete à observação formar o conjunto, por meio de documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com os outros.

Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim eles foram, do menor ao maior, meios de informar e não reveladores predestinados.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui.

Tentei lá obter a resolução dos problemas que me interessavam, do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível.

Levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundeza e lógica.

Eu, a princípio, cuidava apenas de instruir-me. Mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinos recebidos, para instrução de toda a gente.

Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base do Livro dos Espíritos".

Em 1856 Kardec passou a frequentar, também, outras reuniões e assim teve a oportunidade de submeter, novamente, as mesmas perguntas a vários Espíritos, através de mais de 10 médiuns que trabalhavam em reuniões realizadas em locais distantes uns dos outros.

Foi registrando as respostas recebidas e quando, para a mesma pergunta, as várias respostas eram iguais ou semelhantes, Kardec considerava a informação como verdadeira.

Finalmente, no dia 18 de abril de 1857, surgiu a primeira edição de "O Livro dos Espíritos".

Referência bibliográfica:
"Obras Póstumas" – 2ª parte.

Capítulo 06 – Parte 2

A Codificação Espírita

"O Livro dos Espíritos" é o compêndio doutrinário do Espiritismo, o livro fundamental. Foi com ele que a Doutrina Espírita começou.

"O Livro dos Espíritos" não é, porém, apenas a pedra fundamental ou o marco inicial da nova codificação. É o seu próprio delineamento, o seu núcleo central e, ao mesmo tempo, o arcabouço geral da doutrina.

Examinando-o, em relação às demais obras de Kardec, que completam a Codificação, verificamos que todas essas obras partem de seu conteúdo.

Podemos definir as suas várias zonas, do texto, correspondentes a cada uma delas.

Assim como na Bíblia há o núcleo central do Pentateuco e, no Evangelho, o do ensino moral do Cristo, no "Livro dos Espíritos" podemos encontrar uma parte que se refere a ele mesmo, ao seu próprio conteúdo: é o constante dos Livros I e II, até o capítulo quinto. Este núcleo representa, dentro da esquematização geral da Codificação, que encontramos no livro, a parte que a ele corresponde.

Quanto aos demais, verificamos o seguinte:

1º - "O Livro dos Médiuns", sequência natural deste livro, que trata especialmente da parte experimental da doutrina, tem a sua fonte no livro II, a partir do capítulo sexto até o final. Toda a matéria contida nessa parte é reorganizada e ampliada naquele livro, principalmente a referente ao capítulo IX – "Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo".

2º - "O Evangelho segundo o Espiritismo" é uma decorrência natural do livro III, em que são estudadas as leis morais, tratando especialmente da aplicação dos princípios da moral evangélica, bem com dos problemas religiosos da adoração, da prece e da prática da caridade. Nessa parte o leitor encontrará, inclusive, as primeiras formas de "Instruções dos Espíritos", comuns àquele livro, com a transcrição de comunicações por extenso e assinadas, sobre questões evangélicas.

3º - "O Céu e o Inferno" decorre do livro IV, em que são estudados os problemas referentes às penas e aos gozos terrenos e futuros, inclusive com a discussão do dogma das penas eternas e a análise de outros dogmas, como o da ressurreição da carne e os do paraíso, inferno e purgatório.

4º - "A Gênese" relaciona-se aos capítulos II, III e IV do livro I e aos capítulos IX, X e XI do livro II, assim como as partes dos capítulos do livro III que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da Terra. Por seu sentido amplo, que abrange ao mesmo tempo as questões da formação e do desenvolvimento do globo terreno e as referentes a passagens evangélicas e escriturísticas, esse livro da Codificação se ramifica de maneira mais difusa que os outros, na estrutura da obra mater.

5º - Os pequenos livros introdutórios ao estudo da doutrina – "O Principiante Espírita" e "O que é o Espiritismo", que não se incluem propriamente na Codificação, também eles estão diretamente relacionados com o "Livro dos Espíritos", decorrendo da introdução e dos prolegômenos.

A Codificação se apresenta, pois, como um todo homogêneo e consequente. À luz desse estudo, caem por terra as tentativas de separar um ou outro livro do bloco da Codificação, como possível expressão de uma forma diferente de pensamento.

E note-se que as ligações aqui assinaladas, de maneira apenas formal, podem ser esclarecidas em profundidade por um estudo minucioso do conteúdo das diversas partes do "Livro dos Espíritos", em confronto com os demais livros.

Esse estudo exigiria, também, uma análise dos textos primitivos, como a primeira edição deste livro e a primeira do "Livro dos Médiuns" e do "Evangelho segundo o Espiritismo" pois, como se sabe, todas essas obras foram ampliadas por Kardec, depois de suas primeiras edições, sempre sob assistência e orientação dos Espíritos.

Num estudo mais amplo e profundo seria possível mostrar-se o desenvolvimento de certos temas, que apenas colocados pelo "Livro dos Espíritos", vão ter a sua solução em obras posteriores.

É o que se verifica, por exemplo, com as ligações do Cristianismo e o Espiritismo, que se definem completamente no Evangelho, ou com o problema controvertido da origem do homem, que vai ter a sua explicação definitiva na Gênese ou, ainda, com as questões mediúnicas solucionadas no "Livro dos Médiuns", as teológicas e escriturísticas, no "O Céu e o Inferno".

Convém notar, entretanto, que o desenvolvimento de todas essas questões não representa, em nenhum caso, a modificação dos princípios firmados neste livro.

Às vezes, problemas apenas aflorados no "Livro dos Espíritos", vão ser desenvolvidos de tal maneira em outras obras que, ao lê-las, temos a impressão de encontrar novidade. A verdade, entretanto, é que neste livro eles já foram assinalados de maneira sintética.

É o que ocorre, por exemplo, com o problema da evolução geral, definida por Leon Denis naquela frase célebre: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem".

Veja-se, a este respeito, a definição do ítem 540 do "Livro dos Espíritos":

P - Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando o livre arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?

R – "Uns sim, outros não. Estabeleçamos uma comparação: Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral?

Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo as suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus.

Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto. Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre arbítrio, atuam em certos fenômenos de que inconscientemente se constituem os agentes.

Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral.

É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo.

Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado Espírito ainda não pode apreender em seu conjunto".

Capítulo 07 – Parte 2

Espiritismo e Espiritualismo

A confusão que geralmente se faz entre o Espiritismo e Espiritualismo provém da falta de estudo do "Livro dos Espíritos". O problema foi suficientemente esclarecido por Kardec, logo no início do volume.

A primeira coisa que o estudante de Espiritismo deve saber é que Espiritismo e Espiritualismo são coisas diferentes.

Observamos que, no capítulo I da Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, que inicia o "Livro dos Espíritos", está bem claro que Kardec foi o criador da palavra Espiritismo, especialmente para designar a doutrina que ele recebera dos Espíritos.

Essa palavra, portanto, só se aplica à doutrina codificada por Kardec. Outras aplicações são abusivas. Para deixar bem claro o assunto, transcrevemos:

"Para coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem, para evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocábulos.

As palavras espiritual, espiritualismo, espiritualista, têm uma significação bem definida; dar-lhe outra, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibiologia.

Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si mesmo alguma coisa além da matéria é espiritualista; não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo invisível.

Em lugar das palavras espiritual e espiritualismo empregaremos, para designar esta última crença, as palavras espírita e Espiritismo, nas quais a forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de serem perfeitamente inteligíveis, deixando para espiritualismo a sua significação própria.

Diremos, portanto, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo têm por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível.

Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas".

Como especialidade, o "Livro dos Espíritos" contém a Doutrina Espírita; como generalidade, liga-se ao Espiritualismo, do qual representa uma das fases. Essa a razão porque traz sobre o título as palavras: Filosofia Espiritualista.

No segundo diálogo do livro "O que é o Espiritismo", no trecho intitulado "Espiritismo e Espiritualismo", Kardec explica que "as palavras espiritualista e espiritualismo" são inglesas e têm sido empregadas nos Estados Unidos desde que começaram a surgir as manifestações dos Espíritos.

No começo e por algum tempo, também delas se serviram na França. Porém, logo que apareceram os termos espírita e espiritismo, compreendeu-se a sua utilidade e foram imediatamente aceitos pelo público.

Todo espírita é, necessariamente, espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritas.

Assim como não podemos confundir Espiritismo e Espiritualismo, é evidente que não podemos confundir as várias escolas espiritualistas, do passado e do presente, com a Doutrina Espírita.

Examinemos então, atentamente, o que diz Kardec sobre as práticas de feitiçaria e magia, em relação com o Espiritismo: acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós, e que a química é filha da alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se.

Ninguém nega, entretanto, que na astrologia e na alquimia estivesse o germe das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar de suas ridículas fórmulas, a alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades.

A astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara, mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador.

Quando Galileu, Newton e Képler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos, semelhantes ao nosso, e todo o castelo maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam com essas relações práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou.

Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina (Gênese, capítulo I, ítem 19).

No “Livro dos Espíritos”, entre as perguntas 667 e 673, sob os títulos de Politeísmo e Sacrifícios, Kardec fala do Espiritismo na antiguidade, como embaraçado de idéias supersticiosas.

Notemos, entretanto, que na pergunta 668 ele especifica: “Tendo-se produzido em todos os tempos e sendo conhecidos desde as primeiras idades do mundo, não haverão os fenômenos espíritas contribuído para a difusão da crença na pluralidade dos Deuses?

Observemos que, aqui, Kardec está considerando não o Espiritismo no seu aspecto natural, mas como fenomenologia mediúnica, verificada em todos os tempos (religiões, magia, ordens ocultas, etc) e modernamente Kardec considera o Espiritismo como uma doutrina "desembaraçada das idéias supersticiosas".

Não podemos, portanto, confundir as antigas práticas de magia, ordens ocultas, etc (que na atualidade são Umbanda, Quimbanda, Aruanda, etc) com o Espiritismo.

Capítulo 08 – Parte 2

Identidade dos Espíritos – Análise das comunicações

Uma vez que, no meio dos Espíritos, se encontram todos os caprichos da Humanidade, não pode deixar de existir entre eles os ardilosos e os mentirosos. Alguns não têm o menor escrúpulo de se apresentar sob os mais respeitáveis nomes, com o fim de inspirar confiança.

A identidade é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático, sendo muitas vezes impossível verificá-la, sobretudo quando se trata de Espíritos superiores antigos, relativamente à nossa época.

Entre os que se manifestam, muitos não tem nomes para nós, mas então, para fixar as nossas idéias, eles podem tomar o de um Espírito conhecido, da mesma categoria da sua.

De modo que, se um Espírito se comunicar com o nome de São Pedro, por exemplo, nada prova que seja precisamente o Apóstolo desse nome. Tanto pode ser ele mesmo quanto outro da mesma ordem, como, ainda, um enviado seu.

A questão da identidade é, neste caso, inteiramente secundária e seria pueril atribuir-lhe importância. O que importa é a natureza do ensino, se é bom ou mau, digno ou indigno da personagem que o assinaria, se esta o subscreveria ou repeliria, eis a questão.

A identidade é de mais fácil verificação quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos sejam conhecidos, porque é por esses mesmos hábitos e particularidades da vida privada que a identificação se revela mais seguramente e, muitas vezes, de modo incontestável.

Quando se evoca um parente ou um amigo é a personalidade que interessa e, então, é muito natural buscar-se reconhecer a identidade. Os meios, porém, que emprega para isso quem não conhece o Espírito, senão imperfeitamente, são insuficientes e podem induzir a erro.

O Espírito revela a sua identidade por grande número de circunstâncias patenteadas nas comunicações, nas quais se refletem seus hábitos, caráter, linguagem e até locuções familiares.

Ele se revela ainda nos detalhes íntimos em que entre, espontaneamente, com as pessoas a quem ama. São as melhores provas. É muito raro, porém, que ele satisfaça às perguntas diretas que lhe são feitas a esse respeito, sobretudo se elas partirem de pessoas que lhe são indiferentes, com o intuito de curiosidade ou de prova.

O Espírito demonstra a sua identidade como quer e pode, segundo o gênero de faculdade de seu intérprete e, às vezes, essas provas são superabundantes; o erro está em querer que ele as dê, como deseja o evocador; é então que ele recusa sujeitar-se às exigências.

<u>Instruções aos estudantes</u>

Os estudos que já fizemos até aqui já nos prepararam para bem compreendermos os problemas deste tema.

É ele um dos mais difíceis, pois da boa identificação das entidades comunicantes depende a nossa boa orientação doutrinária.

Prestar atenção à complexidade do problema: Kardec explica o problema da identidade, quando se trata de "questões gerais", ou seja, de ensinos de natureza geral, para nos conduzirem ao bem, não tem importância.

Nas comunicações íntimas, entretanto, e naquelas em que o Espírito usa um nome para impor suas teorias ou mesmo os seus escritos literários, a questão é bastante grave, pois a mistificação prejudicaria a confiança dos leigos na mediunidade.

Ler com atenção os ítens supramencionados que, por sua clareza e sua forma resumida, facilitam a compreensão do problema e advertem quanto às dificuldades de identificação, principalmente no tocante ao erro de certos doutrinadores, que exigem demasiado das entidades, como se estivessem lidando com pessoas encarnadas.

O problema da identificação precisa ser entendido à luz das dificuldades naturais da comunicação mediúnica.

Temos de considerar, com ensina Kardec, que estamos lidando com Espíritos desencarnados, cuja posição no mundo espiritual desconhecemos.

Da mesma maneira que uma pessoa, ao mudar-se para outro país pode, ao longo dos anos, modificar os seus hábitos e pensamentos, assim também ocorre com os Espíritos.

Capítulo 09 – Parte 2

Linguagem dos Espíritos - contradições

As contradições que frequentemente se notam, na linguagem dos Espíritos, não podem causar admiração senão àqueles que só possuem da ciência espírita um conhecimento incompleto.

Elas são a consequência da natureza mesma dos Espíritos que, como já dissemos, não sabem das coisas senão na razão do seu adiantamento e, das quais, muitos podem saber menos que certos homens.

Sobre um grande número de assuntos, eles não emitem mais que sua opinião pessoal, que pode ser mais ou menos acertada e conservar, ainda, um reflexo dos prejuízos terrestres de que não se despojaram.

Outros forjam sistemas sobre aquilo que ainda não conhecem, particularmente no que diz respeito às questões científicas e à origem das coisas, nada havendo, pois, de surpreendente, em que nem sempre estejam de acordo.

Certas pessoas se espantam de encontrarem comunicações contraditórias assinadas com um mesmo nome. Somente os Espíritos inferiores mudam de linguagem conforme as circustâncias. Os superiores nunca se contradizem.

Por pouco que se esteja iniciado nos segredos do mundo espiritual, sabe-se com que facilidade certos Espíritos adotam nomes diferentes para darem maior peso às suas palavras. Disso se pode concluir com segurança que, se duas comunicações, radicalmente contraditórias no fundo, trazem o mesmo nome respeitável, uma delas é, necessariamente, apócrifa.

Dois meios podem servir para fixar as idéias sobre as questões duvidosas. O primeiro é submeter todas as comunicações ao severo exame da razão e da lógica. É uma recomendação que fazem todos os bons Espíritos e que os maus se abstêm de fazer, porque sabem não ter senão a perder com esse exame sério. Por isso, evitam a discussão e querem ser acreditados sob palavra.

O segundo critério da verdade está na concordância do ensino. Quando o mesmo princípio é ensinado em vários pontos, por Espíritos diferentes e médiuns estranhos uns aos outros, que não se acham sob as mesmas influências, pode-se concluir que ele se aproxima mais da verdade do que aquele que emana de uma só fonte e é contraditada pela maioria.

Referência bibliográfica:
"O que é o Espiritismo" – ítens 97, 98 e 99.

Capítulo 10 – Parte 2

As questões de ortografia

Neste tema Kardec procura mostrar, mais uma vez, o absurdo de nos apegarmos a questões formais, quando tratamos com os Espíritos.

Poderíamos dizer que hoje, depois de tantas reformas ortográficas em nossa língua e em outras várias línguas, esta questão estaria superada.

Mas não é assim. As reformas estabelecem critérios que chegaram, em português, a exigir especialistas nos corpos de revisão das casas editoras.

Como se vê, o problema é atual. É importante conhecê-lo. Para isso vamos verificar o que diz Kardec:

"Passaríamos ligeiramente sobre a objeção de alguns céticos quanto às falhas ortográficas de alguns Espíritos, se ela não nos desse oportunidade a uma observação essencial.

Essa ortografia, deve-se dizer, nem sempre é impecável, mas somente a falta de argumentos pode torná-la objeto de uma crítica séria, com a alegação de que se os Espíritos tudo sabem, devem saber ortografia.

Poderíamos opor-lhes numerosos pecados desse gênero, cometidos por sábios da Terra, sem que lhes tenha diminuído o mérito.

Mas há, neste fato, uma questão mais grave.

Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a idéia é tudo, a forma não é nada. Livres da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, pois é o próprio pensamento que entre eles se comunica, sem intermediários.

Devem, portanto, sentir-se mal quando são obrigados, ao se comunicarem conosco, a se servirem das formas mais demoradas e embaraçadas da linguagem humana e, sobretudo, de sua insuficiência e imperfeição, para exporem suas idéias.

É o que eles mesmos dizem, sendo curioso observar os meios que empregam para atenuar esse inconveniente. O mesmo aconteceria conosco se tivéssemos de nos exprimir numa língua de palavras e fraseados mais longos e mais pobres de expressões do que a nossa.

É a dificuldade que experimenta o homem de gênio, impaciente com a lentidão da pena, sempre atrasada em relação ao pensamento.

Compreende-se, pois, que os Espíritos liguem pouca importância às puerilidades ortográficas, principalmente quando tratam de um ensinamento profundo e sério.

Não é, aliás, maravilhoso que se exprimam indiferentemente em todas as línguas, a todas compreendendo?

Disso não se deve concluir, entretanto, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida, pois a observam quando necessário.

Por exemplo, a poesia por eles ditada quase sempre desafia a crítica do mais exigente purista, e isto apesar da ignorância do médium".

Instruções aos estudantes

Observar o que Kardec diz quanto à linguagem dos Espíritos superiores, quando livres da matéria, terem linguagem rápida como o pensamento, porque é pelo próprio pensamento que entre eles se comunicam.

Na sequência destes capítulos voltaremos a tratar do assunto com mais detalhes.

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Espíritos" – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita – ítem XIV.

Capítulo 11 – Parte 2

A linguagem do pensamento

No tema anterior observamos que: "Para os Espíritos, principalmente para os superiores, a idéia é tudo, a forma não é nada. Livres da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, pois é o próprio pensamento que entre eles se comunica, sem intermediários".

E vimos também que: "não é, aliás, maravilhoso que se exprimam indiferentemente em todas as línguas, a todas compreendendo?".

Para melhor compreensão do assunto transcreveremos, para este tema, o que consta do "Livro dos Médiuns" – segunda parte – capítulo XIX – ítem 224:

"O Espírito que se quer comunicar compreende, sem dúvida, todas as línguas, pois as línguas são a expressão do pensamento e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo.

Mas, para exprimir esse pensamento, torna-se-lhe necessário um instrumento e este é o médium.

A alma do médium, que recebe a comunicação de um terceiro, não a pode transmitir senão pelos órgãos de seu corpo. Ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua que o médium desconheça, a flexibilidade que apresentam para a que lhe é familiar.

Um médium que apenas saiba o português poderá, acidentalmente, dar uma resposta em inglês, por exemplo, se ao Espírito apraz fazê-lo. Porém os Espíritos, que já acham muito lenta a linguagem humana, em confronto com a rapidez do pensamento, tanto assim que a abreviam quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica que encontram. Daí, nem sempre o fazerem.

Essa também a razão por que um médium novato, que escreve penosa e lentamente, ainda que na sua própria língua, em geral não obtém mais do que respostas breves e sem desenvolvimento.

Por isso os Espíritos recomendam que, com um médium assim, só se lhes dirijam perguntas simples. Para as de grande alcance, faz-se mister um médium desenvolvido, que nenhuma dificuldade mecânica ofereça ao Espírito.

Ninguém tomaria para seu ledor um estudante que estivesse aprendendo a soletrar. Um bom operário também não gosta de servir-se de maus utensílios.

Acrescentamos outra consideração, de muita gravidade no que concerne às línguas estrangeiras. Os ensaios deste gênero são sempre feitos por curiosidade e por experiência.

Ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentem sujeitá-los e a elas jamais se prestam os Espíritos superiores, os quais se afastam, logo que se pretende entrar por esse caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna ocuparem-se com coisas fúteis e sem objetivo.

É, dirão os incrédulos, para nos convencermos e esse fim é útil, porque pode grangear adeptos para a causa dos Espíritos.

A isto respondem eles: "nossa causa não precisa dos que têm orgulho bastante para se suporem indispensáveis. Chamamos a nós os que queremos e estes são sempre os mais pequeninos e os mais humildes. Fez Jesus os milagres que lhe pediam os escribas? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserdes convercer-vos, de outros meios dispondes, que não a força. Começai por submeter-vos. Não é regular que o discípulo imponha a sua vontade ao mestre".

Daí ocorre que, salvo algumas exceções, um médium exprime o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que lhe estão à disposição e, também, que a expressão desse pensamento pode e deve mesmo, as mais das vezes, ressentir-se da imperfeição de tais meios.

Assim, o homem inculto, o campônio, poderá dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas e mais filosóficas idéias, falando como campônio porquanto, conforme se sabe, para os Espíritos o pensamento a tudo sobrepuja.

Isto responde a certas críticas a propósito das incorreções de estilo e de ortografia, que se imputam aos Espíritos, mas que tanto podem provir dele como do médium.

Apegar-se a tais coisas não passa de uma futilidade. Não é menos pueril que se atenham a reproduzir essas incorreções, com exatidão minuciosa, conforme o temos visto fazerem algumas vezes. Lícito é, portanto, corrigi-las, sem o mínimo escrúpulo, a menos que caracterizem o Espírito que se comunica, caso em que é bom conservá-las, com prova de identidade.

Assim é, por exemplo, que temos visto um Espírito escrever constantemente Jule (sem o "s"), falando de seu neto porque, quando vivo, escrevia desse modo, muito embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu próprio nome".

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Médiuns" – segunda parte – capítulo XIX – ítem 224.

Capítulo 12 – Parte 2

A loucura e o suicídio

Há pessoas que vêm perigo por toda parte, em tudo aquilo que não conhecem, não faltando as que tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo, pelo fato de terem algumas pessoas, que se entregaram a estes estudos, perdido a razão.

Como podem os homens sensatos aceitar essa objeção? Não acontece o mesmo com todas as preocupações intelectuais, quando o cérebro é fraco?

Conhece-se o número de loucos e maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros?

E devemos, por isso, banir tais estudos?

O que provam esses fatos?

Nos trabalhos físicos estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material. Nos trabalhos intelectuais estropia-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento.

Mas se o instrumento se quebrou, o mesmo não aconteceu com o Espírito. Ele continua intacto e, quando se libertar da matéria, não desfrutará menos da plenitude de suas faculdades. Foi, no seu setor, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações intelectuais podem ocasionar a loucura.

As ciências, as artes e a religião fornecem os seus contingentes.

A loucura tem por causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a determinadas impressões.

Havendo essa predisposição à loucura, ela se manifestará com o caráter da preocupação principal do indivíduo, que se tornará uma idéia fixa.

Essa idéia poderá ser a dos Espíritos, naquele que se ocupa do assunto ou a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade ou de um sistema político ou social.

É provável que o louco religioso se apresente como louco espírita, se o Espiritismo foi a sua preocupação dominante, como o louco espírita se apresentaria de outra forma, segundo as circunstâncias.

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio neste assunto. E vou mais longe: digo que o Espiritismo, bem compreendido, é um preservativo da loucura.

Entre as causas mais frequentes de superexcitação cerebral devemos contar as decepções, as desgraças, as afeições contrariadas, que são também as causas mais frequentes do suicídio.

Ora, o verdadeiro espírita olha as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado que elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, em face do futuro que o aguarda. A vida é, para ele, tão curta, tão fugitiva, que as tribulações não lhe parecem mais do que incidentes desagradáveis de uma viagem.

Aquilo que, para outro qualquer, produziria violenta emoção, pouco o afeta, pois sabe que as amarguras da vida são provas para o seu adiantamento, desde que as sofra sem murmurar, porque será recompensado de acordo com a coragem demonstrada ao suportá-las.

Suas convicções lhe dão uma resignação que o preserva do desespero e, consequentemente, de uma causa constante da loucura e do suicídio.

Além disso conhece, pelo exemplo das comunicações dos Espíritos, a sorte daqueles que abreviam voluntariamente os seus dias, através do suicídio, e esse quadro é suficiente para o fazer meditar.

Assim, o número dos que têm sido detidos, à beira do funesto despenhadeiro do suicídio e da loucura, é considerável.

Este é um dos resultados do Espiritismo.

Que os incrédulos riam quanto quiserem. Eu lhes desejo as consolações que o estudo do Espiritismo proporciona a todos que se dão ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundidades.

Entre as causas da loucura devemos incluir, ainda, o pavor, sendo que o medo do diabo já desequilibrou alguns cérebros. Sabe-se o número de vítimas que ele tem feito, ao abalar imaginações fracas com essa ameaça, que cada vez se procura tornar mais terrível, através de hediondos pormenores?

O diabo, dizem, só assusta as crianças. É um meio de torná-las mais ajuizadas. Sim, como o bicho papão e o lobisomem. Mas, quando elas deixam de temê-los, ficam piores do que antes.

E, para conseguir tão belo resultado, não se levam em conta as epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados.

A religião seria bem fraca se, por não usar o medo, seu poder ficasse comprometido.

Felizmente, assim não acontece. A religião dispõe de outros meios para agir sobre as almas e o Espiritismo lhe fornece os mais eficazes e mais sérios, desde que os saiba aproveitar.

O Espiritismo mostra as coisas na sua realidade e, com isso, neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.

Referência bibliográfica:
Transcrição de "O Livro dos Espíritos" – Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – capítulo XV.

Capítulo 13 – Parte 2

Do maravilhoso e do sobrenatural

Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição.

Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstição.

Ou ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências, concedendo que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados.

Ora, uma das duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se verdadeiro, ele o é para toda gente. Se falso, não tem maior valor para os ignorantes, do que para os instruídos.

Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apoiam geralmente no princípio materialista, porquanto negando qualquer efeito extra-material negam, ipso-fato, a existência da alma.

Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências; perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional.

Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma são, pois, consequentes consigo mesmo: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos.

Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar lisamente o Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo que não seja material.

Quanto a nós, espíritas, dar-se-á aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos, que são a consequência da existência da alma.

Dar-se-á sejamos campeões de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas?

Quem o supuser demonstrará bem minguado conhecimento do Espiritismo.

Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo. Ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos; logo, o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença.

Acham que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudum, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta.

Semelhantes histórias, porém, serão o Evangelho do Espiritismo? Terão seus adeptos negado que o charlatanismo há explorado, em proveito próprio, alguns fatos?

E que alguns fatos tenham sido exagerados pelo fanatismo?

Tão solidário é o Espiritismo com as extravagâncias que se cometam, em seu nome, quanto a verdadeira religião o é com os excessos do sectarismo.

Muitos críticos se limitam a julgar o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que lhe são as ficções. O mesmo fora julgar a História pelos romances históricos, ou pelas tragédias.

Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Somente então sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá, quando ele trata do que não conhece?

A legítima crítica deve demonstrar não só erudição, mas também profundo conhecimento do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um pinta-monos o de censurar Rafael.

Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita.

É exato que, no que ele admite, há coisas que para os incrédulos são puramente do domínio do maravilhoso ou, por outra, da superstição.

Seja, mas ao menos discutís apenas esses pontos, porquanto com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão.

Atendo-vos ao que o próprio Espiritismo refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo.

Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? Lede. Observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência.

Ora, o Espiritismo, que entende com as graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não pode ser aprendida em algumas horas, como nenhuma ciência.

Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física em alguns brinquedos de crianças.

A quem não se limite a ficar na superfície são necessárias não somente algumas horas, mas meses e anos, para lhe sondar os arcanos.

Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento.

Dirão eles, com certeza, que não lhes sobram lazeres para se consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam.

Está bem. Nada a isso os constrange. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o acoímem de leviano.

Ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na ciência, tanto menos escusável é, digamos, levianamente tratarmos de um assunto que desconhecemos.

Referência bibliográfica:
Transcrição de "O Livro dos Médiuns" – primeira parte – capítulo II – ítens 10 a 13.

Capítulo 14 – Parte 2

Os milagres no sentido teológico – O Espiritismo não faz milagres

Na acepção etimológica, a palavra milagre (de mirare, admirar) significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente.

A Academia definiu-a desta maneira: "Um ato do poder divino contrário às leis da Natureza, conhecidas".

Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral, que era, se tornou de aplicação restrita a uma ordem particular de fatos.

No entender das massas, um milagre implica a idéia de um fato extranatural. No sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder.

Com efeito, tal acepção é vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que, só por comparação e por metáfora, a palavra se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o de ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais. É tanto essa idéia que se associa que, se um fato milagroso venha a encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por mais espantoso que seja.

O que, para a Igreja, dá valor aos milagres é precisamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Ela se firmou tão bem sobre esse ponto, que assemelhar os milagres aos fenômenos da Natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter aceitado crer em certos milagres.

Outro caráter do milagre é ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontaneamente, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não conhecida a lei, já não pode haver milagres.

Aos olhos dos ignorantes, a ciência faz milagres todos os dias.

Se um homem, que se acha realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá milagre, por ser esse fato contrário às leis da Natureza.

Mas, se em tal homem houver apenas uma aparência de morte, se lhe restar uma vitalidade latente e a ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso.

Lance um físico, no meio de certa campina, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e, certamente, esse novo Proteu será tido por armado de diabólico poder.

Houvesse, porém, Josué, detido o movimento do Sol, ou antes, da Terra, e teríamos aí o verdadeiro milagre, porquanto nenhum magnetizador existe dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Foram fecundos em milagres os séculos de ignorância, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia.

À proporção que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo mas, como a ciência ainda não explorava todo o vasto campo da Natureza, larga parte dele ficou reservado para o maravilhoso.

Expulso do domínio da materialidade, pela ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio.

Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído porque, como os outros, também tais efeitos se acham sujeitos a leis.

Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres.

O Espiritismo não faz milagres

O Espiritismo vem, pois, a seu tempo, fazer o que cada ciência faz no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseguintemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis.

Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material e isso é, dizem, em que consiste o sobrenatural.

Mas, então, fora mister se provasse que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza, que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessa leis.

O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo, é o ser principal, pois não morre, ao passo que o corpo é simples acessório, sujeito à destruição.

Sua existência, portanto, é tão natural depois como durante a encarnação, está submetido às leis que regem o princípio material mas, como esses dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo pois, a primeira, uma anomalia na ordem das coisas.

Referência bibliográfica:
"Gênese" – capítulo XIII – ítens 1, 2, 3 e 4.

Capítulo 15 – Parte 2

Religião Espírita

Religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um elo que religa os homens em uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças: consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios, edificados e formulados em dogmas ou artigos de fé.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo é, portanto, um elo essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações e não é somente o fato de compromissos materiais que se rompem à vontade, ou de cumprimento de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao Espírito.

O efeito desse elo moral é estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de opiniões e sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas.

O Espiritismo é uma religião, porque ele é a doutrina que funda os laços de fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as leis da própria Natureza.

Mas, então, porque inicialmente não foi o Espiritismo declarado uma religião?

Porque a palavra religião é inseparável da de culto, revela exclusivamente uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso.

Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios.

O público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos, contra os quais sua opinião tem se elevado tantas vezes.

Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se com um título, sobre o valor do qual inevitavelmente se estabeleceria a incompreensão. Eis porque ele se disse simplesmente uma doutrina filosófica e moral.

Crer em Deus todo poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e na sua imortalidade; na preexistência da alma como justificativa da presente existência; na pluralidade das existências como meio de expiação, reparação e adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na remuneração equitativa do bem e do mal, segundo o princípio “a cada um segundo suas obras”; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, nem favores ou privilégios para criatura alguma; na duração da expiação limitada à imperfeição; no livre arbítrio do homem, deixando-lhe a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que liga todos os entes passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das faces da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provas, visto ser o futuro mais desejável que o presente; praticar a caridade por

pensamentos, palavras e obras, na mais ampla acepção do vocábulo; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando da alma alguma imperfeição; submeter todas suas crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar por uma fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as Leis de Deus.

Eis o credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus.

Esse é o laço que deve unir todos os Espíritos numa santa comunhão de pensamentos, enquanto se espera que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Assim como o Cristo dissera que não vinha destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento, o Espiritismo também não veio destruir a lei cristã, mas cumpri-la.

Nada ensina em contrário ao que o Cristo ensinara e desenvolve, completa e explica, em termos claros para toda a gente, o que fora dito de forma alegórica.

O Espiritismo vem realizar, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciara, e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, portanto, a sua obra presidida por ele mesmo, conforme igualmente havia anunciado para a regeneração que se opera e com a qual se prepara o reinado de Deus na Terra.

A religião Espírita começa no primeiro capítulo do “Livro dos Espíritos”, com a definição de Deus, na sua existência como Inteligência Suprema e causa primária da criação do mundo por ele.

Temos ali, ao mesmo tempo, a apresentação do Espiritismo como religião e a sua ligação com o Cristianismo, pois o princípio bíblico da Criação, tipicamente judeu, herdado pelo Cristianismo, transmite-se imediatamente ao Espiritismo.

A seguir, o livro fundamental da doutrina mantém essa mesma posição, passando a fazer, até mesmo, no capítulo III, considerações sobre a legitimidade dos conceitos bíblicos a respeito da Criação.

A lei de adoração explica a religião como “sentimento inato”, como lei natural a que o homem não pode furtar-se.

A prece é indicada como um “ato de adoração”.

O “Livro dos Espíritos” indica Jesus como “o tipo de perfeição a que o homem pode aspirar na Terra”, afirmando que Deus no-lo oferece como “o mais perfeito modelo”... (ítem 625 do “Livro dos Espíritos”).

No ítem 627 temos a explicação do Espiritismo como continuação natural e necessária do Cristianismo, ou seja, a “preparação do Reino de Deus anunciado por Jesus”.

Nas conclusões finais do “Livro dos Espíritos” Kardec afirma que o Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras, etc.

Todas essas proposições se confirmam nos livros seguintes da Codificação, particularmente em “O Evangelho segundo o Espiritismo” e em “O Céu e o Inferno”.

A mensagem colocada como prefácio de “O Evangelho segundo o Espiritismo” mostra-nos o Espiritismo como restabelecimento do Cristianismo em seu verdadeiro sentido. A Religião Espírita é apresentada como 3ª Revelação, sequência natural da 1ª (Moisés) e da 2ª (Cristo) e como “obra de Cristo”, que a preside.

Se a Ciência Espírita é a ciência de princípio espiritual e a Religião Espírita é a revelação das leis do mundo moral, ambas devendo juntar-se às ciências materiais para a completa explicação do Universo, é evidente que a Ciência Espírita é religiosa e que a Religião Espírita é científica.

Depreende-se do exposto, que o Espiritismo está livre da prática de cerimônias religiosas, porque a cerimônia religiosa, seja qual for o seu colorido ou credo que a organiza, tem por princípio a materialização de ensinamentos divinos para ajustá-los ao alcance de visão de seus adeptos.

Ainda mais, além de ser a representação de um princípio espiritual, todo cerimonial compreende uma fase para-hipnótica, procurando manter adormecido o senso moral de seu praticante, a fim de que ele permaneça fiel à ordem a que se incorporou ou que haja recebido tradicionalmente de seus pais ou tutores.

Se, no princípio de sua caminhada evolutiva, o cerimonial se apresenta como um auxiliar, em determinado ponto de sua evolução a alma atinge uma fase em que os adereços religiosos, os cerimoniais, se tornam altamente prejudiciais, por conservar o Espírito atado às normas arcaicas de que já não necessita. Manter-se imantados aos cerimoniais, então, significa-lhe uma vinculação com o passado e uma interrupção ou retardamento de sua progressão.

A imagem, os parâmetros, as exibições ornamentais de aparatos religiosos, dificultam o período introspectivo da atualidade, quando o homem deve olhar para dentro de si mesmo e tomar-se de coragem para reformar-se moralmente.

O culto exterior furta-lhe essa oportunidade. Após um trânsito de milênios, em que se via obrigado a lutar com problemas de adaptação ao meio geográfico e social a que fora remetida pela reencarnação, a criatura aproxima-se do novo estágio.

É hora de interiorizar-se e descobrir, dentro de si mesmo, a essência eterna e cuidar dela com carinho e desvelo.

Já a exteriorização, em forma de cerimônia e símbolos, conduz a uma paralisação ou adormecimento de sua vontade e ocasiona uma atrofia em sua evolução.

Nesse sentido é que se poderá interpretar que as religiões tradicionalistas ou literalistas, sejam um adormecimento para o povo.

Respeitando, porém, aqueles que ainda estão aprisionados aos convencionalismos e aos rituais religiosos, deveremos combater em nós mesmos todo e qualquer impulso de formação de cerimoniais no meio espírita.

Nem batismo, nem casamento, nem pregações suntuosas, nem cultos às imagens ou retratos, nem vestes especiais.

Nenhum desses sistemas, que terminam por empanar a nossa marcha, deverá ser incorporado ou cultuado, seja a que título for, seja sob a capa de qualquer (aparentemente) nobre e respeitável justificativa.

Religião Espírita é a consequência natural, necessária e inevitável, das revelações da Ciência Espírita e das concepções da Filosofia Espírita.

Toda filosofia dá nascimento a um sistema de moral, e a moral espírita, que tem por finalidade não apenas indicar-nos regras de conduta social, mas normas espirituais para a vida superior leva-nos, necessariamente, para o sentimento religioso do mundo e da vida.

Capítulo 16 – Parte 2

Deus

Há um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

A prova da existência de Deus temo-la neste axioma: "Não há efeito sem causa".

Vemos, constantemente, uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou sequer para explicá-los.

A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama Deus – Jeová – Alá – Brama – Fo-hé – Grande Espírito, etc.

Tais efeitos, absolutamente, não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma previdência, uma solicitude que ultrapassam todas as condições humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente. Deus é eterno – imutável – imaterial – único – onipotente – soberanamente justo e bom.

Deus é eterno: se tivesse tido começo, alguma coisa houvera existido antes Dele, ou Ele teria saído do nada ou, então, um ser anterior o teria criado. É assim que, degrau a degrau, remontamos ao infinito na eternidade.

É imutável: se estivesse sujeito a mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

É imaterial: sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria pois, do contrário, Ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável.

É único: se houvesse muitos deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente: porque é único. Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que Ele, não teria feito todas as coisas e as que Ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom: a sabedoria das leis divinas se revela nas mínimas coisas como nas maiores e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça nem da sua bondade.

É infinito em todas as suas perfeições: se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se lhe tirássemos a menor parcela de eternidade, de imutabilidade, de imaterialidade, de unidade, de onipotência, de justiça e de bondade, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que lhe faltasse e esse ser, mais perfeito do que Ele, é que seria Deus.

Referência bibliográfica:
"Obras Póstumas" – primeira parte – capítulo X - ítens 1,2 e 3.

Capítulo 17 – Parte 2

Jesus

- Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de modelo?

"Jesus"

Para o homem, Jesus constitui o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra.

Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o espírito divino o animava ("Livro dos Espíritos", pergunta 625).

Sobre ele, rezam as tradições do mundo espiritual, que na direção de todos os fenômenos do nosso sistema existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira vez verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródomos da vida, na matéria em ignição do planeta. E a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção ("Caminhos da Luz", capítulo I).

Sem supor, de maneira nenhuma, que ele fosse o próprio Deus, mas considerando-o unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, Jesus seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnais; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível.

A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluídos terrestres.

Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito a que possuem os homens comuns.

O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluídos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluídos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo médium curador?

Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados, e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros.

Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças.

Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir?

Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus (“Gênese”, capítulo XV, ítem 2).

A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte.

No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida.

Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade.

São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos.

Depois de sua morte, ao contrário, tudo revela nele o ser fluídico. É tão marcante a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados. (“Gênese”, capítulo XV, ítem 65).

Jesus, pois, teve, como homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência (“Gênese”, capítulo XV, ítem 66).

Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra também com o selo constante da mais aguda caridade e do mais abnegado amor.

Suas parábolas e advertências estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas. A manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenários da humanidade inteira e, sobretudo, os seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre.

Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo há dois milênios. Respeitando as leis do mundo, aludindo à efígie de César, ensinou as criaturas

humanas a se elevarem para Deus, na dilatada compreensão das mais santas verdades da vida.

Remodelou todos os conceitos da vida social, exemplificando a mais pura fraternidade. Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerância, de piedade e de amor, com as suas lições na praça pública, em frente das criaturas desregradas e infelizes, e somente ele ensinou o "amai-vos uns aos outros", vivendo a situação de quem sabia cumpri-lo.

Os Espíritos incapacitados de compreendê-lo podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas, mas ninguém poderá contestar que a sua exemplificação foi única, até agora, na face da Terra.

A maioria dos missionários religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sábios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortável dos palácios e dos templos; mas o Senhor da semeadura e da seara era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu único palácio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar à posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos aliado ao individualismo dos corações – síntese social para a qual caminham as coletividades dos tempos que passam e que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir pedra onde repousasse o pensamento dolorido, a fim de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecível do "Caminho, da Verdade e da Vida".

Referência bibliográfica, pela ordem que consta na lição:
"Livro dos Espíritos" – parte 3ª – capítulo I – pergunta 625
"A Caminho da Luz" – capítulo I
"Gênese" – capítulo XV – ítens 2, 65 e 66
"A Caminho da Luz" – capítulo IX.

Capítulo 18 – Parte 2

Céu e Inferno

Em geral, a palavra céu designa o espaço indefinido que circunda a Terra e, mais particularmente, a parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *coelum*, formada do grego *coilos* (côncavo), porque o céu parece uma imensa concavidade.

Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.

Girando essas esferas, em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa idéia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos graus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade.

Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão – estar no sétimo céu – para exprimir perfeita felicidade.

Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes.

O astrônomo Ptolomeu (viveu em Alexandria, Egito, no segundo século da era cristã) contava onze céus e denominava ao último Empíreo (do grego *pur* ou *pyr*, fogo) por causa da luz brilhante que nele reina.

É este, ainda hoje, o nome poético dado ao lugar da glória eterna.

A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que giram os astros e, o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face.

É conforme esta crença que se diz que São Paulo foi alçado ao terceiro céu.

Notemos que as diferentes doutrinas, relativamente ao paraíso, repousam todas no duplo erro de considerar a Terra centro do Universo e limitada à região dos astros.

É além desse limite imaginário que todas têm colocado a residência afortunada e a morada do Todo-Poderoso.

Singular anomalia que coloca o Autor de todas as coisas, Aquele que governa a todas, nos confins da criação, em vez de no centro, donde o seu pensamento poderia, irradiante, abranger tudo.

Mas a ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou o seu archote às profundezas do espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias.

A Terra não é mais o eixo do Universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sois, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se.

Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas – reveladoras da sabedoria e onipotência do Criador – a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade.

E, assim sendo, é lícito perguntar por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela degredaria as suas criaturas prediletas? Mas, ao contrário, tudo anuncia a vida por toda parte e a Humanidade é infinita, como o Universo.

Revelando-nos a ciência, mundos semelhantes ao nosso, Deus não podia tê-los criado sem intuito; antes, deve tê-los povoado de seres capazes de os governar.

Quanto ao inferno:

Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. A idéia que ele faz, porém, dessa vida, está em relação com o seu desenvolvimento, senso moral e noções mais ou menos justas do bem e do mal.

As penas e recompensas são o reflexo dos instintos predominantes. Os povos guerreiros fazem consistir a suprema felicidade nas honras conferidas à bravura; os caçadores, na abundância da caça; os sensuais, nas delícias da voluptuosidade.

Dominado pela matéria, o homem não pode compreender senão imperfeitamente a espiritualidade, imaginando para as penas e gozos futuros um quadro mais material que espiritual; afigura-se-lhe que deve comer e beber no outro mundo, porém melhor que na Terra.

Não podendo compreender senão o que via, o homem primitivo naturalmente moldava o seu futuro pelo presente; para compreender outros tipos, além dos que tinha à vista, ser-lhe-ia preciso um desenvolvimento intelectual que só o tempo deveria completar.

Assim, também o quadro por ele ideado sobre as penas futuras não é senão o reflexo dos males da Humanidade, em mais vasta proporção, reunindo-lhe todas as torturas, suplícios e aflições que achou na Terra.

Nos climas abrasadores, imaginou um inferno de fogo e, nas regiões boreais, um inferno de gelo. Não estando, ainda, desenvolvido o sentido que, mais tarde, o levaria a compreender o mundo espiritual, não podia conceber senão penas materiais e, assim, com pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham.

Quanto ao céu como local de felicidade e o inferno como região de sofrimento, o Espiritismo ensina:

O homem compõe-se de corpo e Espírito; o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento de sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento.

O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar.

Existem, portanto, dois mundos: o corporal, composto de Espíritos encarnados e o espiritual, formado dos Espíritos desencarnados.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem em virtude do seu livre arbítrio. Pelo progresso adquirem novas faculdades, novas percepções e, conseguintemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender.

A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento moral e intelectual, sem que, por isso, precisem estar, cada qual, em lugar distinto.

Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão.

Referência bibliográfica:
"O Céu e o Inferno" – capítulos III e IV.

Capítulo 19 – Parte 2

Anjos e Demônios

Os anjos, segundo o Espiritismo:

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos fazendo-nos conhecer, ao mesmo tempo, a origem e a natureza de tais seres.

As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém aptos para adquirir o que lhes falta.

O trabalho é o meio de aquisição e o fim – que é a perfeição – é o mesmo para todos.

Conseguem-no mais ou menos prontamente, em virtude do livre arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir.

Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. Ele lhes diz: Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei e, assim, sereis árbitros da vossa própria sorte.

Conseguintemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem e foi o homem quem criou esse mal, divorciando-se dessas leis; se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

Entretanto, a alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência e, daí, ser falível.

Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que importa evitar.

Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual, até o estado de puro espírito ou anjo.

Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fluindo em sua plenitude a prometida felicidade.

Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes e por cujo desempenho se sentem ditosos, tendo ainda nele um meio de progresso.

Os demônios, segundo o Espiritismo:

Em todos os tempos os demônios representaram papel saliente nas diversas teogonias e, posto que consideravelmente decaídos, no conceito geral, a importância que lhes atribui,

ainda hoje, dá à questão uma tal ou qual gravidade, por tocar o fundo mesmo das crenças religiosas.

A crença num poder sempre é instintiva no homem. Encontramo-la, sob diferentes formas, em todas as idades do mundo. Mas, se hoje, dado o grau de cultura atingido, ainda se discute sobre a natureza e atributos desse poder, calcule-se que noções teria o homem a respeito, na infância da Humanidade.

A doutrina dos demônios tem origem na antiga crença de existirem dois princípios: o bem e o mal.

O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos e sob vários nomes, a base de todas as crenças religiosas.

Vemo-lo assim sintetizado em Oromaze e Arimane entre os persas, em Jeová e Satã, entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias ou bons e maus gênios.

Os pagãos fizeram, destes últimos, individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhe atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes.

Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

Mas, segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas.

Uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os espaços. Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre.

Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e, realmente, lhes pertencesse o mérito.

Desde o momento da sua criação que os seres progridem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos, segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente, até o anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Do expresso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso.

Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se no mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos.

O Espiritismo não lhes dá tal nome, por se prender o nome – demônio – à idéia de existir uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, voltados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.

Segundo o Espiritismo, os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. Os que, por apatia, negligência, obstinação ou má vontade, persistem em ficar por mais tempo nas classes inferiores, sofrem as consequências dessa atitude e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração.

Chega-lhes, porém, um dia, a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorar-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento.

Referência bibliográfica:
"O Céu e o Inferno" – capítulos VIII e IX.

Capítulo 20 – Parte 2

Quanto à criação dos Espíritos

"Os Espíritos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e privações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadiga e trabalho, conseguintemente sem mérito".

Observação

Transcreveremos perguntas e respostas que constam de "O Livro dos Espíritos", quanto à criação dos Espíritos, por Deus:

P – Que é o Espírito?

R – O princípio inteligente do Universo.

P – Qual a natureza íntima do Espírito?

R – Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.

P – Espírito é sinônimo de inteligência?

R – A inteligência é um atributo essencial do Espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.

P – O Espírito independe da matéria ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar?

R – São distintos uma do outro. Mas a união do Espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria.

P – Essa união é igualmente necessária para a manifestação do Espírito? (**N.B.:** Entendemos aqui, por Espírito, o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam).

R - É necessária a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o Espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos.

P – Poder-se-á conceber o Espírito sem a matéria e a matéria sem o Espírito?

R – Pode-se, é fora de dúvidas, pelo pensamento.

P – Que definição se pode dar dos Espíritos?

R – Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material. (**N.B.:** A palavra Espírito é empregada aqui para designar as

individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo).

P – Os Espíritos são seres distintos da Divindade ou serão simples emanações ou proporções desta e, por isto, denominados filhos de Deus?

R – Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela e útil, o homem lhe chama sua filha, sua criação. Pois bem, o mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua.

P – Os Espíritos tiveram princípio ou existem, como Deus, de toda a eternidade?

R – Se não tivessem tido princípio seriam iguais a Deus quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiserdes com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito, nenhum o sabe; aí é que está o mistério.

P – Pois que há dois elementos gerais no Universo, o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

R – Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.

P – A criação dos Espíritos é permanente ou só se deu na origem dos tempos?

R – É permanente. Quer dizer, Deus jamais deixou de criar.

P – Os Espíritos se formam espontaneamente ou procedem uns dos outros?

R – Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas repito ainda uma vez, a origem deles é um mistério.

P – Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais?

R – Como se pode definir uma coisa quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo. Incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.

P – Os Espíritos têm fim? É difícil de se conceber que uma coisa que teve começo possa não ter fim.

R – Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que a repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é

compreensível, nem o ignorante tudo o que é sábio aprende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.

P – Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

R – Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.

P – Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?

R – O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.

P – Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?

R – Estão por toda a parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo ao vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditadas aos menos adiantados.

P – Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

R – Para vós, não. Para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea.

P – Essa chama ou centelha tem cor?

R – Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.

P – Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

R – Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.

P – O pensamento não é a própria alma que se transporta?

R – Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma que pensa. O pensamento é um atributo da alma.

P – O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar aonde quer ir?

R – Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo isso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.

P – A matéria opõe obstáculo ao Espírito?

R – Nenhum. Eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente possíveis.

P – Têm os Espíritos o dom da ubiqüidade ou seja, um Espírito pode dividir-se ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

R – Não pode haver divisão de um mesmo Espírito. Mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um, somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.

P – Todos os Espíritos irradiam com igual força?

R – Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.

N.B.: Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido, unicamente, é que se deve entender o dom da ubiqüidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimentos a diferentes pontos.

P – São iguais os Espíritos ou há, entre eles, qualquer hierarquia?

R – São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.

P – As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado?

R – São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação, traçadas com barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais: Na primeira ordem colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima, os Espíritos puros. Formam a segunda ordem os que chegaram ao meio da escala. O desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira ordem os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam a progresso, eis o que os caracteriza..

P – Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo?

R – Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.

P – Os da terceira ordem ou categoria, são todos essencialmente maus?

R – Não, uns há que não fazem nem o mal nem o bem. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhe depara ocasião de praticá-lo. Há, também, os

levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia do que na maldade e cujo prazer consiste em causar pequenas contrariedades, de que se riem.

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Espíritos" – parte primeira – capítulo II.
"O Livro dos Espíritos" – parte segunda – capítulo I.

Capítulo 21 – Parte 2

União do princípio espiritual à matéria

Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito, para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta.

Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento de trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele vai se mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.

Para sermos mais exatos, devemos dizer que é o próprio Espírito que molda seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades. Aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades. Numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência.

Deus lhe fornece os materiais. Cabe a ele, Espírito, empregá-los.

É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelho cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo.

Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio.

Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças.

Ora, como todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe.

O princípio vital, não mais encontrando elemento para a sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa imprestável.

O corpo, conseguintemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram em sua construção.

- Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais; a animá-lo o mesmo princípio vital ou, a aquecê-lo, o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades.

É um ponto que não sofre contestação.

A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distingüa do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a habitação e o habitante.

Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é sua vestimenta de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

Referência bibliográfica:
"A Gênese" – capítulo XI – ítens 10, 11, 12 e 13.

Capítulo 22 – Parte 2

Formação dos seres vivos – povoamento da Terra (Transcrição do "Livro dos Espíritos")

P – Quando começou a Terra a ser povoada?

R – No começo tudo era o caos. Os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram, então, os seres vivos apropriados ao estado do globo.

P – Donde vieram para a Terra os seres vivos?

R – A Terra lhes continha os germens, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram, desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados e formaram os germens de todos os seres vivos. Estes germens permaneceram em estado latente de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício ao surto de cada espécie. Os seres de cada uma destas se reuniram, então, e se multiplicaram.

P – Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?

R – Achavam-se, por assim dizer, em estado fluído, no espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo.

<u>Raciocínio de Kardec</u>

A química nos mostra as moléculas inorgânicas unindo-se para formarem cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que se encontrem nas condições precisas. A menor perturbação nestas condições basta para impedir a reunião dos elementos ou, pelo menos, para obstar a disposição regular que constitui o cristal.

Porque não se daria o mesmo com os elementos orgânicos?

Durante anos se conservam germens de plantas e de animais, que não se desenvolvem senão a uma certa temperatura e em meio apropriado. Tem-se visto grãos de trigo germinar depois de séculos.

Há, pois, nesses germens, um princípio latente de vitalidade que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver.

O que, diariamente, ocorre debaixo de nossas vistas, porque não pode ter ocorrido desde a origem do globo terráqueo?

A formação dos seres vivos, saindo eles do caos pela força mesma da Natureza, diminuiu de alguma coisa a grandeza de Deus? Longe disso: corresponde melhor à idéia que fazemos do seu poder a se exercer sobre a infinidade dos mundos, por meio de leis eternas.

Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais. Mas Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações.

N.B.: Continuamos, agora, com as transcrições das perguntas e respostas:

P – Ainda há seres que nasçam espontaneamente?

R – Sim, mas o gérmen primitivo já existia em estado latente. Sois todos os dias testemunha desse fenômeno. Os tecidos do corpo humano e dos animais não encerram os germens de uma multidão de vermes que só esperam, para desabrochar, a fermentação pútrida que lhes é necessária à existência? É um mundo minúsculo que dormita e se cria.

P – A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

R – Sim, e veio a seu tempo. Foi o que deu lugar a que se dissesse que o homem se formou do limo da Terra.

P – Poderemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos na Terra?

R – Não, todos os vossos cálculos são quiméricos.

P – Se o gérmen da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente os homens, como na origem dos tempos?

R – O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto pode-se dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitirem segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos.

Referência bibliográfica:
"O Livro dos Espíritos" – parte primeira - capítulo III.

Capítulo 23 – Parte 2

Hipótese sobre a origem do corpo humano

Da semelhança que há, de formas exteriores, entre o corpo do homem e do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada há aí de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem.

Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequada ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal.

Em vez de fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique aqui bem entendido que se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

Admitida essa hipótese pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto.

Melhorados os corpos, pela procriação se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores em enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu.

O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou, produziu um ramo que, por sua vez, se tornou tronco.

Como na natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior, e não muito também pela inteligência.

Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco que só lhes falta ser peludos para ser completa a semelhança.

Referência bibliográfica:
"A Gênese" – capítulo XI – ítens 15 a 16.

Capítulo 24 – Parte 2

Conceito de mediunidade

Médium quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru.

A mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas.

Da mesma forma que a inteligência e demais faculdades humanas, a mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma espiral.

As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos Espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda.

Nessa fase infantil, as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes vêem e denunciam presença de Espíritos e, não raro, transmitem avisos e recados dos Espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta.

Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condicionamento da vida terrena, desligando-se progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas.

O espírito se ajusta no escafandro para enfrentar os problemas do mundo. Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico para, a seguir, abrir-se o segundo. Considera-se, então, que a criança não tem mediunidade; a fase anterior é levada à conta de imaginação e da fabulação infantil.

É geralmente na adolescência, a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo.

No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual.

Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la, com informações mais precisas sobre o problema mediúnico.

Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas, mesmo nesse caso, é necessário cuidado para orientar o adolescente sem

excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento.

O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário, são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária.

Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica.

Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena.

Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinos espíritas. Sua mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão, mais ou menos nítidas, em suas tendências e em seus anseios.

Forçá-los a seguir um rumo que repele é cometer uma violência de graves consequências futuras.

Os exemplos dos familiares influem mais em suas opções do que os ensinos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão.

No caso de manifestações espontâneas da mediunidade, é conveniente reduzi-las ao círculo privado da família ou de um grupo de amigos nas instituições juvenis, até que sua mediunidade se defina, impondo-se por si mesma.

O terceiro ciclo ocorre, geralmente, na passagem da adolescência para a juventude, entre os dezoito e vinte e cinco anos. É tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas.

Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações.

Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais.

As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

Há, ainda, um quarto ciclo, correspondente à mediunidade que só aparece após a maturidade, na velhice ou na sua aproximação.

Trata-se de manifestações que se tornam possíveis devido às condições da idade: enfraquecimento físico, permitindo mais fácil expansão das energias perispiríticas; maior

introversão da mente, com a diminuição de atividades da vida prática; estado de apatia neuropsíquica, provocado pelas mudanças orgânicas do envelhecimento.

Esses fatores permitem maior desprendimento do Espírito e seu relacionamento com entidades desencarnadas. Esse tipo de mediunidade tardia tem pouca duração, constituindo uma espécie de preparação mediúnica para a morte.

Restringe-se a fenômenos de vidência, comunicação oral, intuição, percepção extra-sensorial e psicografia.

Embora seja uma preparação, a morte pode demorar vários anos, durante os quais o Espírito se adapta aos problemas espirituais com que não se preocupou no correr da vida. Esses fatos comprovam o conceito de mediunidade como simples modalidade do relacionamento homem-espírito.

Referência bibliográfica:
"Mediunidade" (J. Herculano Pires) – capítulo I, págs. 11 a 13.

Kardec lembra que o fato de o Espírito estar encarnado não o priva de relacionar-se com os Espíritos libertos, da mesma maneira que um cidadão encarcerado pode conversar com um cidadão livre, através das grades.

Não se trata das conhecidas visões de moribundos no leito mortuário, mas de típico desenvolvimento tardio de mediunidade que, pela completa integração do indivíduo na vida carnal, imantado aos problemas do dia a dia, não conseguiu aflorar.

A sua manifestação tardia lembra o adágio de que os extremos se tocam. A velhice os devolve à proximidade do mundo espiritual, em posição semelhante à das crianças.

Na verdade, a potencialidade mediúnica nunca permanece letárgica; pelo contrário, ela se atualiza com mais frequência do que supomos, passa pela potência a ato em diversos momentos da vida, através de pressentimentos, previsões de acontecimentos simples, como o encontro de um amigo há muito ausente, percepções extra-sensoriais que atribuímos à imaginação ou à lembrança, e assim por diante.

Vivemos mediunicamente, entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais.

Durante o sono, como Kardec provou através de pesquisas, ao longo de mais de dez anos, desprendemo-nos do corpo que repousa e passamos ao plano espiritual.

Nos momentos de ausência psíquica, de distração, de cochilo, distanciamo-nos do corpo rapidamente e a ele retornamos como o pássaro que voa e volta ao ninho.

A psicologia procura explicar esses lapsos fisiologicamente, mas as reações orgânicas a que atribui o fato não são causas e sim efeito de um ato mediúnico de afastamento do Espírito.

Os estudos de hipnotismo comprovam isso, mostrando que a hipnose interfere constantemente em nossa vigília, fazendo-nos dormir em pé e sonhar acordados, como geralmente se diz.

A busca científica de uma essência orgânica da mediunidade nunca deu nem dará certo. Porque a mediunidade tem a sua essência na liberdade do Espírito.

Chegando a este ponto podemos colocar o problema em termos mais precisos: a mediunidade é a manifestação do Espírito através do corpo. No ato mediúnico tanto se manifesta o Espírito do médium como um Espírito ao qual ele atende e serve.

Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações espírito-corpo. É o que chamamos educação mediúnica.

Na proporção em que o médium aprende, como Espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura.

Assim, o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicológico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo.

A dificuldade maior está em se fazer o médium compreender que, para tanto, não precisa tornar-se santo, mas apenas um homem de bem.

Os objetivos de santidade perseguidos pelas religiões, através dos milênios, gerou no mundo uma expectativa incômoda para todos os que se dedicam aos problemas espirituais. Ninguém se torna santo através da sufocação dos poderes vitais do homem e adoção de um comportamento social de aparência piedosa. O resultado disso é o fingimento, a hipocrisia que Jesus condenou incessantemente nos fariseus, uma atitude permanente de condescendência e bondade que não corresponde às condições íntimas da criatura. O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros.

Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem.

As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e conscienciais que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida.

Essa colocação dos problemas mediúnicos sugere um conceito da mediunidade que nos leva às próprias raízes do Espiritismo.

A mediunidade nos aparece como o fundamento de toda a realidade. O momento do “Fiat”, da criação do Cosmos, é um ato mediúnico. Quando o Espírito estrutura a matéria para se manifestar na criação, constrói o elemento intermediário entre ele e a realidade sensível ou material. A matéria se torna médium do Espírito.

Assim, a vida é uma permanente manifestação mediúnica do Espírito que, por ela, se projeta e se manifesta no plano sensível ou material.

O inteligível, que é o espírito inteligível do Universo, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde os reinos mineral, vegetal e animal, até o reino hominal, onde a mediunidade se define em sua plenitude.

A responsabilidade do Homem, da Criatura Humana, expressão mais elevada do Médium, adquire dimensões cósmicas. Ele é o produto multimilenar da evolução universal e carrega em sua mediunidade individual o pesado dever de contribuir para que a Humanidade realize o seu destino cósmico. A compreensão deste problema é indispensável para que os médiuns aprendam a zelar pelas suas faculdades.

Referência bibliográfica:
"Mediunidade" (J. Herculano Pires) – capítulo I, págs. 13 a 16.

Capítulo 25 – Parte 2

Suicídio

Entre os erros que uma pessoa possa cometer, enquanto está vivendo na Terra, alguns se destacam, quanto à gravidade, pelas consequências que acarretam a quem os praticou.

Um deles e de consequências sempre dolorosas, é a prática do suicídio. E é fácil compreender por que.

Cada pessoa que vive na Terra é um Espírito que usa o corpo carnal para, através dele, poder agir no mundo material. O corpo é uma espécie de ferramenta utilizada pelo Espírito para poder cumprir aqui na Terra determinadas tarefas que lhe foram atribuídas pela Lei Divina, como oportunidade de aprendizado e de progresso.

Por isso, assim como se um operário destruir a ferramenta recebida para executar um trabalho, além de deixar de receber uma recompensa pelo trabalho que poderia ter feito, terá que pagar pelo prejuízo que causou, destruindo a ferramenta. Também o Espírito, que recebeu um corpo carnal para viver na Terra, é responsável pela utilização e preservação desse corpo – ferramenta de trabalho – que recebeu.

Consideremos, ainda, que é o próprio Espírito a sede e o repositório das emoções que as experiências vividas lhe proporcionam, pois o corpo carnal não pensa, é somente matéria.

Quem pensa, ama ou odeia, sente saudades ou ciúmes, é o Espírito e não o corpo.

Assim, se deixarmos o corpo carnal, pelo fenômeno natural da morte, continuaremos a amar aos que amamos, a odiar aos que odiamos e a sentir ciúmes, saudades, etc.

Algumas religiões, não reencarnacionistas, atemorizam seus adeptos ensinando-lhes que os que cometem o suicídio ficam perdidos para sempre e negam, inclusive, aos corpos dos que fogem da vida pelo suicídio, as últimas bênçãos, que são dispensadas aos que partem da vida terrena pela morte natural.

O Espiritismo ensina que a prática do suicídio é realmente um dos erros mais graves que o ser humano pode praticar e que sempre lhe acarreta consequências dolorosas mas que, porém, o suicida não ficará “perdido para sempre”, pois Deus, que é amor, lhe oferecerá renovadas oportunidades de regeneração.

O Espiritismo nos informa ainda, quanto às consequências do suicídio, pela voz dos próprios Espíritos, que quando vivendo na Terra praticaram esse ato tresloucado e que vêm depois, através dos médiuns, contar em que situação ficaram no mundo espiritual.

Dizem todos eles que a primeira sensação, depois de destruírem o corpo, é a de um arrependimento profundo e que, se pudessem, continuariam vivendo na Terra, mesmo que numa situação mil vezes pior do que aquela que os conduziu a se decidirem pela fuga na Terra.

Percebem, de imediato, que a morte do corpo físico não resolveu nenhum problema; antes, os agravou, pois continuam tão vivos, espiritualmente, como quando estavam na Terra,

sentindo todas as emoções, inclusive as do remorso e da vergonha, por atos menos dignos que tenham praticado, e a situação é agravada por se reconhecerem, desde então, impossibilitados de repararem algum mal que tivessem feito e totalmente impedidos, pelo menos no momento, de auxiliarem algum ente querido que tenha ficado na Terra.

Muitos dizem também perceberem que, se tivessem esperado mais um pouco, tido um pouco mais de paciência, confiado um pouco mais em Deus, os problemas que os conduziram a praticar o suicídio teriam sido solucionados de forma bastante aceitável e, em alguns casos, que a solução seria amplamente satisfatória.

Muitos deles contam terem permanecido, durante muitos anos, no mundo espiritual, considerando-se perdidos realmente para sempre, isto em virtude da orientação religiosa que tiveram aqui na Terra, e que só posteriormente verificaram que, enquanto permaneciam aturdidos, no mundo espiritual, sempre tiveram ao seu lado Espíritos bons que, através da transmissão de pensamentos, procuravam confortá-los, acenando-lhes com a possibilidade de receberem uma nova oportunidade de voltar a viver na Terra, é verdade que em situação tanto ou mais difícil que a da última existência, mas sempre como oportunidade de resgatar faltas e construir um destino melhor, até feliz.

Explicam, então, que o aturdimento em que viviam lhes impedia de perceber a presença dos Espíritos amigos e, somente quando se entregaram à prece fervorosa, solicitando o auxílio Divino, é que seus olhos como que clarearam e puderam perceber que Deus nunca os abandonara.

Todos os Espíritos que partiram da Terra, pelo suicídio, dizem que terão que viver novamente, em outra encarnação, as situações difícieis nas quais fracassaram e que os levou a fugir da vida. São alertados que não são considerados suicidas somente os que destroem o corpo ostensivamente, mas também os que malbaratam a saúde física por qualquer excesso, como por exemplo, o de comer demasiadamente ou de beber o que lhe prejudica o equilíbrio orgânico.

Ao se prepararem para retornar à Terra, pela reencarnação, são conscientizados que o melhor para eles é guardarem no próprio coração uma fé imensa na bondade Divina, que não desampara ninguém, em nenhuma situação e que, quando estiverem vivendo novamente na Terra, sempre que se encontrarem em situação difícil, aparentemente insustentável, poderão recorrer ao recurso da prece e do “Alto” jorrará, como bênção Divina, força de sustentação, para continuarem a caminhar.

Capítulo 26 – Parte 2

Aborto

Transcrevemos do "Livro dos Espíritos" – parte segunda – capítulo VII – as perguntas nºs. 357 a 359:

P – Que consequência tem, para o Espírito, o aborto?

R – É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar.

P – Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

R – Há crime sempre que transgredis a Lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do nascimento, porque impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.

P – Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

R – Unicamente nesse caso, é preferível se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.

Notemos bem a gravidade da prática do aborto: somente é permitida a sua prática para salvar a vida da mulher em cujo ventre foi gerada uma criança, se isto for aconselhado por um médico consciencioso do seu dever profissional e que encare a sua profissão como um verdadeiro sacerdócio e não exclusivamente como um meio de ganhar dinheiro. Felizmente, parece que a grande maioria dos médicos pode ser enquadrada nesta situação, de serem conscienciosos e honestos no desempenho de sua profissão, embora nem todos possam, em sã consciência, ser considerados também como apóstolos da medicina.

Em qualquer outra hipótese, a prática do aborto é considerada pela Lei Divina como um crime, um assassínio e, no caso, um infanticídio, com a agravante de matar-se um ser humano negando-se a ele o direito de defender-se mesmo porque, vivendo ainda no ventre de sua mãe, não tem possibilidade de fazer com que ouçamos sua voz, pedindo que o socorram para não ser assassinado, implorando que, pelo amor de Deus, lhe permitam também vir viver aqui na Terra.

São responsáveis também, pelo crime do aborto, todas as pessoas que colaboram para que o assassínio seja consumado, tais como: o pai da criança, as vizinhas da mãe do assassinado, a sogra, as amigas, as comadres, as tias, a parteira, o médico; enfim, todas as pessoas que, de qualquer forma, colaborem para que o aborto seja praticado.

E, notemos bem, são responsáveis perante Deus, mesmo que procurem justificar-se mutuamente por induzirem a mãe a praticar aquele crime contra o filho que carrega no ventre.

É responsável também, por prática de aborto, a mulher que, ao perceber estar grávida e não desejando ter o filho, começa deliberadamente a praticar atos que sabe poderão fazê-la abortar. Inclui-se, nestes casos, a rejeição mental contra o filho.

No caso das mulheres não casadas que ao ficarem grávidas procuram abortar, justificando-se não desejarem expor-se aos comentários da "sociedade", será que em holocausto a essa tal "sociedade", quase que totalmente depravada, que condena a mulher que errou mas endeusa o homem que a conduziu ao erro, classificando-o como "machão" e conquistador, será que, repetimos, vale a pena assassinar uma criança que, no futuro, se lhe permitirem viver, poderá ser um verdadeiro amigo e protetor de sua mãe?

Em suma, o Espírito que teve a oportunidade concedida por Deus, de que um corpo fosse gerado no ventre de uma mulher para que ele venha a viver na Terra tem, indiscutivelmente, o direito de nascer.

Se quando nós fôssemos nascer, nossas mães tivessem praticado o aborto, impedindo-nos de vir à Terra, provavelmente teríamos ficado perturbados, cheios de revolta e de ódio, e ainda estaríamos "comendo lama" no umbral.

Para nos conscientizarmos de vez quanto à gravidade da prática do aborto, recapitulemos as lições nºs. 06 a 11, da Série A, que versam sobre os mecanismos das reencarnações e veremos que todos os renascimentos de Espíritos demandam, dos benfeitores espirituais, um trabalho muito grande de preparação do reencarnante e de seus futuros pais, para que se aceitem mutuamente; para que, quando estiverem vivendo na Terra, quebrem as algemas do ódio que os jugulava e as substituam pelos elos do amor, para que possam viver em paz e felizes.

Observemos bem um detalhe importantíssimo: desde o instante em que o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, ao óvulo é ligado o Espírito reencarnante, para que influencie, modele mesmo, o corpo físico que para ele está sendo gerado no ventre de sua futura mãe. Portanto, em qualquer período em que o aborto venha a ser praticado, um ser vivo, tão vivo e humano como nós mesmos, estará sendo expulso de seu "corpo" o que, em última análise, na terminologia usada pelos homens na Terra, equivale a um assassínio e, no caso, a um infanticídio.

Meditemos profundamente em nossas responsabilidades espirituais e procedamos de forma a suavizar e não de complicar o nosso destino.

Capítulo 27 – Parte 2

O Evangelho, segundo o Espiritismo

Deixamos a apresentação do "Evangelho, segundo o Espiritismo", para o fim do Curso de Espiritismo por Correspondência, partindo do pressuposto de que o término do Curso é o início de uma caminhada pela eternidade, em busca ininterrupta do aperfeiçoamento espiritual.

E, no Evangelho do Mestre, encontraremos sempre a diretriz para nortear nossas vidas, se adotarmos os ensinamentos de Jesus como norma de conduta, como o nosso estilo de vida.

Na introdução do "Evangelho, segundo o Espiritismo", Allan Kardec explica que podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos escritos pelos quatro evangelistas – Lucas, Mateus, Marcos e João – e que são divididas assim: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.

As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, o ensino moral, conservou-se constantemente inatacável.

É terreno onde todos os cultos podem reunir-se; estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas.

Consideremos agora outro aspecto: muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até disparatados, por falta de chave que faculte se lhes aprenda o verdadeiro sentido.

Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.

O Espiritismo se nos depara por toda a antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade.

Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos.

Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

O "Evangelho, segundo o Espiritismo", é assim denominado porque, como complemento de cada preceito evangélico, constam nele algumas instruções escolhidas dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns.

Se essas instruções fossem tiradas de uma fonte única, teriam talvez sofrido uma influência pessoal e do meio, enquanto a diversidade de origem prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinos e que ninguém a respeito goza de qualquer privilégio.

Essa obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar, com a moral do Cristo, o respectivo proceder.

Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta; porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais.

As instruções que promanam dos Espíritos são, verdadeiramente, as vozes do céu, que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

O convite para praticarmos o Evangelho foi feito. Aceitar ou recusar é decisão individual.

Meditemos no que o Espírito Verdade fala no prefácio do "Evangelho, segundo o Espiritismo" e que transcrevemos, para que possamos nos decidir:

"Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos. Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas e os cânticos dos anjos se lhes associam.

Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino conserto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós.

Amai-vos, também, uns aos outros e dizei, do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor! ... E podereis entrar no Reino dos Céus".

Referência bibliográfica:
"O Evangelho, segundo o Espiritismo" – introdução e prefácio.

BREVE HISTÓRICO

- **Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas**
- **Breve biografia de alguns integrantes do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas**
- **Grupo Promotor de Estudos Espíritas**
- **Idealização e criação do “Curso de Espiritismo por Correspondência"**

Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas

"Fundado em 23/01/1948, por José Herculano Pires, que foi o seu primeiro presidente. Faziam parte do Clube escritores e profissionais da imprensa, tais como: Júlio de Abreu Filho, Wandick de Freitas, Jorge Rizzini, Paulo Alves de Godoy, Odilon Negrão, Pedro Granja, dentre outros. A ação do Clube dos Jornalistas Espíritas não se limitava ao movimento espírita brasileiro. Chegou, até mesmo, a protestar contra o Governo do ditador Perón, por obrigar os médiuns argentinos a se registrarem no Departamento de Psicopatologia, com fichário de exames psiquiátricos, como se fossem doentes mentais. Protesto este completamente noticiado pela grande imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro. O Clube enfrentava também os opositores do espiritismo e denunciava os confrades que mistificavam dentro do movimento doutrinário". (Fonte: Érika Silveira – Revista Cristã do Espiritismo. Internet: www.comunidadeespirita.com.br).

O Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas tinha como principal foco de ação a divulgação e a defesa da Doutrina Espírita. Sua sede ficava no centro da Cidade de São Paulo, na Rua São Bento. Como referência da localização, descendo pela Rua São Bento, do Largo São Francisco em direção à Praça do Patriarca, ficava do lado esquerdo, entre a Rua José Bonifácio e a Rua Direita. De acordo com as referências fornecidas pelo Sr. Miguel Jacintho Filho, foram identificados dois edifícios onde, provavelmente, localizava-se a sede do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, no primeiro andar: O Edifício Azevedo Soares, localizado no nº 45 e o Edifício Kosmos, no nº 59. Embora sejam os únicos edifícios que correspondem à descrição feita pelo Sr. Miguel, suas lembranças não permitiram uma maior precisão para a localização. O Clube funcionou por 22 anos, até início dos anos 1970. Abaixo, para ilustração, fotos dos dois edifícios acima citados:

Edifício Azevedo Soares
Edifício Kosmos

Edifício Azevedo Soares
Edifício Kosmos

O Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo integrou e participou do Movimento "Campanha em Defesa da Escola Pública", no início dos anos 1960. Esse Movimento originou-se na Universidade de São Paulo (USP), tendo como integrantes, dentre outros, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso. Nessa época muitos educadores, intelectuais e outros representantes da sociedade acadêmica brasileira *"já estavam envolvidos na discussão e principalmente na criação de um projeto que, através do Estado-Educador, privilegiasse a educação escolarizada, tornando o acesso e a permanência cada vez maior nas classes mais baixas. Simultaneamente, estava em trâmite a aprovação da Lei de Diretrizes da Educação Nacional que, com o apoio das elites, não suportavam essas propostas. É nesse contexto que nasce a Campanha em Defesa da Escola Pública. Em torno de indignações, reuniram-se vários educadores em São Paulo e realizaram a I Convenção Estadual em Defesa da Escola Pública, donde saiu grande mobilização, dando origem ao Movimento"*. (Fonte: Internet: http://br.geocities.com/dce_ielusc/biografia_florestan.htm).

Breve biografia de alguns dos Integrantes do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas

1. José Herculano Pires

Fundador do Clube e seu primeiro presidente.

Natural de Avaré (SP), nasceu em 25/09/1914 e desencarnou em 09/03/1979, aos 65 anos.

Residiu na cidade de Marília (SP), entre os anos 1940 e 1946 mudando-se, então, para a cidade de São Paulo.

Graduado em Filosofia pela USP, em 1958, foi filósofo, repórter, redator, cronista parlamentar e crítico literário. Trabalhou nos Diários Associados por cerca de 30 anos. À época, as instalações dos Diários Associados localizavam-se na Rua 7 de Abril, no Centro da cidade de São Paulo.

Foi titular da cadeira de filosofia da educação, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (SP), entre os anos 1959 e 1962.

Foi membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, seção de São Paulo, onde lecionou psicologia.

Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, entre os anos de 1957 e 1959. Também lecionou sociologia, no curso de jornalismo que era realizado no Sindicato.

Foi presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia de São Paulo, onde também ministrou aulas.

Herculano Pires organizou e dirigiu cursos de parapsicologia para os Centros Acadêmicos da Faculdade de Medicina da USP, da Santa Casa de Misericórdia de São

Paulo, da Escola Paulista de Medicina e em diversas cidades e colégios do interior do Estado de São Paulo.

Foi membro da Academia Paulista de Jornalismo, onde ocupou a Cadeira "Cornélio Pires", em 1964.

Integrou a União Brasileira de Escritores, onde exerceu o cargo de diretor e membro do Conselho, no ano de 1964.

Foi Chefe do Sub-Gabinete da Casa Civil da Presidência da República, no Governo do Sr. Jânio da Silva Quadros, no ano de 1961.

Além de poeta e romancista, J. Herculano Pires dedicou-se ao estudo e divulgação da Doutrina Espírita, deixando uma extensa produção literária sobre o tema. Traduziu cuidadosamente as obras da Codificação Kardecista, enriquecendo-as com notas explicativas nos rodapés das páginas.

O acervo de suas obras pode ser visitado em São Paulo, na Rua Dr. Bacelar, nº 505, telefone 5549-3053, na Vila Clementino. Nesse local funciona a Fundação Maria Virgínia e José Herculano Pires.

Fonte: http://www.editorapaideia.com.br/Herculano_Pires/herculano_pires.html

Fonte: http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=6710

Internet: www.fundacaoherculanopires.org.br

Internet: www.panoramaespirita.com.br (ver biografias)

2. Jorge Rizzini

Nasceu em São Paulo (SP), em 25/12/1924 e desencarnou em 17/10/2008, aos 84 anos.

Formou-se em jornalismo, dedicando-se à área de comunicação. Foi pioneiro na apresentação de programa espírita na televisão.

Presidiu o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas em 1958.

Fundou a Filmoteca Espírita Nacional, ganhando notoriedade com a criação do Festival de Música Mediúnica.

Foi médium com expressivo potencial, incluindo sensibilidade para a música. Chegou a gravar três discos e um CD com músicas mediúnicas de autoria de Verdi, Carlos Gardel e Ary Barroso. Poetas do plano espiritual também utilizaram sua sensibilidade mediúnica para enviar criações, que se transformaram em livros.

Rizzini tornou-se conhecido por sua extensa lista de atividades realizadas no movimento espírita e pela forma contundente com que defendia a integridade das obras de Allan Kardec, Chico Xavier, Herculano Pires e outros expoentes do Espiritismo.

Fonte: Internet: http://www.lachatre.com.br/autores.php?autid=135

Fonte: Internet:
http://www.correiofraterno.com.br/index.php?Itemid=35&id=164&option=com_content&task=view

3. Júlio de Abreu Filho

Natural da cidade de Quixadá (CE), nasceu em 10/12/1893 e desencarnou em 28/09/1971, aos 78 anos.

"Fez os cursos preparatórios no Estado do Ceará, no Colégio S. José (Serra do Estevão). Em 1911, ingressou na Escola Politécnica da Bahia, sediada em Salvador, não chegando a completar o curso. Em seguida transferiu- se para a cidade de Ilhéus, também no Estado da Bahia, onde passou a trabalhar na Delegacia de Terras, da Secretária da Agricultura. Foi funcionário da Prefeitura Municipal e da Estrada de Ferro Inglesa, participando ativamente da construção do trecho Ilhéus-Conquista, naquele mesmo Estado.

No ano de 1921, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar na companhia Light. Em 1929, ainda trabalhando nessa mesma empresa, foi transferido para São Paulo, participando da construção da usina hidroelétrica de Cubatão.

Nos idos de 1934-35 dedicou- se ao magistério secundário, lecionando em vários colégios da Capital paulista. Em 1936, como funcionário da Secretária da Agricultura do Estado de S. Paulo, secção de engenharia rural, tomou parte saliente em vários e importantes projetos no interior do Estado.

No seio do Espiritismo exerceu numerosas atividades. Foi membro da diretoria da União Federativa Espírita Paulista. Participou ativamente da fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, da qual foi conselheiro durante muitos anos. Teve marcante atuação no I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado cm S. Paulo.

No ano de 1949, deu início à gigantesca tarefa de verter para o vernáculo a "Revue Spirite", revista espírita publicada por Allan Kardec durante doze anos consecutivos. Com esse propósito fundou a "Édipo - Edições Populares", lançando concomitantemente o jornal "Édipo" que teve vida efêmera. A divulgação da tradução da "Revue Spirite" foi mais tarde encetada pela "Edicel", de S. Paulo".

Fonte: Internet: http://www.espiritismogi.com.br/biografias/julio_abreu.htm

Internet: http://www.espiritismogi.com.br/

4. Wandick de Freitas

Natural de Curitiba (PR), nasceu em 1912 e desencarnou em 1978, aos 66 anos.

Jornalista, trabalhou nos Diários Associados, onde foi secretário de redação do Jornal Diário de São Paulo.

Dirigiu o Jornal Diário de Santos, do Grupo Diários Associados.

Pertenceu à equipe de produção da Rádio Record.

Presidiu, por duas vezes, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

5. Paulo Alves de Godoy

Nasceu na cidade de São Paulo, em 22/09/1914 e desencarnou em 19/04/2001, aos 87 anos.

Escritor, colaborou com diversos órgãos da imprensa paulistana.

Trabalhou durante 33 anos no Frigorífico Armour do Brasil e, posteriormente, no Frigorífico Bourbon.

Exerceu cargos em diversas instituições espíritas, tais como: Secretário do Centro Espírita Bezerra de Menezes (Lapa, São Paulo); Diretor da União Federativa Espírita Paulista; Delegado, em São Paulo, da Confederação Espírita Panamericana; Membro do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo; Conselheiro da Liga Espírita do Estado de São Paulo.

Realizou palestras sobre a Doutrina Espírita por todo o Estado de São Paulo e, também, em vários Estados do Sul do Brasil. Também colaborou com vários órgãos da imprensa escrita no Brasil e no exterior, principalmente Argentina e Portugal.

Em fevereiro/1966 fundou o jornal "O Semeador", órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde permaneceu até a sua desencarnação.

Fonte: Internet: http://www.panoramaespirita.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=6710

Internet: www.panoramaespirita.com.br (ver biografias)

6. Pedro Granja

Nossas pesquisas mostraram-se infrutíferas na intenção de colher material que pudesse registrar um pouco mais da vida e da obra deste personagem. São muito escassas as referências existentes na Internet, a respeito do Sr. Pedro Granja. Na maioria das vezes, as informações direcionam para duas obras básicas.

Uma dessas obras refere-se ao livro intitulado "Fantasmas, Fantasias e Fantoches", publicado pela Editora Édipo, de São Paulo, provavelmente em 1950. Esse livro foi escrito por Carlos Imbassahy (primeira parte) e por Pedro Granja (segunda parte), tendo prefácio assinado por Júlio Abreu Filho, com data de agosto de 1950. O texto deste livro corresponde a considerações e contestações em defesa do Espiritismo, em contra-argumentação ao livro intitulado "Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo", de autoria do médico e professor Dr. Silva Mello, publicado pela Editora José Olympio, com críticas e posicionamentos depreciativos à Doutrina Espírita.

A outra obra refere-se ao livro "Afinal, quem somos?", de autoria de Pedro Granja, publicado em 1947-1948, que trata da imortalidade da alma e da sua comunicabilidade com os vivos. Este livro teve seu prefácio assinado por Monteiro Lobato, em 10 de novembro de 1947, cujo teor reproduzimos a seguir:

"Neste livro o Autor estuda a imortalidade da alma e a sua comunicabilidade com os vivos, desde a mais remota antiguidade. Remontando-se à antiga civilização védica, constatou que esses estranhos fenômenos, anímicos ou espiriticos, sempre impressionaram a humanidade: - era a revelação dos Espíritos.

Codificada mais tarde a revelação, que se imaginava nos ensinos dos Espíritos, tomou o nome de Espiritismo, cujo poder principal reside na sua universalidade, causa preponderante da rápida propagação, como bem afirmou o seu Codificador, Professor Dr. Léon Hippolyte Denizard Rivail.

Impressionando os sábios, a ciência procurou então estudá-lo através do terreno neutro, experimental, onde a análise comprovada dos fatos, transformou-o em verdadeira ciência – a ciência da alma.

Daí, perdendo o caráter de miraculoso com que lhe presenteou a ignorância, invadiu o campo das pesquisas e das investigações de laboratórios e perquirições várias, onde a tudo e a todos se submeteu, vencendo galhardamente todas as provas que, em nome da ciência, se lhe impunham.

Encarado então pelo lado científico, o Espiritismo, isto é, 'a ciência da alma', tornou-se a mais profunda de todas as ciências, pois se apoia em fatos positivos, categóricos, controláveis e analisáveis em todas as fórmulas reagentes da química, da física, da biologia, etc., positivando cientificamente que a alma sobreexiste e continua a ter mais vivacidade após se despojar do seu invólucro carnal.

Se os sábios afirmaram que a alma é imortal, não fora por deduções filosóficas ou fé dogmática, mas porque viram, conversaram com ela quando materializada em seus laboratórios, auscultaram-lhe os pulmões, fizeram reações químicas do ar que expelia pela respiração e que, soprando na água de barita, produziram um precipitado de bário, depois lhe tomaram o pulso e a temperatura, tiraram-lhe o retrato, cortaram-lhe os cabelos e os retiveram, modelaram-lhe as mãos recurvas e entrelaçadas e o rosto em parafina derretida, provaram enfim que ela se corporifica quando, em circunstâncias especiais, o seu perispírito pode 'agenciar' os elementos necessários para se materializar, revestida de carne e osso, com todos os predicados de um ser humano como nós outros.

E concluíram, então, que leis tão rigorosas e inflexíveis como as que governam a matéria, regem o mundo invisível; e que, no concerto universal, tudo, seres e coisas, se encadeiam e ligam em estreita solidariedade, em profunda e sublime harmonia, não havendo motivo para o milagre e o sobrenatural, porque eles não existem.

Esta é, em síntese, 'a ciência da vida da alma', não só na sua condição encarnada ou desencarnada, mas também em suas evoluções sucessivas e irrevogáveis através do tempo e do espaço. E as afirmativas desta nova ciência trazem o endosso de homens que não saberiam mentir e jamais poderiam ser enganados.

Tal soma de conhecimentos, está enfeixada neste livro."

Grupo Promotor de Estudos Espíritas

O Grupo Promotor de Estudos Espíritas foi constituído na década de 1960 e atuava, em alguns casos, de forma integrada com o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas. Dentre as suas realizações destaca-se a criação e divulgação do "Curso de Espiritismo por Correspondência", escrito por José Herculano Pires e distribuído inicialmente por Miguel Jacintho Filho e, posteriormente, por Paulo Urbini.

É muito provável que o "Curso de Espiritismo por Correspondência" tenha sido a primeira iniciativa dessa natureza no Brasil, visando a divulgação e o entendimento da Doutrina Espírita, conforme esclarece o texto abaixo, encontrado na Internet, no site da Federação Espírita do Paraná:

"Como último capítulo a ser abordado nesta exposição panorâmica e ordenada da bibliografia espírita em língua portuguesa, serão examinadas as obras de teor didático oferecidas aos praticantes da Doutrina Espírita.

Sem dúvida, as obras da Codificação Kardequiana constituem a exposição mais coerente e consistente do conhecimento fundamental do Espiritismo, realizada de uma forma magistral.

Todavia, a maioria dos expositores apresentava aos freqüentadores das sociedades espíritas, principalmente aos iniciantes, por meio de palestras, os rudimentos e apanhados sintéticos de pontos relevantes do conhecimento doutrinário contidos na Codificação, complementando-os com as informações oriundas de outras obras espíritas.

Com difusão do hábito de realizar estudos de assuntos de teor cultural ou profissional em cursos e grupos de estudos na camada mais instruída da população urbana, passou-se a cogitar na realização de estudos doutrinários, também, por esse processo, ao lado das tradicionais palestras.

Assim, a partir da década de sessenta, começaram a surgir os estudos sistemáticos e os cursos, geralmente organizados nos Departamentos de Doutrina dos Centros, segundo programas previamente estabelecidos, com conteúdos dosados e adequados ao público freqüentador, coordenados ou ministrados por expositores.

Tais roteiros foram enfeixados em forma de apostilas e compêndios e passaram a ser publicados pelas entidades federativas e editoras, dos quais o primeiro que o signatário tem notícia foi aquele elaborado, nos meados dos anos sessenta, pelo Grupo Promotor de Estudos Espíritas, de São Paulo, sob a direção de J. Herculano Pires. Depois, apareceram vários" (grifo nosso).

Não é identificado o autor desse texto.

Fonte: Texto Literatura Espírita – Parte LIX (Obras de Teor Didático).

Internet: http://www.mundoespirita.com.br/antigo/jornal/jornal99/literatura_espirita(08).htm

www.mundoespirita.com.br (Órgão de divulgação da Federação Espírita do Estado do Paraná)

Idealização e criação do "Curso de Espiritismo por Correspondência"

O Sr. Miguel Jacintho Filho nasceu em Sorocaba (SP), em 14/09/1923, mudando-se posteriormente para São Paulo. O Sr. Miguel é casado com Dona Nelly Estevam Jacintho, nascida em Piracicaba (SP), em 23/09/1927. Ambos de famílias tradicionalmente espíritas, por volta de 1956 fundaram o Centro de Estudos Espíritas Gethsemani, localizado no Bairro da Saúde, na cidade de São Paulo.

No início dos anos 1960, o Sr. Miguel Jacintho Filho era funcionário da área comercial da empresa Nitroquímica S/A (Grupo Votorantim), cujos escritórios localizavam-se no centro de São Paulo, na Rua 24 de Maio. Nessa época o Sr. Miguel era um entusiasta de movimentos sociais e nacionalistas, inclusive voltados à formação educacional e de cidadania, o que o levou a participar de movimentos na Praça da Sé (como, por exemplo, "O Petróleo é nosso") e a elaborar artigos sobre o tema, muitos dos quais foram publicados no Jornal "O Semanário", do Rio de Janeiro. Dois desses artigos – um intitulado "O Espírita" e outro "A Escola Pública" - chamaram a atenção dos membros do Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, onde conheceu o Sr. José Herculano Pires.

O Sr. Miguel passou a frequentar o Clube dos Jornalistas e Escritores Espíritas, tomando parte das suas ações no universo espírita. Participou, inclusive, da introdução do Espiritismo ao Movimento "Campanha em Defesa da Escola Pública".

Em meados dos anos 1960, com o objetivo de expandir a divulgação do Espiritismo, o Sr. Miguel propôs ao Sr. Herculano Pires a criação de um curso por correspondência. Foi combinado que o Sr. Herculano Pires cuidaria da elaboração do material didático e o Sr. Miguel se encarregaria de todo o resto (datilografia em papel próprio, tiragem de cópias mimeografadas, postagem nos correios, etc) e assim foi feito, dando origem ao "Curso de Espiritismo por Correspondência". Logo depois integrou-se ao Grupo o Sr. Paulo Urbini. O Sr. Miguel conheceu o Sr. Paulo Urbini na Associação Beneficente dos Centros Espíritas do Ipiranga - ABEI, em São Paulo, onde ambos realizavam trabalhos de filantropia. O Sr. Paulo Urbini era um dos dirigentes da ABEI.

O Sr. Paulo Urbini nasceu em São Paulo (SP), em 10/11/1930 e desencarnou em 02/07/2004. Era sócio da Empresa ABEI Indústria Gráfica Ltda. que, durante alguns anos, imprimiu gratuitamente o "Curso de Espiritismo por Correspondência". O Sr. Paulo Urbini foi um dos fundadores e dirigente do Centro Espírita León Denis, localizado na Vila das Merces, em São Paulo. Foi, também, por muitos anos, presidente da Associação Beneficente dos Centros Espíritas do Ipiranga – ABEI.

Não havia nenhum ônus aos participantes do "Curso de Espiritismo por Correspondência", conforme era mencionado na sua introdução:

"Este Curso de Espiritismo por correspondência é totalmente gratuito.

O aluno inscrito não terá nenhuma despesa com taxas, matrículas, material escolar, selos postais ou qualquer outra coisa.

Também não será feito, sob nenhum pretexto, pedidos de colaboração financeira ou em espécie.

Ao inscrever-se o aluno receberá, de cada vez, textos correspondentes a vinte aulas, sendo dez aulas da Série A e dez aulas da Série B, incluindo os questionários que deverão ser respondidos e devolvidos.

Somente serão remetidos novos textos das aulas subsequentes após o recebimento dos questionários relativos às aulas anteriores, devidamente respondidos pelo aluno".

O texto original do Curso era dividido em 2 Séries (A e B), com 30 aulas cada uma.

A estrutura original das aulas estava composta da seguinte forma:

Índice das Aulas da Série A

01 Há Espíritos e eles sobrevivem à morte do corpo
02 A possibilidade dos Espíritos se comunicarem com os homens
03 O Perispírito
04 O Perispírito (continuação da Aula 03)
05 Da Encarnação dos Espíritos – Objetivo da Encarnação
06 Da volta do Espírito à vida corporal
07 Reencarnação – Esquecimento do passado
08 Reencarnação – Providências para a reencarnação
09 Reencarnação – Preparação para o reencarnante
10 Reencarnação – Encontro prévio com os pais
11 Reencarnação – Ligação do Espírito ao óvulo – nascimento
12 Desencarnação – A separação da alma, do corpo
13 Desencarnação – A separação da alma, do corpo (cont. Aula 12)
14 Desencarnação – A separação da alma, do corpo (cont. Aula 13)
15 Desencarnação – Um caso como exemplo
16 Desencarnação – Um caso como exemplo (cont. Aula 15)
17 Desencarnação – Um caso como exemplo (cont. Aula 16)
18 Sensações e sofrimentos dos Espíritos
19 Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos
20 Dois casos como exemplos: influência para o mal e influência para o bem
21 Obsessão e suas causas
22 As origens das obsessões
23 Obsessão – exemplos de causas de obsessões
24 Obsessão – causas que dão origem a

Índice das Aulas da Série B

01 Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – perseverança e serenidade no estudo
02 Allan Kardec – O Codificador do Espiritismo
03 A crença nos Espíritos e na possibilidade de comunicação com os homens
04 A história do Espiritismo – As mesas girantes
05 O Livro dos Espíritos
06 O Livro dos Espíritos (cont. Aula 05)
07 A Codificação Espírita
08 Espiritismo e Espiritualismo
09 Identidade dos Espíritos – Análise das comunicações
10 Linguagem dos Espíritos – Contradições
11 As questões de ortografia
12 A linguagem do pensamento
13 A loucura e o suicídio
14 Do maravilhoso e do sobrenatural
15 Os milagres no sentido teológico – O Espiritismo não faz milagres
16 Religião Espírita
17 Deus
18 Jesus
19 Céu e Inferno
20 Anjos e Demônios
21 Quanto à criação dos Espíritos
22 Quanto à criação dos Espíritos (cont. Aula 21)
23 União do princípio espiritual à matéria
24 Formação dos seres vivos – povoamento da

	obsessões – exemplos
25	Obsessão – Fascinação
26	Obsessão – Subjugação (possessão)
27	Obsessão – O despertar da consciência
28	Obsessão – Sintomas iniciais de obsessão
29	Obsessão – Tratamento de obsessões
30	A Fé transporta montanhas

	Terra
25	Hipótese sobre a origem do corpo humano
26	Conceito de mediunidade
27	Conceito de mediunidade (cont. Aula 26)
28	Suicídio
29	Aborto
30	O Evangelho, segundo o Espiritismo
	Questionários a serem respondidos a respeito das aulas

As perguntas a serem respondidas pelos alunos participantes, ao término de cada conjunto de 20 aulas (10 aulas da série A e 10 aulas da Série B) eram as seguintes:

<u>Questionário das Lições de nºs. 01 a 10, das Séries A e B</u>

1ª pergunta: Admitida a sobrevivência da Alma ou Espírito, será racional não admitir-se a sobrevivência dos afetos? Sim ou não, e porque?

2ª pergunta: Quais os livros que constituem a Codificação do Espiritismo e quando foram editados?

<u>Questionário das Lições de nºs. 11 a 20, das Séries A e B</u>

1ª pergunta: Quando é que o Espírito reencarnante começa a perder, provisoriamente, a memória, no processo de reencarnação?

2ª pergunta: Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?

<u>Questionário das Lições de nºs. 21 a 30, das Séries A e B</u>

1ª pergunta: Qual, basicamente, o objetivo dos Espíritos classificados como obsessores?

2ª pergunta: Como devemos proceder para não sermos atingidos pelos ataques dos Espíritos obsessores?

Segundo o Sr. Miguel, para poderem receber as aulas seguintes, os alunos deveriam responder as questões, por escrito, e remetê-las para o Grupo Promotor de Estudos Espíritas, onde eram avaliadas e corrigidas pelos Srs. Miguel, Paulo Urbini e alguns outros companheiros. Em seguida, as respostas corrigidas eram remetidas aos alunos, acompanhadas de novo conjunto de 20 aulas (10 aulas da série A e 10 aulas da série B). Como já foi dito anteriormente, todas as despesas com datilografia, com tiragem de cópias, envelopamento e postagem nos correios, não acarretavam ônus para os alunos participantes, sendo realizadas totalmente às expensas do Sr. Miguel e, também, dos integrantes do Grupo Promotor de Estudos Espíritas.

A divulgação do “Curso de Espiritismo por Correspondência” era feita através de jornais e outras publicações de natureza espírita.

Por vários anos o “Curso de Espiritismo por Correspondência” foi conduzido da forma acima descrita, pelos Srs. Miguel Jacintho Filho e Paulo Urbini. Segundo informação do Sr. Miguel nesse período foram distribuídos, pelo método de correspondência, aproximadamente 1.800 exemplares do “Curso de Espiritismo por Correspondência”, tendo como destinatárias cidades do Brasil, América Latina, Europa e África.

Com o decorrer do tempo, em consequência da evolução dos meios de comunicação e, também, da falta de elementos materiais e humanos para sua manutenção adequada, o “Curso de Espiritismo por Correspondência” acabou não tendo sequência, sendo interrompido temporariamente.

Retorna, agora, com nova forma de apresentação e de divulgação que, moldados aos tempos atuais, certamente voltará a representar fonte inicial de estudos e de conhecimentos para todos os interessados na Doutrina Espírita.